

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO**

**AS IMAGENS DA CULTURA NEGRA UTILIZADAS EM SALA DE AULA  
COMO REFLEXO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR:**

**Um estudo sobre a prática e a formação dos professores de História, Arte e  
Língua Portuguesa**

**São Paulo  
2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO**

**AS IMAGENS DA CULTURA NEGRA UTILIZADAS EM SALA DE AULA COMO  
REFLEXO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR:**

**Um estudo sobre a prática e a formação dos professores de História, Arte e Língua  
Portuguesa**

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como parte das  
exigências para a obtenção título de Mestre em  
Educação, Arte e História da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro de Araújo

**São Paulo**  
2007

**FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO**

**AS IMAGENS DA CULTURA NEGRA UTILIZADAS EM SALA DE AULA COMO  
REFLEXO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR:**

**Um estudo sobre a prática e a formação dos professores de História, Arte e Língua  
Portuguesa**

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como parte das  
exigências para a obtenção título de Mestre em  
Educação, Arte e História da Cultura.

Aprovada em     /     / 2008

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro de Araújo**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

**Prof. Dr. Arnaldo Daraya Contier**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Clotilde Perez Rodrigues Bairon Sant'Anna.**  
Universidade de São Paulo

Com um olho no passado e outro no futuro, dedico esse trabalho aos professores que me ajudaram com sua inteligência e incentivo a despertar o que há de melhor em mim:

Suelene Fernandes Perez, Cristiane Wosniak, Margarida Gandara Rauen e Martin Cezar Feijó

E aos meus pequeninos sobrinhos:

Pedro Felipe Carvalho Branco e Miguel Carvalho Cordeiro

## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Paulo Roberto Monteiro de Araújo, orientador sábio, atento, perspicaz, bem-humorado e que transforma qualquer situação em conhecimento autêntico.

Aos amigos que me ajudam a exercitar o amor e que me fortalecem em momentos de ventos e tempestades:

Odair Ortega, Janaína Augusto da Silva, Dayse Martins dos Santos, Dulcilei da Conceição Lima, Eduardo Costa, Maurício Cardoso, Gilberto Garcia da Costa Junior, Sérgio Luiz da Cunha, Elias Cândido de Oliveira, Ana Gozzato e Marcelo Cardoso.

Ao Dr. Arnaldo Daraya Contier e a Dr<sup>a</sup> Maria Clotilde Perez Rodrigues Bairon Sant'Anna, que colaboraram muito a partir das suas observações firmes e lúcidas.

À Dr<sup>a</sup> Petra Sanchez, pelo apoio e confiança.

À Dr<sup>a</sup> Ingrid Hötte Ambrogi, que me aceitou como estagiário na disciplina de Metodologia da Arte no curso de Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Aos amigos Rodrigo Jaime Viegas e Jonas Camargo Eugenio que trouxeram fôlego novo ao meu dia-a-dia.

Aos queridos Fábio dos Anjos Rezende, Renato Aparecido Gomes, Cibele Regina de Carvalho pela ajuda na finalização desse trabalho.

À minha família, que de Foz do Iguaçu me acompanha e me guia com amor e respeito.

À todos os professores participantes dessa investigação e à equipe do Colégio Notre Dame.

Ao Mackpesquisa- Fundo Mackenzie de Pesquisa e Universidade Presbiteriana Mackenzie através da bolsa CAPES de pesquisa.

“Quem sou eu?” Esta pergunta não é necessariamente respondida pelo nome e genealogia. O que nos responde de fato essa interrogação é uma compreensão daquilo que tem importância crucial para nós. Saber quem sou é uma espécie de saber em que posição me coloco. Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou o horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho. Em outros termos, trata-se do horizonte dentro do qual sou capaz de tomar uma posição.

Charles Taylor

## RESUMO

A partir da discussão multiculturalista do filósofo Charles Taylor sobre a questão da identidade, essa pesquisa investiga como as ações humanas e os posicionamentos morais dos professores interferem na abordagem que fazem do negro no cotidiano escolar. Concentra-se na análise das imagens e dos temas afro-brasileiros utilizados pelos professores de História, Arte e Língua Portuguesa da cidade de São Paulo e região metropolitana. Procura esclarecer como as questões multiculturais interferiram no Direito, através das políticas de ações afirmativas e problematiza o conceito de cultura e o espaço que ela tem na escola e na formação dos professores. Aborda as representações dos negros nos livros didáticos e de como a sua identidade foi construída no Brasil através da arte, da imprensa e do debate político. A investigação constata que a capacidade dos professores de se pensar como indivíduo é amplamente determinada por suas interações e experiências sociais. A percepção que eles possuem deles mesmos depende de estruturas cognitivas, afinidades comuns e outras qualificações inscritas num cenário que surge das interações com os diversos grupos sociais. É justamente essa percepção que faz com que diferentes professores façam diferentes tipos de seleção no interior da cultura e comprova que o modo pelo qual a informação é selecionada está ligada às crenças e valores que orientam suas vidas.

Palavras-chave: Identidade do professor. Cultura Afro-brasileira. Imagens. Escola.

## **ABSTRACT**

Charles Taylor's multiculturalist discussion about identity is the starting point for this research, which investigates how the human actions and the teacher's moral positions turns out to interfere into the way the negroes issue are taught in schools. It's focused upon the analysis of images and "afro-brazilian" themes brought to classes by professors who teach history, arts and portuguese in the city of São Paulo and its metropolitan region. The research tries to explain how the multicultural issues interfere in the law, through positive political actions. It also doubts the meaning of culture and the way it affects schools and teacher's background. In addition, this work presents the different manners negroes are viewed in didatic books and how their identity was built in Brazil through the arts, the press and the political debate. The investigation concludes that teacher's ability to think themselves as individuals is largely determined by their interactions and social experiences. The perception those teachers have about themselves depends on cognitive structures, similar interestings and other qualifications, which happen in a scenario raised by different social groups interactions. It's exactly that perception the resposable for so different choices inside the culture, made by so different teachers. To sum up, it turns out to prove that the way information is selected is directly connected to the values which guide their lives.

Keywords – Teacher's identity. "Afro-brazilian" culture. Images. School.

## SUMÁRIO

### **1. O TRAJETO DA PESQUISA**

1.1. INTRODUÇÃO, 11

1.2. O DEBATE SOBRE A IDENTIDADE NEGRA E A ESCOLA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA, 15

1.3. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO, 18

1.4. CRITÉRIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS, 19

1.5. CORPUS, 22

1.5.1. O universo da pesquisa, 22

1.5.1.1 O questionário de entrevista, 25

1.5.2. Os livros didáticos analisados, 27

### **2. O MULTICULTURALISMO**

2.1. ORIGENS HISTÓRICAS DO MULTICULTURALISMO, 39

2.2. AS AÇÕES AFIRMATIVAS NO BRASIL, 43

2.3. OS PROFESSORES ENTREVISTADOS E A QUESTÃO DAS COTAS, 48

2.4. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE, 54

### **3. A CULTURA NO CURRÍCULO ESCOLAR E NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES**

3.1. A ORIGEM DA PALAVRA CULTURA E A FORMAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA, 66

3.2. A CRÍTICA AO CURRÍCULO E O LUGAR DA CULTURA NA ESCOLA, 76

3.3. O PROFESSOR COMO SUJEITO POLÍTICO E AS TRANSFORMAÇÕES IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR NO BRASIL, 82

## **4. UM PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A IMAGEM DO NEGRO E A SUA UTILIZAÇÃO NA ESCOLA**

4.1. A IMAGEM NO DEBATE MULTICULTURAL E O USO DAS IMAGENS NA SALA DE AULA, 94

4.2. A CONSTRUÇÃO DO OLHAR EUROPEU SOBRE A ÁFRICA, 103

4.3. O NEGRO NA VIDA PÚBLICA BRASILEIRA, 108

4.3.1. A idéia de raça no século XIX e o negro na imprensa brasileira, 112

4.4. SÉCULO XX – A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA E UM NOVO IDEÁRIO NACIONAL, 118

4.4.1. A presença da temática religiosa na imagem do negro, 123

4.5. A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IMAGEM DO NEGRO NO BRASIL, 125

## **5. CONCLUSÃO, 128**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 132**

## **ANEXOS, 141**

## 1 O TRAJETO DA PESQUISA

O objetivo desse capítulo é explicitar o percurso teórico e metodológico da investigação proposta. Inicialmente, situa a discussão sobre a identidade e os direitos políticos da população afro-descendente no Brasil dos anos setenta, que teve como inspiração o movimento pelos direitos civis dos negros americanos ocorridos na década anterior. Episódio que é considerado decisivo para o surgimento da problemática multicultural e do debate sobre o reconhecimento político de diversos grupos sociais. Em seguida, retoma o debate sobre a identidade negra e a escola na produção acadêmica brasileira, apontando os temas mobilizadores e os caminhos trilhados pelos pesquisadores.

Após introduzir o leitor no universo da pesquisa, esse capítulo fundamenta a investigação e esclarece os seus objetivos e seus critérios teórico-metodológicos. Enfatizando que o percurso será desenvolvido a partir da análise das entrevistas realizadas com os professores das disciplinas de História, Arte e Língua Portuguesa tendo como suporte a bibliografia consultada.

### 1.1 INTRODUÇÃO

A partir dos anos setenta do século passado, o Brasil presenciou, de um modo mais contundente, o surgimento do debate sobre a identidade e os direitos políticos do negro no interior da dinâmica das relações políticas da nossa sociedade. Anteriormente, no século XIX, a questão do negro estava centrada no direito a liberdade e na luta contra as formas veladas de racismo, que impediam a ascensão social dos negros. Já no século XX, com a obra *Casa Grande & Senzala* (1933) de Gilberto Freyre, surge no pensamento sociológico uma tentativa de resgate

no que se refere à contribuição do negro para a construção da identidade sócio-cultural do país. Para Freyre, as relações travadas entre a casa grande (espaço do senhor) e a senzala (espaço do escravo) é interpretada como positiva, no sentido de criar uma forma de equilíbrio social no interior da sociedade brasileira. Com a publicação do referido livro, a imagem do negro modificase, pois da lamentação e do defeito, tal imagem passa para o plano da exaltação e da harmonia espiritual. O negro e, principalmente, o mulato aparece como a realização expressiva da identidade sócio-cultural brasileira, por meio de qualidades como alegria e despojamento, a ginga e o ritmo musical, a tolerância religiosa e a predominância da amizade e da solidariedade nas relações cotidianas. Características que até hoje permeiam as representações e as imagens sobre os negros na sociedade brasileira. Por outro lado, estas características tendem a esconder formas ideológicas que insistem em não reconhecer o negro, em suas expressões culturais e sociais, no que se referem às suas particularidades.

A retomada da questão étnica no Brasil dos anos setenta ocorre devido a luta dos movimentos sociais e a persistência da comunidade negra, tendo como inspiração o movimento pelos direitos civis nos EUA. Segundo Semprini (1999), o movimento americano surgido nos anos sessenta, com o objetivo prioritário de pôr fim a segregação racial nos estados do Sul, é o ponto de partida para a elaboração do multiculturalismo. No entanto, o debate promovido por ele não se limitou aos Estados Unidos, passando a ser difundido na Europa e América do Sul no início dos anos noventa.

O multiculturalismo pode ser analisado como um sintoma indicador de uma mudança das práticas políticas de grande importância no interior das sociedades ocidentais contemporâneas. A perda de referenciais por parte de numerosos grupos sociais, foi uma das causas principais das reivindicações identitárias e culturais. Confrontados com a perda de elos referenciais significativos, no campo dos valores histórico-culturais, os negros passam a procurar as suas

raízes identitárias, que se encontram difundidas no espaço social de modo impreciso e sem autenticidade. Não é sem razão que o multiculturalismo traz à tona as reivindicações de determinadas minorias para que sua especificidade e sua identidade sejam reconhecidas no espaço político. Uma das conseqüências das reivindicações políticas das minorias é a criação de leis, que podem incidir na simples concessão de direitos ou privilégios especiais até à concessão de formas de autonomia política e governamental.

No Brasil ganham destaque os inúmeros projetos de implantação das chamadas políticas de ações afirmativas para a população negra e afro-descendentes. No início de 2003 foi sancionada pelo Presidente da República a Lei Federal n.º 10.639 de 09 de janeiro do referido ano, que altera a Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), determinando a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Apesar do avanço desta lei para o processo de reconhecimento da cultura e história afro-brasileira, ela por si só não é suficiente para implementar as mudanças necessárias de realização das políticas almejadas. Eis o motivo de ela ganhar uma espécie de reforço de dois documentos: o Parecer do Conselho Nacional de Educação – Câmara Plena (CNE/CP) n.º 03, de 10 de março de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e a Resolução do Conselho Nacional de Educação – Câmara Plena (CNE/CP) n.º 01, de 17 de junho de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Esses documentos estabelecem a fundamentação legal para que se instaure em todas as instituições escolares públicas e privadas do país, o estudo da História e da Cultura das populações africanas e afro-brasileiras. Além das escolas, deseja-se que tais estudos referentes a

história e a cultura das populações africanas e afro-brasileiras faça parte do currículo de todos os cursos de formação de professores em todo território nacional.

O ensino sistemático de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, refere-se em especial, aos componentes curriculares de Arte, Língua Portuguesa/Literatura e História do Brasil. Isso ocorre pela abrangência de temas presentes nessas disciplinas, além do uso de estratégias variadas como a arte, a música e as imagens.

Acredita-se que a análise das imagens referentes aos temas africanos e afro-brasileiros utilizadas pelos professores mostre como ocorre o reconhecimento do outro, já que os indivíduos e os diversos grupos dão sentido ao mundo por meio de formas representacionais que elaboram sobre aquilo que é percebido tanto em si como no outro.

Os teóricos do multiculturalismo também afirmam que a imagem colabora no processo de reconhecimento, já que a produção de identidades é sempre dada com relação a uma alteridade com a qual se estabelece a relação de convivência. Os outros, que marcam a diferença, são múltiplos, tais como os recortes de pertencimento identitário podem ser também variados e se sobrepor em uma mesma pessoa.

Ao analisarmos as imagens dos negros no Brasil, inevitavelmente, chegaremos em quem as produziu e em quem as escolheu. E nessa relação é possível percebermos que as imagens estendem-se além do outro que é visto, porque contam sobre a identidade e as ações morais que orientam aquilo que somos, no sentido de nos dar formas de avaliação para aquilo que vemos e sentimos. Daí o cuidado que devemos ter para avaliar as imagens que elaboramos do outro. No caso, o cuidado que o professor deve ter nessa nova ordem educacional fundada em um currículo que traz à tona o universo da imagem cultural negra.

## **1.2 O DEBATE SOBRE A IDENTIDADE NEGRA E A ESCOLA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA**

A discussão sobre a identidade negra e da existência do racismo na escola fez parte de diversos estudos apresentados por cientistas sociais, educadores e militantes do movimento negro desde os anos setenta. Esses estudos apontaram a profunda marginalização dos setores populares e, em especial, dos negros, e contribuíram para a construção de uma corrente que identificava as desigualdades entre negros e brancos, em termos de relações raciais (HASENBALG, 1979; ROSEMBERG, 1997; SILVA, 1988). Consorte (1991), observa que muitos dos trabalhos produzidos nos anos setenta e oitenta foram realizados principalmente por pesquisadores negros. Para Consorte, a presença do negro como investigador de sua problemática traz consigo a crítica sobre tudo o que se produzia a seu respeito, fazendo com que o negro evoque para si não apenas a reflexão, mas também formas de atuação capazes de reverter sua situação no interior da sociedade brasileira. Denunciando as discriminações a que os negros eram submetidos, enfatizando os prejuízos de que eram vítimas dentro do sistema educacional brasileiro.

Desde os primeiros anos da década de oitenta, dois aspectos vêm sendo abordados com ênfase: o livro didático e o currículo escolar. No que tange ao livro didático, os estudos mostraram a sedimentação de papéis subalternos e a solidificação de estereótipos racistas, protagonizados pelas personagens negras. Apontou-se que essas práticas afetavam crianças e adolescentes negros e brancos em sua formação, destruindo a auto estima do primeiro grupo e cristalizando, no segundo, imagens negativas e inferiorizadas da pessoa negra (SILVA, 2001; BARCELOS, 1992; COSTA, 1983; GONÇALVES & GONÇALVES E SILVA, 1998; MUNANGA, 1999; NEHRÃO, 1988).

No que se refere aos currículos escolares, chamou-se a atenção para a ausência dos conteúdos ligados à cultura afro-brasileira e a história dos povos africanos no período anterior aos sistema escravista colonial. Houve algumas iniciativas de inclusão destes temas nos currículos formais de certas escolas ou mesmo de redes de ensino de algumas cidades brasileiras, como Florianópolis e Salvador. Entretanto, esbarrou-se no problema da falta de formação dos professores para tratar essas questões em sala de aula (LIMA, 1999; ROMÃO, 1999; BENTO,1999; CAVALLEIRO, 2000; SOUZA,2001).

Em 1990 com a criação do Grupo de Trabalho Afro-Brasileiros e Educação, na ANPED- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, as questões relativas a cultura negra na escola e do racismo começam a aparecer com frequência na discussão acadêmica. Analisando os artigos produzidos pelos pesquisadores do Grupo de Trabalho Afro-Brasileiros e Educação percebe-se que a maioria das pesquisas sobre relações étnico-raciais apontam problemas de relacionamento do aluno negro no espaço escolar ocasionadas pelo seu pertencimento étnico. Tais fatos podem ser observados desde a educação infantil, como aponta o trabalho de Cavalleiro (2000), que em sua pesquisa com crianças de 4 a 6 anos mostra que as crianças negras já apresentam uma identidade negativa e são alvos de atitudes preconceituosas, que são percebidas , porém, não trabalhadas pelos professores. Dados que também aparecem em Souza (2002), que afirma que o educador depara-se frequentemente com uma série de evidências das questões raciais e do preconceito, tendo ou não clareza delas, e algumas vezes utiliza práticas do senso comum, que, segundo a autora, podem até mesmo reforçar o racismo.

A questão do racismo e das idéias que legitimaram durante muito tempo a inferiorização do negro foi um dos objetivos de Ribeiro (2005), que identificou em sua recente tese de doutorado as principais interpretações possíveis sobre a situação da população negra na sociedade brasileira. A autora construiu um retrospecto histórico dos estudos sobre o negro brasileiro a

partir do recolhimento, da leitura e análise de 101 pesquisas, teses e dissertações produzidas e defendidas em Programas de Pós-graduação *strictu sensu* no Brasil no período que compreende os anos setenta até o primeiro semestre de 2004. Os dados mostraram que a Universidade de São Paulo com 18,8% foi a instituição que mais produziu pesquisa sobre o negro e a educação no país, seguida pela Universidade Federal de Minas Gerais com 10,8% da produção nacional e logo após encontramos a Universidade Federal da Bahia com 9,9%. Podemos perceber ainda que 8,8% destas investigações foram produzidas em instituições públicas contra 12% que foram produzidas em instituições particulares.

Uma outra indagação respondida pelo trabalho de Ribeiro (2005) é sobre o que estes pesquisadores investigaram nestes trinta e quatro anos. A análise dos dados mostraram que esses trabalhos constituíram uma diversidade de interesses, explorando espaços e situações que extrapolam o espaço do sistema educacional. Assim, temos pesquisas que analisam: grupos culturais de matriz africana; vida e trajetória de mulheres negras; territórios/comunidades de predominância afro-descendentes (rurais e urbanas); biografias de personalidades negras; movimentos sociais negros; rede mundial de computadores; dados oficiais de organizações governamentais brasileiras e bibliografias sobre o negro brasileiro e a recepção da arte africana. Já outros pesquisadores se dedicaram à análise do interior das instituições educacionais e constataram que estas instituições penalizam sobremaneira a população negra. As pesquisas analisadas tinham como objeto de investigação as crianças e os adolescentes negros; os rituais pedagógicos de professores; as relações entre grupos raciais presentes no interior da escola; o livro didático; os currículos; os cursos pré-vestibulares para negros e carentes; o ensino superior; os PCNS (Parâmetros Curriculares nacionais); a LDB (Lei Diretrizes e bases da Educação) e os Temas transversais.

Nos trabalhos acadêmicos mais recentes ou que estão em andamento aparece um novo tema mobilizador: as cotas raciais e as políticas de reparações. Entendemos que a implementação de cotas se insere no âmbito das Ações Afirmativas e coloca em discussão a questão da identidade étnica, cultural e social da população brasileira. Na contemporaneidade, o debate tem assumido contornos distintos em diferentes espaços e instâncias sociais, sobretudo, nos meios acadêmicos – onde as cotas tem sido ponto de debates e polêmicas, defesa e também resistência.

A relevância de nossa investigação é que ao focarmos a identidade do professor através do uso que ele faz em sala de aula da imagem do negro, estaremos contribuindo não somente para o reconhecimento da sua própria identidade, mas de como ela interfere no olhar sobre o outro. Ao concentrarmos nas ações morais que orientam a prática dos educadores, estaremos, inevitavelmente, pensando em todas as esferas que interferem nas suas ações, tal como a sua experiência de escolarização; a formação profissional e o seu exercício profissional. Porém, só conseguiremos investigar as experiências individuais a partir do momento que lançarmos um olhar mais amplo sobre a sociedade que nos cerca, sendo assim, um diálogo com a história e com as políticas públicas que orientam a prática dos professores é fundamental e necessário.

### **1.3 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO**

Inicialmente, objetiva-se com a presente investigação colaborar no processo de reconhecimento da identidade do professor de História, Arte e Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio por meio da análise das imagens do negro que ele adota em suas aulas. Partimos da hipótese que as representações imagéticas e os discursos adotados pelos professores podem mostrar como eles reconhecem tanto a si mesmo como os outros, já que os indivíduos são como diz Charles Taylor, animais interpretativos de si e do mundo. Acreditamos também, que ao

investigarmos a prática dos professores, deparamo-nos com a problemática da formação pedagógica e política desses profissionais.

As *representações* são um conceito-chave na recuperação das dimensões culturais realizadas nos anos oitenta pelo multiculturalismo, por que elas são uma construção interpretativa da realidade feita por meio de valores, imagens e práticas dotadas de significados que os homens elaboram a partir de concepções de mundo. Tais *representações* são também portadoras de símbolos que expressam significados elaborados na esfera tanto social como histórica e que, internalizam-se na vida comunitária por meio de valores e modos específicos de se avaliar as questões conflituosas que surgem na convivência humana.

Compreender as *representações* e os diversos discursos que durante toda a história do Brasil fizeram parte da abordagem do negro e de sua identidade e de como aparecem no cotidiano escolar é outro objetivo desse trabalho, além de investigarmos como a implantação da Lei nº 10.639/2003 afeta o currículo escolar, já que ela traz o debate sobre o papel da cultura na escola e na formação dos professores.

#### **1.4 CRITÉRIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

O trabalho parte da discussão multiculturalista do filósofo canadense Charles Taylor sobre a questão da identidade e do reconhecimento para compreender as ações dos professores no cotidiano escolar. Taylor afirma que as configurações morais expressam valores e determinam o posicionamento dos indivíduos no espaço público.

A própria capacidade de um indivíduo de se pensar como tal e definir as qualificações desta individualidade é amplamente determinada por suas interações e experiências sociais. A identidade do indivíduo vai se constituindo pelo contato com o outro e por meio de uma troca

contínua que permite ao seu eu – o self – estruturar-se e definir-se pela comparação e pela diferença, num processo de reconhecimento.

Para Taylor, como já dissemos no início do trabalho, a ação nunca é neutra, e por meio dela o professor se mostrará sujeito e revelará suas idiossincrasias pessoais. Assim, a pesquisa pretende investigar como a identidade do professor interfere na escolha das imagens e dos temas afro-brasileiros utilizados na sala de aula. Para isso, será realizado entrevistas com professores, que será detalhada no *corpus* do trabalho, sobre o seu percurso escolar, de formação e de exercício profissional, além, da coleta de informações sobre as imagens utilizadas na sua prática pedagógica.

O ministério da Educação, através da promulgação da lei. 10.639/2003, obriga o ensino sistemático de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, referindo-se em especial, aos componentes curriculares de Arte, Língua Portuguesa/Literatura e História do Brasil. Portanto, são os professores dessas disciplinas os sujeitos dessa pesquisa.

Utilizaremos a pesquisa qualitativa pressupondo que os sujeitos participantes da investigação possuem um conhecimento prático, de senso comum e representações elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais. Serão entrevistados oito professores de cada componente curricular, totalizando vinte e quatro entrevistas, incluindo profissionais tanto da rede pública como privada, procurando compreender como é abordada a identidade negra nos conteúdos específicos e como são utilizadas as imagens que se relacionam ao tema da cultura africana e afro-brasileira.

Este trabalho preocupa-se em investigar como o professor escolhe, analisa e aborda as imagens em sala de aula, portanto, estará próxima da abordagem da história cultural (BURKE, 2004), utilizando a história e a leitura das imagens como exercício de alteridade.

Para conseguirmos responder as questões levantadas nesse trabalho, a dissertação foi estruturada em quatro capítulos:

O primeiro capítulo explicita a proposta de investigação, fundamenta a pesquisa e delinea seus objetivos e critérios teórico-metodológicos. Enfatiza que o percurso será desenvolvido a partir da análise das entrevistas realizadas com os professores das disciplinas de História, Arte, Língua Portuguesa/Literatura, tendo como suporte as idéias do filósofo Charles Taylor, a Teoria Crítica dos Conteúdos e a abordagem imagética realizada por Edward W. Said e Peter Burke.

O segundo capítulo é centrado nas origens do multiculturalismo, compreendendo o seu contexto histórico-social e as suas reivindicações identitárias e políticas. Procurando esclarecer como as discussões multiculturais interferem no Direito, através de políticas afirmativas e de como as idéias do filósofo Charles Taylor colaboram nas questões do reconhecimento individual e ajudam a compreender as Ações Afirmativas no Brasil.

No terceiro capítulo investigamos as transformações ocorridas na escola em razão do multiculturalismo e da Teoria Crítica dos Conteúdos. Contrários à alegação conservadora de que as escolas transmitem conhecimento objetivo, críticos como SACRISTÁN (1998), FORQUIN (1993), GIROUX (1997), KINCHELOE (1997), LIBÂNEO (1985), desenvolveram teorias do currículo oculto, como as teorias da ideologia, que identificam os interesses que subjazem às diferentes formas de conhecimento. A partir das idéias desenvolvidas por esses autores, trazemos a discussão sobre o conceito de cultura e o espaço que ela tem na escola e na formação profissional dos professores, partindo do pressuposto que o currículo e a ação dos professores não são neutras e refletem valores morais e políticos.

No quarto capítulo abordamos as representações no debate multicultural, o uso das imagens dos negros na sala de aula, a construção do olhar europeu sobre a África e os africanos e de como a identidade do negro foi construída no Brasil a partir da arte, da imprensa e do debate

político. Analisa as entrevistas realizadas com os professores e procura entender como as escolhas morais dos profissionais direcionam a sua prática profissional e, principalmente, refletem na abordagem que fazem do negro e da cultura africana e afro-brasileira no cotidiano escolar.

A análise do corpus, centrada nas entrevistas realizadas, nos livros didáticos, e nas imagens dos temas africanos e afro-brasileiros utilizadas pelos professores na sala de aula será realizada no decorrer de cada capítulo a partir da delimitação dos temas. Acreditamos que aproximando o trabalho empírico ao teórico poderemos produzir um conhecimento mais sólido e revelador dos mecanismos que regem a prática dos professores e da sua relação com a história e com a sociedade.

## **1.5 CORPUS**

O núcleo documental para a realização dessa pesquisa é resultado dos seguintes procedimentos: entrevistas gravadas em áudio com os professores participantes dessa investigação; análise dos livros didáticos utilizados por esses professores; pesquisa bibliográfica e iconográfica.

**1.5.1 O universo da pesquisa** é formado por vinte e quatro professores das disciplinas de História, Língua Portuguesa/Literatura e Arte, sendo oito entrevistados de cada disciplina. Dez profissionais da rede privada e catorze da rede pública, oriundos das cidades de São Paulo, Osasco, Mogi das Cruzes, Franco da Rocha e Cajamar. Alguns entrevistados lecionam na mesma instituição de educação, portanto, temos representados dezoito unidades escolares. A idade dos entrevistados estende-se dos 26 aos 61 anos, tendo dezoito mulheres e seis homens. Dos vinte e quatro entrevistados, dezoito declararam-se brancos, quatro negros, um pardo e um amarelo.

Abaixo duas tabelas que ajudam a visualizar a população da pesquisa:

**TABELA I**

<b>ENTREVISTADO</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>ESCOLA ONDE LECIONA</b>	<b>BAIRRO/CIDADE</b>
01	História	Escola Estadual Beatriz de Quadros Leme	Parque Fernanda
02	História	Centro de Ensino São José	Jardim Bonfiglioli
03	História	Colégio Notre Dame	Sumaré
04	História	Escola Estadual Prof. José Liberatti	Centro/OSASCO
05	História	Escola Estadual Galdino P. Franco	Brás Cubas – MOGI DAS CRUZES
06	História	EMEI Tiradentes	Guaianazes
07	História	Colégio Franciscano Stella Maris	Pinheiros
08	História	Colégio Notre Dame	Sumaré
09	Arte	Colégio Renascença	Santa Cecília
10	Arte	Escola Estadual Rui Bloem	Mirandópolis
11	Arte	EMEF Castro Alves	Jardim Elisa Maria
12	Arte	Escola Estadual Luiz Simonato	Jd. Luciana – FRANCO DA ROCHA
13	Arte	Centro de Ensino São José	Jardim Bonfiglioli
14	Arte	EMEF República do Panamá	Polvilho - CAJAMAR
15	Arte	E. Estadual Professora Lygia de Azevedo	São Judas
16	Arte	Liceu Camilo Castelo Branco	Itaquera
17	Língua Portuguesa/Lit.	EMEF Euclides de Oliveira Figueiredo	Vila São Francisco
18	Língua Portuguesa/Lit.	Escola Estadual Antônio Raposo Tavares	Centro - OSASCO

19	Língua Portuguesa/Lit.	EMEF Prof. Antônio Carlos Carvalho	Jordanésia - CAJAMAR
20	Língua Portuguesa/Lit.	EMEF Prof. Antônio Carlos de Carvalho	Jordanésia - CAJAMAR
21	Língua Portuguesa/Lit.	E. E. Beatriz de Quadros Leme	Parque Fernanda
22	Língua Portuguesa/Lit.	Colégio Notre Dame	Sumaré
23	Língua Portuguesa/Lit.	Escola São Vicente de Paulo	Parque Fernanda
24	Língua Portuguesa/Lit.	Colégio Notre Dame	Sumaré

TABELA II

SEXO	DATA DA ENTREVISTA	IDADE	COR	ATUAÇÃO
01 - Feminino	27/03/2007	33	Branca	6ª série/Ensino Médio (Supletivo)
02 - Feminino	02/04/2007	28	Negra	8ª série/Ensino Médio
03 - Feminino	19/04/2007	61	Branca	Ensino Médio
04 - Masculino	22/04/2007	34	Branca	8ª série/Ensino Médio
05 - Feminino	30/04/2007	38	Branca	7ª e 8ª série
06 - Masculino	06/05/2007	51	Negra	5ª a 8ª série
07 - Masculino	07/05/2007	53	Branca	5ª a 8ª série/Ensino Médio
08 - Feminino	28/06/2007	26	Branca	Ensino Médio
09 - Feminino	12/04/2007	57	Amarela	7ª e 8ª série
10 - Feminino	02/05/2007	49	Branca	5ª a 8ª série/Ensino Médio (EJA)
11 - Feminino	03/05/2007	36	Branca	5ª a 8ª série
12 - Masculino	06/05/2007	36	Branca	8ª série/Ensino Médio
13 - Masculino	15/05/2007	40	Negra	5ª a 8ª série
14 - Feminino	26/05/2007	33	Negra	5ª a 8ª série (EJA)

15 - Feminino	26/05/2007	30	Branca	5ª e 6ª série/1º e 2º Ano do E. Médio
16 - Masculino	03/06/2007	31	Branca	Ensino Médio
17 - Feminino	28/03/2007	51	Branca	Ensino Médio
18 - Feminino	13/04/2007	28	Branca	7ª série/3º Ano do Ensino Médio
19 - Feminino	25/04/2007	31	Branca	5ª e 6ª série
20 - Feminino	04/05/2007	45	Branca	5ª a 7ª série
21 - Feminino	03/06/2007	28	Branca	Ensino Médio
22 - Feminino	24/06/2007	42	Branca	5ª a 8ª série
23 - Feminino	27/06/2007	44	Branca	5ª a 8ª série/Ensino Médio
24 - Feminino	27/06/2007	44	Parda	5ª a 8ª série/Ensino Médio

**1.5.1.1** As entrevistas foram realizadas entre os dias 27 de março à 27 de junho de 2007. O material resultante dessas entrevistas é o suporte para o nosso trabalho, e quando elas aparecerem no texto do trabalho, os entrevistados serão identificados pelo número correspondente tanto na Tabela I, quanto na II. Para conseguirmos responder as questões levantadas na investigação, dividimos o **questionário de entrevista**<sup>1</sup> em cinco eixos temáticos.

**01) Identificação do profissional e da escola onde ele trabalha** – Nesse eixo a ênfase recai sobre o conceito e a representação do negro para o sujeito e a presença de afro-descendentes<sup>2</sup> na equipe escolar onde atua;

<sup>1</sup> O questionário de entrevista encontra-se em anexo. Tal como todas as vinte e quatro entrevistas gravadas e transcritas.

<sup>2</sup> No decorrer do trabalho é utilizada com maior frequência a palavra *negro* ao referirmos aos descendentes de africanos. Essa escolha foi feita por ser esse termo o mais utilizado na literatura consultada, um dos motivos é devido a palavra afro-descendente ter ganho representatividade política recente. Portanto, nas entrevistas adoto esse termo por ele ser uma categoria que inclui tanto as pessoas consideradas negras como as consideradas mestiças, e principalmente porque o texto da Lei. 10.639/2003 recomenda a sua utilização quando nos referirmos as discussões contemporâneas.

**02) No tempo de estudante no Fundamental II e Ensino Médio** – Aqui procuramos saber quais foram os temas da cultura africana e afro-brasileira que tiveram contato na escola e como as experiências escolares e as estratégias utilizadas pelos antigos professores interferiram na sua maneira de perceber a questão étnico-racial;

**03) Durante a sua formação universitária** – Nesse item investigamos como se deu a sua formação profissional e como foi o preparo para a abordagem dos temas da cultura africana e afro-brasileira na escola;

**04) Sobre formação paralela ou continuada** – Esse eixo temático parte da afirmação de que o exercício profissional não é composto apenas da formação superior ou da prática pedagógica, e sim, de todos os contatos sociais. Portanto, ele procura analisar como os temas referentes à cultura negra aparecem e são vistos pelos sujeitos, tal como a religiosidade, a arte, a cultura e a questão das políticas afirmativas;

**05) Sobre a prática profissional** – Essa última parte interroga como os professores utilizam as imagens do livro didático; quais são os critérios na escolha dos temas e das imagens referentes à cultura africana e afro-brasileira e quais desses temas são, para eles, os mais relevantes na educação dos alunos; a presença de ações preventivas contra o preconceito e racismo no seu planejamento escolar. Nessa parte, os professores apontam as imagens que geralmente levam para a sala de aula e comentam sobre o que desejam que os seus alunos percebam na análise iconográfica.

**1.5.2 Os livros didáticos utilizados pelos professores** entrevistados serviram tanto para ilustrar o capítulo específico sobre a imagem do negro, como para fundamentar as questões relativas ao seu uso na sala de aula. Após as entrevistas, chegamos aos seguintes livros:

Livros didáticos de História:

ARRUDA, José Jobson de. PILETTI, Nelson. Toda a História: História Geral e História do Brasil. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BARBEIRO, Herodóto. CANTELE, Bruna Renata. SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. História: de olho no mundo do trabalho. São Paulo: Scipione, 2005.

MOCELLIN, Renato. CAMARGO, Rosiane. Passaporte para a História. São Paulo: Editora do Brasil, 2005. Obra em 4 v. para alunos do Fundamental II.

SCHMIDT, Mário. Nova História Crítica. São Paulo: Editora Nova Geração, 2005.

VICENTINO, Cláudio. DORIGO, Gianpaolo. História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2006

Livros didáticos de Língua Portuguesa/Literatura:

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Editora Atual, 2006. 3º edição. 4 volumes.

DE NICOLA, José. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2005.

Livros didáticos de Arte:

BRIOSCHI, Gabriela. Arte hoje. Obra em 4 volumes. São Paulo: FTD, 2003.

HADDAD, Denise Akel. MORBIN, Dulce Gonçalves. A Arte de Fazer Arte. Obra em 4 volumes – 2 edição. São Paulo: Saraiva, 2004.

PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Ática. Edição. 2003.

PROENÇA, Graça. Descobrimo a História da Arte. São Paulo: Ática, 2005.

Os livros didáticos da disciplina de Arte foram citados pelos professores como o recurso pedagógico mais freqüente na sala de aula. Entretanto, nenhum desses livros é adotado pelos alunos, eles servem apenas, como suporte de conteúdos e fontes para imagens para os professores.

Abaixo a relação das imagens que ilustram os temas africanos e afro-brasileiros nos livros didáticos analisados. As fontes das imagens são citadas tal como nos livros:

**ARRUDA, José Jobson de. PILETTI, Nelson. Toda a História: História Geral e História do Brasil. São Paulo: Editora Ática, 2005.**

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Ana Carolina Fernandes	Fotografia da tropa de choque da Polícia Militar durante protesto de integrantes do movimento dos trabalhadores sem teto (Rio de Janeiro, 2001).
Bruno Stuckert	Fotografia de Gilberto Gil, cantando na posse dos secretários de seu ministério (Brasília, 2003).
Rugendas	Capoeira (Início do séc. XIX).

**BARBEIRO, Herodóto. CANTELE, Bruna Renata. SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. História: de olho no mundo do trabalho. São Paulo: Scipione, 2005.**

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Albert Eckhout	Mulher Tupinambá (1641).
Aleijadinho	Fachada da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
Antônio Parreiras	Zumbi.
Antônio Parreiras	O julgamento de Felipe dos Santos (s/ data).
Debret	Visita a uma fazenda (1834/39). Feitor castigando escravos (XIX). Pobres tropeiros de São Paulo (s/ data). Jantar no Brasil (1834/39). Os frescos do Largo do Palácio (1834/39). Negros vendedores de carvão (1834/39).
Marc Ferrez	Fotografia, Lavoura de café (s/ data).
Paul Harro-Harring	Escravos no Rio de Janeiro (1840).

Rugendas	Negros no fundo do porão (1835). Mercado de escravos (1835). Lavagem do ouro perto de Itacolomi (1838). São Salvador (1835).
Sem identificação	Venda de escravo (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Fotografia de João Cândido (1910).

**MOCELLIN, Renato. CAMARGO, Rosiane. Passaporte para a História. São Paulo: Editora do Brasil, 2005. Obra em 4 v. para alunos do Fundamental II.**

Volume II

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Antônio Sérgio Moreira	Oxum, Dandalunda (1997)
Albert Eckhout	Negra (s/data)
Debret	Negro no tronco (s/ data) Mulheres escravas Congo e Mina (s/data) Vendedores de flores e de fatia de coco (s/data) Enterro de um negrinho (s/data) Negras noivas a caminho da Igreja para o batismo (s/data) Engenho de cana-de-açúcar ( s/data)
Eduard Hildebrandt	Igreja de Santa Luzia (s/data)
Eurico Bianco	Bumba-meu-boi (s/data)
Francois Auguste Biardi Franz Post	Fuga de escravos (s/data) Assentamento no Brasil (1654) O Engenho (1661) Vista de um engenho de cana-de-açúcar (s/data)
Henry Chamberlain	O mercado de escravos (s/ data)
Museu Antônio Pereira Niterói, Rio de Janeiro	Imagem de Zumbi dos Palmares (s/identificação)
Rugendas	Engenho de açúcar (s/ data)

Sem identificação Fotografia da festa de Xangô em culto de candomblé em São Paulo (1998)

Volume III

**AUTOR**

**OBRA**

Aleijadinho	Esculturas do Santuário de Bom Jesus do Matosinho
Charles Landseer	Rancho de Tropeiros (1827)
Debret	Senhora na sua cadeirinha a caminho da missa (s/data) Lavadeiras (s/data) Uma senhora brasileira em seu lar (s/data)
Emil Bauch	Cena dos costumes (s/data)
Félix-Emille Taunay	Rua Direita, Rio de Janeiro (1823)
Frans Post	Engenho Colonial (s/data)
Mestre Ataíde	Imagem de Nossa Senhora do Carmo (s/data)
Rugendas	Desembarque de escravos vindos da África (s/data)
Sem identificação	Imagem de Nossa Senhora do Rosário (Museu da Inconfidência, Ouro Preto/MG)

Volume IV

**AUTOR**

**OBRA**

Debret	Carregadores de café a caminho da cidade (1827)
J. Cândido Guillobel	Cenas do Rio de Janeiro (1812/16)
Pereira Neto	Caricatura de José do Patrocínio publicada na Revista Ilustrada (1888)
Roberto Stucker (fotografia)	Pelé levantando a taça Jules Rimet (1970)
Rugendas	Desembarque de escravos (1835) Colheita de café (1835)
Sem identificação	Vendedora de Bananas (Fotografia em papel albuminado, séc. XIX)

Sem identificação

João Cândido (Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro)

**SCHMIDT, Mário. Nova História Crítica. São Paulo: Editora Nova Geração, 2005.**

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Aleijadinho	Fachada da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
Antônio Parreiras	Zumbi.
Coleção Péricles Da Silva Pinheiro	André Rebouças em Paris.
Debret	Casamento de escravos (s/ data). Escravo sendo torturado (s/ data). Família pobre em sua casa. Pequena moenda portátil. Abanador. Carregadores de café a caminho da cidade.
Di Cavalcanti	Mangue (1934).
E. Hildebrand	Rua do mercado no Rio de Janeiro (s/ data).
Ewbank	Escravos carregando carne (s/ data).
Francois Biard	Fuga de escravos (1859).
Guilherme Gaensley	Colheita de café (XIX).
Museu do Itamarati	Embarque de D. João VI para o Brasil (s/ identificação, data).
Prensa Três	Fotografia de Luís Gama (S/ identificação, data).
Rugendas	Casal de negros (XIX). Mulheres negras (XIX). Punição pública (XIX). Navio Negreiro (XIX). Escravos de ganho vendendo milho (XIX). Festa de Santa Rosália (s/ data).
Sem identificação	Fotografia de um escravo serrando madeira (s/ data, autor, título).

Sem identificação	Fotografia de mulheres do início do século (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Fotografia de um funeral de escravo (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Fotografia de uma mulher negra (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Ilustrações de Iemanjá (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Lavagem do ouro mineiro (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Negros carregando barris (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Charge sobre a abolição (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Ponte de Santa Ifigênia (s/ data, autor, título).
Sem identificação	Fotografia de Gregório Fortunato, chefe da guarda. presidencial de Getulio Vargas.
Sem identificação	Fotografia do comandante Oswaldão, o cérebro da Guerrilha no Araguaia.
Sem identificação	Capa do LP de Cartola.
Sem identificação	Fotografia de uma negra rica (s/data, autor, título).
Thomas Ender	Vista do Rio de Janeiro (1817). Plantação de bananas (XIX).
Victor Frond	Fotografia, Trabalhadores da roça (s/ data). Fotografia, Negra na roça (s/ data).

**VICENTINO, Cláudio. DORIGO, Gianpaolo. História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2006**

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Rugendas	Castigos Públicos, 1835 (Vila Rica, século XIX) Lavagem de Ouro perto de Itacolomi (XIX) Desembarque de negros (1835)
Aleijadinho	Profetas em Congonhas do Campo.
Antonio Parreiras	Zumbi (s/ data).

Augustus Earle	Gravura (Sem título/ data).
Boris Schnaiderman	Fotografia de um soldado brasileiro da FEB (s/ data, título).
Carlos Julião	Escravos na Extração de Diamantes (XVIII).
Coleção Museu da República	Fotografia do Arraial de Canudos (1897).
Debret	Os frescos do Largo do Palácio (s/ data). Vista do Largo do Palácio no dia da aclamação de D. João VI (s/ data). Partida da Rainha em Portugal (1830). O regresso de um proprietário (1834-1839).
Frans Post	Carro de boi (s/ data).
Henry Koster	Fazendeiro com esposa em viagem (s/ data).
Militão de Azevedo	Fotografia, Um senhor e seus escravos (1870).
Sem identificação	Fotografia de João Cândido (s/ título, data, autor).

**CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Editora Atual, 2006. 3º edição. 4 volumes.**

Volume I

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Ana Carolina	Fotografia de Daiane dos Santos (s/data).
Alessandro Albonizo	Fotografia de Ronaldinho Gaúcho (s/data).
Laura de Santis	Ilustração de uma família negra (s/título/data).
Laerte	Quadrinho do personagem Suriá (São Paulo: Devir/Jacarandá, 2003).
Sem identificação	Colagem com retratos (s/data/autores).
Sem identificação	Fotografia de mulher negra brincando com um cão.
Obra cinematográfica	Cena do filme “Lugar nenhum na África” .

Obra cinematográfica	Cena do filme “O Professor Aloprado”.
Obra cinematográfica	Cena do filme “Xica da Silva”.
Ziraldo	Quadrinho do personagem Saci.

### Volume II

#### **AUTOR**

#### **OBRA**

Jean Galvão	Charge (s/título, data).
Obra cinematográfica	Cena do filme “Orfeu Negro”.
Obra televisiva	Cena da série “Sítio do Pica-pau amarelo”.
Sem identificação	Fotografia de uma família negra brincando.
Sem identificação	Pai e filha negros.
Sem identificação	Criança negra lendo.
Sem identificação	Roda de discussão escolar com alunos negros e brancos.

### Volume III

Aleijadinho	Escultura do Profeta Isaías.
Amanda Edwards	Fotografia do ator Will Smith.
Campanha publicitária	Capa da Revista Cláudia com bonecas de várias nações.
Cláudia Guimarães	Fotografia do cantor Milton Nascimento.
Flávio Augusto Rossi	Caricatura do pugilista Maguila.
Hubert	Charge de uma empregada negra.
Obra cinematográfica	Cena do filme “Amistad”.
Obra cinematográfica	Cena do filme “Hotel Ruanda”.
Sem identificação	Caricatura de Machado de Assis.

Sem identificação	Fotografia de uma empregada negra.
Sem identificação	Círculo de amigas.
Tuca Vieira	Fotografia de uma manifestação do movimento negro.

Volume IV

Cândido Portinari	Preparando o enterro na rede (s/data).
Jacques Jangoux	Mulher do Zaire (s/data).
Laerte	Quadrinho do personagem Suriá (São Paulo: Devir/Jacarandá, 2003).
Obra cinematográfica	Cena do filme “Ao mestre com carinho”.
Sem identificação	Fotografia de um casal negro.
Sem identificação	Fotografia de uma mãe negra com seu filho no colo.

**DE NICOLA, José. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2005.**

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Albert Eckhout	Mulher Tupinambá (1641).
Aleijadinho	Fachada da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo, MG. Última Ceia (s/data).
Antônio Parreiras	Zumbi. O julgamento de Felipe dos Santos (s/ data).
Debret	Jantar no Brasil (1834/39). Os refrescos do Largo do Palácio (1834/39). Negros vendedores de carvão (1834/39).
Di Cavalcanti	Café (1935).
Rugendas	Mercado de escravos (1835). Lavagem do ouro perto de Itacolomi (1838).
Tarsila	Operários (1933).

**BRIOSCHI, Gabriela. Arte hoje. Obra em 4 volumes. São Paulo: FTD, 2003.**

<b>ARTISTA</b>	<b>OBRA</b>
Cândido Portinari	Último baluarte (1942)
Di Cavalcanti	Cabeça de mulata (1935) Nu e Barco (1929)
Emanuel Araújo	Sem título (1988)
Manuel da Costa Ataíde	Forro da Igreja de São Francisco de Assis (s/data)
Mestre Didi	Ope ati Ofá Ode (s/data)
Rubem Valentim	Pintura n. 11 – Roma (1965)
Rubens Gerchman	Carlos Alberto (1997)

**HADDAD, Denise Akel. MORBIN, Dulce Gonçalves. A Arte de Fazer Arte. Obra em 4 volumes – 2 edição. São Paulo: Saraiva, 2004.**

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Aleijadinho	Profeta Baruc, adro da Basílica de Congonhas do Campo (1800). Escultura de anjo em madeira (s/data). Profeta Isaías (1800). Basílica de Congonhas do Campo (s/data).
Cândido Portinari	Café (1935). Mestiço (1934).
Djanira	Cafezal (1952).
Di Cavalcanti	Batuque ( década de 50).
Lasar Segall	Cabeça de negro (1925).
Mestre Didi	Xarará com manto de ráfia (1995). Palma misteriosa II (1996). Cetro reunindo os símbolos do Panteão da terra (1995). Floresta do caçador mítico com serpente (1990).
Tarsila do Amaral	Morro da Favela (1924).

**PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Ática. Edição. 2003.**

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Aleijadinho	Adro do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos (1757). Fachada da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto, XVIII.
Cândido Portinari	Café (1935).
Di Cavalcanti	Nascimento de Vênus (1940). Pescadores (1951).
Djanira	Procissão, Folia do Divino (1960).
Heitor dos Prazeres	Favela (1965).
Lassar Segal	Dois Seres (1919). Bananal (1927).
Mestre Ataíde	Pintura do teto da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto (s/data).
Tarsila do Amaral	Operários (1931).
Vasco Prado	Escultura , Negrinho com a tropilha (s/data).

**PROENÇA, Graça. Descobrindo a História da Arte. São Paulo: Ática, 2005.**

<b>AUTOR</b>	<b>OBRA</b>
Aleijadinho	Adro do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos (1757). Fachada da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto, XVIII. Cristo crucificado (s/data).
Cândido Portinari	Café (1934). Meninos com pipas (1947).
Debret	Negociantes paulistas de cavalos (1834).
Debret	Ponte de Santa Ifigênia (1827).
Di Cavalcanti	Nascimento de Vênus (1940). Pescadores (1951).

Heitor dos Prazeres	Dança (1965).
Maureen Bisilliat	Fotografia da Procissão de Semana Santa em Ouro Preto (1961).
Mestre Ataíde	Pintura do teto da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto (s/data).
Mestre Didi	Ope Awo II (s/data).
Mestre Valentim	Emblema 4 (1969).
Rugendas	Vista de Barbacena (s/data).
Tarsila	Operários (1933).

As imagens das culturas africanas e afro-brasileiras encontradas nos livros didáticos utilizados pelos professores desta investigação são em muitos casos, a única fonte imagética levada para a sala de aula. Elas serão detalhadas no quarto capítulo, que foi intitulado *Um percurso histórico sobre a imagem do negro e a sua utilização na escola*. Entretanto, se compararmos as ilustrações recentes desses livros com as utilizadas em décadas anteriores, poderemos perceber que houve um avanço tanto de temas como de fontes, uma das razões desse fato foram as reivindicações da comunidade negra para o reconhecimento de sua cultura e de seus direitos. Portanto, no próximo capítulo detalharemos como o multiculturalismo colaborou na visibilidade da questão identitária e do fortalecimento da cultura negra.

## 2 O MULTICULTURALISMO

Esse capítulo resgata as origens históricas que impulsionaram as idéias multiculturais, procurando compreender o seu contexto histórico e as suas reivindicações identitárias e políticas. Para isso, recorreremos a SEMPRINI (1999) e HALL (2005) para configurar o momento de formação do Multiculturalismo e posteriormente centramo-nos nas discussões sobre o reconhecimento individual e político empreendidas por TAYLOR (1997).

Os conceitos propostos por Taylor também ajuda-nos a compreender de forma analítica como as discussões multiculturais aparecem no Direito através das ações afirmativas e de como esse debate interfere na construção da identidade dos professores entrevistados nessa investigação.

### 2.1 ORIGENS HISTÓRICAS DO MULTICULTURALISMO

O termo *multiculturalismo* traz explicito as mudanças das práticas políticas no interior das sociedades contemporâneas, mostrando o quanto é premente a questão da pluralidade cultural, bem como a necessidade de reformulação do conceito de cultura. O multiculturalismo problematiza o lugar e os direitos das minorias e discute tanto a sua identidade como o seu reconhecimento político e social.

Semprini (1999) argumenta que para podermos delinear os limites do multiculturalismo é necessário fazermos a distinção entre uma interpretação política e uma outra culturalista. O autor compreende que no primeiro caso, a análise limita-se basicamente às reivindicações das minorias com o objetivo de conquistar direitos sociais ou políticos específicos dentro de um Estado nacional. Enquanto que na abordagem culturalista, o multiculturalismo privilegia a dimensão

cultural, em que movimentos sociais reivindicam direitos específicos e reconhecimento político fundados em torno de um sistema de valores comuns, de um estilo de vida homogêneo, de um sentimento de identidade ou pertencimento coletivo, ou mesmo de uma experiência marginalizada.

O debate multicultural surge nos anos sessenta em torno da questão do preconceito étnico-racial e dos direitos civis dos negros que viviam no Sul dos Estados Unidos. Se pensarmos na classificação de Semprini, a origem do multiculturalismo é tanto política como culturalista. Pois toda reivindicação de grupo, seja ela étnica, feminina ou baseada na orientação sexual almeja tanto o reconhecimento político e o acesso aos direitos civis como a valorização das suas diferenças culturais. Sendo justamente a diferença a maior contribuição desses grupos na construção da sociedade.

Podemos concluir que as sugestões de Semprini para a abordagem do multiculturalismo não são estanques, nem imóveis. E se a luta pelos direitos civis nos EUA foi o ponto decisivo para a discussão multicultural na contemporaneidade, são as raízes históricas e a colonização desse país as origens do multiculturalismo. Para Semprini existem cinco aspectos que compõem o cenário específico da colonização desse país e delimitam sua especificidade:

Os cinco aspectos são: a presença em território norte-americano, de populações autóctones; o tráfico maciço de escravos da África ocidental; a presença, entre os primeiros colonos, de grupos religiosos; a base anglosaxônica das elites econômicas e políticas; o papel da imigração no povoamento do país [...] Ainda hoje eles caracterizam em grande parte a civilização americana, sendo parcialmente responsáveis pelas atuais controvérsias multiculturais e condicionando igualmente os termos do debate em busca de soluções (1999, p12).

O autor afirma que esses aspectos ainda caracterizam em grande parte a civilização americana e são responsáveis pelas atuais controvérsias multiculturais, tais como a convivência

entre classes e culturas distintas, os limites impostos as fronteiras, o reconhecimento étnico e os debates em torno da questão religiosa.

Esses aspectos podem ser relacionados a outros países que, como os EUA, são caracterizados por instituições democráticas, economia globalizada e população heterogênea, tais como o Canadá, o México, o Brasil e a Austrália. Por outro lado, para Semprini a questão das minorias e de sua sobrevivência em meio a uma maioria étnica ou religiosa diferente está na origem de conflitos sangrentos que ocorrem ao redor do mundo como na Chechênia, na ex-Iugoslávia, em Cashemira e no Sri Lanka. O debate sobre o reconhecimento e a autonomia política também faz parte de reivindicações de grupos como os catalães e bascos na Espanha, dos católicos na Irlanda do Norte, dos imigrantes árabes e africanos na França.

Os conflitos ocorridos neste último país em novembro de 2005 e que tão bem ilustram questões trazidas pelo multiculturalismo tem origem no final dos anos sessenta a partir da imigração de povos vindos principalmente do continente africano e asiático. A imigração era vista pelos franceses como temporária, por que estava ligada a um déficit de mão de obra, porém, com o fim da imigração, em 1974, descobre-se o aspecto durável da imigração, pois os imigrantes não retornaram a seus países de origem. Cuhe (2002) afirma que com a vinda das esposas e filhos para se reunirem aos maridos tomou-se consciência que a imigração de trabalho se transformara em imigração de população. Esse fato fez com que a sociedade francesa tivesse que transformar a questão da gestão da mão de obra estrangeira em gestão da diferença cultural. Desse modo, o debate francês aponta modificações aceleradas que transformaram a cena contemporânea e a maneira como os indivíduos se relacionam com a sociedade, possibilitando o surgimento de novas configurações sociais e novos referenciais valorativos no interior da sociedade francesa.

A luta pelo reconhecimento étnico , ocorrida em diversos países, fez com que estimulasse nas pessoas a necessidade de tanto compreender as suas origens como afirmar a sua identidade. Confrontados com a perda de elos referenciais significativos, no campo dos valores histórico-culturais, os negros passaram a procurar as suas raízes identitárias, que se encontram difundidas no espaço social de modo impreciso e sem autenticidade. Não é sem razão que o multiculturalismo traz à tona as reivindicações das minorias para que sua especificidade e sua identidade sejam reconhecidas no espaço político.

Uma das conseqüências das reivindicações políticas das minorias foi a criação das chamadas “ações afirmativas”, leis, que podem incidir na simples concessão de direitos ou privilégios especiais até a concessão de formas de autonomia política e governamental.

A ação afirmativa baseia-se em dois pressupostos. O primeiro é que as minorias - e principalmente os negros – que foram mantidos longe dos bancos universitários por uma política de discriminação merecem uma compensação por essa injustiça. O segundo é que o acesso à educação de nível superior, alavanca da mobilidade social, representa o melhor meio para acelerar a integração dos grupos marginalizados. A ação afirmativa foi criada no final da década de 70. Participando com recursos financeiros, o governo impôs às universidades que acolhessem quotas de negros, asiáticos e hispânicos proporcionais ao peso demográfico real dessas minorias (SEMPRINI, 1999, p. 48).

Podemos perceber que o Direito, aparece como um ponto de apoio para a sustentação de uma sociedade multicultural. Entretanto, o debate sobre as políticas afirmativas esteve sempre ligado a fervorosos defensores e detratores. E nem nos próprios movimentos sociais vemos um consenso, alguns consideram que é um direito e uma necessidade, outros que não é a maneira mais adequada para se fazer justiça social. No Brasil, percebemos que a discussão sobre as ações afirmativas não ficou distante desse cenário.

## 2.2 AS AÇÕES AFIRMATIVAS NO BRASIL

No Brasil, as ações afirmativas começam a ocorrer a partir de 2003 com a implementação de cotas nas instituições de ensino superior do Estado Brasileiro e nos concursos públicos; nas políticas específicas de inserção do negro no mercado de trabalho; nos programas especiais voltados a saúde da população negra; nos programas específicos para ingresso na carreira diplomática, e nas ações específicas na área da cultura e da educação.

É neste contexto que no início de 2003, foi sancionada pelo Presidente da República a Lei Federal nº 10.639, que altera a Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), determinando a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Cria-se, em 21 de março de 2003, a SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) e institui-se a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Segundo *Matilde Ribeiro*<sup>3</sup>, Ministra Chefe dessa secretaria, o principal objetivo desses atos é promover alterações positivas na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo.

A Lei 10.639/2003 torna-se uma ferramenta importante para o êxito do projeto político criado pelo governo federal, já que esse considera a educação um fator fundamental para quebrar o ciclo da pobreza e promover a inclusão social. Portanto, o texto da lei é incisivo ao exigir mudanças nas práticas culturais e educacionais das instituições de ensino, e aponta entre outras, as seguintes determinações:

---

<sup>3</sup> Presente no texto de apresentação da SEPPIR no documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Outubro, 2005.

-O conteúdo programático deverá incluir o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil;

- Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História do Brasil;

- Fortalecimento de Identidades e de Direitos, desencadeando o processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida; e o rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;

- Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no Ensino Superior.

A lei 10.639/93 teve como função atender às reivindicações do movimento negro, entretanto, a preocupação com a discussão étnico-racial não é nova dentro do cenário educacional brasileiro. Na Constituição de 1988, o artigo 210 criou os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais que elegeram a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar.

No texto de apresentação dos PCNs é afirmado que os temas relacionados com o exercício da cidadania nem sempre estão contemplados nas áreas convencionais. Em razão dessa constatação foram criados os temas transversais de Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual. O trabalho com esses temas requer uma reflexão ética como eixo norteador, por envolver posicionamentos e concepções a respeito de suas causas e efeitos, e de sua dimensão histórica e política.

No caderno referente a Pluralidade Cultural, o texto afirma que o grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e reconhecer a riqueza representada pela diversidade étnico-cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Porém, os movimentos sociais em defesa dos negros alertaram para a necessidade de uma ação mais direcionada e legal para o tratamento das questões relacionadas à identidade negra. Inspirados pelo modelo americano pressionaram o Estado para que as suas singularidades históricas, culturais e étnicas fossem protegidas pela lei através de políticas de reparações:

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações (MEC/SEPPPIR, 2004).

As ações afirmativas atendem aquilo que foi determinado pelo Programa Nacional de Direitos Humanos, bem como a compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, com o objetivo de combate ao racismo e as discriminações, tais como: a Convenção da UNESCO de 1960, direcionada ao combate ao preconceito em todas as formas de ensino, bem como a Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Discriminações Correlatas de 2001.

Como já foi dito no item anterior, o debate sobre a questão das ações afirmativas e da adoção das cotas raciais para o ingresso às universidades e órgãos públicos é bastante polêmica, e isso pode ser comprovado no episódio ocorrido no Congresso Nacional em maio de 2006, quando um grupo de intelectuais, pesquisadores e artistas levaram aos congressistas um

documento de repúdio ao Sistema de cotas (PL 73/1999) e ao Estatuto da Igualdade Racial<sup>4</sup> (PL 3.198/2000). Ambos os projetos já tramitavam no governo federal antes da criação da SEPPIR, e da eleição do presidente Lula, porém, a partir da instauração dessa secretaria há uma pressão política maior para que sejam levados à votação no congresso.

A idéia central desenvolvida no documento entregue pelos intelectuais aos congressistas é a de que o princípio da igualdade política e jurídica dos cidadãos é um fundamento essencial da República e um dos alicerces sobre o qual repousa a Constituição brasileira e este princípio encontra-se ameaçado de extinção por diversos dispositivos dos projetos de Lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade Racial, já que a adoção de identidades raciais não deve ser imposta e regulada pelo Estado. O documento conclui que políticas dirigidas a grupos "raciais" estanques em nome da justiça social não eliminam o racismo e podem até mesmo produzir o efeito contrário, dando respaldo legal ao conceito de raça, e possibilitando o acirramento do conflito e da intolerância. Enfatizam que o principal caminho para o combate à exclusão social é a construção de serviços públicos universais de qualidade nos setores de educação, saúde e previdência, em especial a criação de empregos.

A entrega do documento de repúdio ao sistema de cotas no Congresso Nacional foi um episódio político bastante explorado pelos meios de comunicação e teve como contrapartida a criação de um novo grupo de discussão. Esse grupo, também formado por intelectuais e cientistas políticos, escreveu um documento em defesa tanto do Sistema de cotas como do Estatuto da Igualdade Racial. Para eles, a desigualdade racial no Brasil tem fortes raízes históricas e esta realidade não será alterada significativamente sem a aplicação de políticas públicas específicas. Apoiados em dados oficiais, sistematizados pelo IPEA no ano de 2001, que mostra que por 4

---

<sup>4</sup> Projeto de Lei 3.198, de 2000, de autoria do Senador Paulo Paim (PT-RS), que tem como principal objetivo o combate a discriminação racial e as desigualdades que atingem os afro-descendentes, determinando que as políticas

gerações ininterruptas, pretos e pardos têm contado com menos escolaridade, menos salário, menos acesso à saúde, menor índice de emprego, piores condições de moradia, quando contrastados com os brancos e asiáticos, o grupo acredita que a ascensão social e econômica passa necessariamente pelo acesso ao ensino superior. Para eles, nada seria mais justo que incentivar aqueles que ficam à margem desse sistema.

No documento entregue no Congresso Nacional no dia 03 de julho de 2006, o grupo à favor do Estatuto da Igualdade Racial tenta desconstruir os argumentos desenvolvidos no manifesto anterior, como de que as políticas de inclusão de estudantes negros por intermédio de cotas acirraría os conflitos raciais nas universidades. Para eles, há a tentativa de se criar um panorama alarmista que não condiz com o que está ocorrendo nas universidades, onde os casos de racismo que surgiram após a implementação das cotas têm sido enfrentados e resolvidos no interior das comunidades acadêmicas, em geral com transparência e eficácia maiores do que havia antes das cotas. Nesse sentido, a prática das cotas tem contribuído para combater o clima de impunidade diante da discriminação racial no meio universitário, além de levantar a discussão sobre a identidade étnica. Os defensores do projeto também enfatizam que ao mesmo tempo em que rejeitam as duas Leis em discussão, os assinantes do documento anterior não apresentam nenhuma proposta alternativa concreta de inclusão racial no Brasil, reiterando apenas que somos todos iguais perante a lei e que é preciso melhorar os serviços públicos até atenderem por igual a todos os segmentos da sociedade.

Em ambos os documentos levados ao congresso está presente a idéia da igualdade jurídica, porém percebida de maneira diferente. Para os que são contra as cotas, a constituição brasileira de 1891, a primeira a ser adotada no Brasil, foi soberana ao tratar todos os cidadãos de

---

desenvolvidas pelo Estado devem ser pautadas pela dimensão racial, através da reparação, compensação e inclusão de sua vítimas, bem como pela valorização da diversidade racial.

forma igualitária, para os que são a favor do sistema de cotas, a Constituição de 1891, decretou uma equidade puramente formal entre os cidadãos, por que os negros, recém libertos, não entraram na sociedade e no mercado de trabalho nas mesmas condições de igualdade. O grupo contrário ao Estatuto acredita que o combate à exclusão deve ser realizado através do incentivo e da criação de empregos. O grupo favorável argumenta que o acesso a cidadania deve ser feito através da educação, principalmente a superior. Portanto, o que está em pauta não é somente a validade dos argumentos favoráveis ou contrários a adoção de cotas e ao Estatuto da Igualdade Racial e sim, dois projetos políticos para a sociedade.

É interessante percebermos que tanto o discurso a favor quanto o discurso contrário ao Estatuto da Igualdade Racial trazem questões importantes que não são discutidas a fundo. O documento contrário ao projeto questiona a metodologia das classificações estatísticas, principalmente o adotado pelo IBGE, que ao definir o número de negros no Brasil engloba tanto os que se declaram negros como os que se definem pardos, e traz, uma outra problemática: como definir quem é negro? A biologia comprovou que a diferenciação racial entre negros e brancos não existe, que as heranças hereditárias não constituem uma raça além da humana. Portanto, há uma dificuldade real na resolução dessa questão e essa problemática irá aparecer no discurso dos professores investigados nessa pesquisa.

### **2.3 OS PROFESSORES ENTREVISTADOS E A QUESTÃO DAS COTAS**

Muitos dos argumentos presentes nos dois documentos aparecem nas justificativas dos professores quando questionados sobre o sistema de cotas e as políticas afirmativas. Dos 24 professores que fazem parte do corpus da nossa investigação, constatou-se que:

- 12 Professores são favoráveis as políticas afirmativas
- 09 Professores são contrários as políticas afirmativas
- 03 São indiferentes ou não possuem opinião definida

Dos 12 professores que foram favoráveis as políticas afirmativas e ao sistema de cotas , encontramos justificativas semelhantes, sendo a mais comum a de que são medidas polêmicas, porém, paliativos necessários devido a precariedade do ensino público e a dificuldade de ascensão social :

É um assunto cabeludo. Embora eu saiba que não é uma solução definitiva, nem a mais apropriada, acho que é um paliativo necessário no momento, até que a gente consiga passar para uma outra fase, onde os problemas tenham soluções definitivas. Mas no momento acho importante, e se faz necessário para que se comece a tratar o assunto com mais responsabilidade e que se possa incluir outros atores sociais<sup>5</sup>.

Na minha opinião, é um mal necessário, digo isso em relação a toda e qualquer ação afirmativa. É triste saber que algumas minorias (ou maiorias) não obtenham o respeito e igualdade, principio básico (ou que deveria ser) em qualquer sociedade<sup>6</sup>.

Acho meio polêmica, mas enquanto o ensino publico não estiver de acordo com as exigências para um vestibular concorrido ou enquanto o vestibular tiver este formato, acho justo, mas deveria haver uma maneira de cercar também jovens de baixa renda independente da cor<sup>7</sup>.

Muitos professores apontam que as cotas devem beneficiar não somente as pessoas que se declaram negras, mas também, aquelas que independente da cor, não possuem acesso ao ensino superior devido a baixa renda. Essa questão foi introduzida no debate do Estatuto da Igualdade Racial, recebendo o apelido de “Cotas Sociais”, e recebeu críticas negativas do Movimento Negro. Eles alegavam que havia uma tentativa de mudar o foco da discussão, que até então era na questão étnico-racial, o que para eles seria uma ironia, por que os dados comprovam que os mais

<sup>5</sup> Entrevista n.º 02 (Os entrevistados foram numerados tal como aparecem no corpus da pesquisa).

<sup>6</sup> Entrevista n.º 05.

<sup>7</sup> Entrevista n.º 11

pobres do Brasil são negros, e que por isso, convivem com um duplo preconceito: o da pobreza e o da cor.

Tanto no Estatuto quanto no documento produzido pelos intelectuais em defesa das cotas é forte o argumento de que o lugar que o negro ocupa hoje na sociedade é resultado da sua exclusão pela história oficial, assim, as políticas afirmativas tornam-se uma maneira de servir como reparação histórica e social, idéia que é defendida pelos entrevistados favoráveis as cotas:

Eu acho que esse debate sobre as cotas é bastante polêmico. Eu enquanto professora de história e conhecedora de todo o sofrimento e pesar que os negros passaram aqui dentro do Brasil, acho que temos uma dívida histórica. Eu acho que grande parte da proliferação da miséria, da pobreza e da segregação dessa etnia dentro do Brasil é vítima de um processo histórico. E acho que no início do processo de colonização, durante o processo de escravidão a gente não deu oportunidade para que essa etnia pudesse se desenvolver socialmente e economicamente. Então eu acho que a gente tem uma dívida histórica com essa etnia, então, nesse sentido eu acho válido as cotas. Ao mesmo tempo, temos um outro lado. Na verdade, precisaríamos criar aqui no Brasil, políticas públicas eficientes para eliminar essa questão da diferenciação, não só entre brancos e negros, mas, entre pobres e ricos. Eu acho que a questão das cotas não só para negros ou para pessoas que não tiveram acesso a uma educação eficiente deveria ser suprida na base escolar. E não servir como paliativo para esse problema tão intrínseco na cultura brasileira<sup>8</sup>.

Sou favorável totalmente. É uma reparação histórica e fundamental para o acesso à cidadania dos negros<sup>9</sup>.

São necessárias, para amenizar o preconceito, sendo uma forma de reparo a discriminação e humilhação da cultura negra no Brasil. Vejo que é uma chance para que as pessoas negras e seus descendentes terem uma oportunidade sistemática de mudança social.<sup>10</sup>

Entre os 09 professores que se mostraram contrários ao sistema de cotas, a negação se faz por um discurso, aparentemente, desprovido de preconceitos étnicos-raciais. Ao fazê-lo, afirmam que negros e brancos são iguais, sendo, portanto, desnecessária e mesmo inadequada a implementação de ações diferenciadas.

---

<sup>8</sup> Entrevista n.º 01.

<sup>9</sup> Entrevista n.º 06.

<sup>10</sup> Entrevista n.º 20.

A princípio achei justificável (Compensar os séculos de escravidão), hoje acho um equívoco enorme, racista. Na Europa existem universidades de alta qualidade e gratuitas. O indivíduo só tem que mostrar a sua competência intelectual para cursar. O Estado garante oportunidade igual para todos, chega-se na universidade quem quer e se preparou. O Estado Brasileiro, de maneira equivocada, gasta mais recursos com o 3º Grau e nós sabemos “as quantas anda” a escola básica. Ademais o que fazer com os brancos pobres, como os índios. Dar cotas para todos? Finalmente a faculdade não é o caminho escolhido por todos, mesmo aqueles que tem condições, é uma opção e é um setor da sociedade que quer trabalhar com o conhecimento. Exemplo: Somos 8 irmãos. Eu fiz 3 faculdades, minha irmã fez 2, outros dois se formaram, os outros restantes 2 terminaram o ensino médio e outros dois apenas o fundamental, mas todos tiveram as mesmas condições<sup>11</sup>.

Não concordo com nenhuma delas em se tratando de um país como o Brasil que possui características miscigenadas. Todas as leis devem ver as pessoas como iguais e não com privilégios<sup>12</sup>.

Não concordo. Acho que esta tentativa de “ajudar” é ainda mais excludente. As reformas deveriam acontecer no ensino básico fundamental e médio, para que as oportunidades pudessem se igualar. Hoje em dia, todos têm as mesmas oportunidades, portanto, devem competir a partir das mesmas condições<sup>13</sup>.

Esta forma de explicação afirma a idéia da igualdade, desconsiderando os fatos que historicamente colocaram o negro em uma condição subalterna. Tais argumentos aparecem muitas vezes associados a um racismo estrutural, presente na sociedade, mas dissimulado pela naturalização do mito da democracia racial – o que faz com que os negros sejam, contraditoriamente, vistos como iguais, ao mesmo tempo que inferiores aos brancos. Neste sentido, vale lembrar Hall (2003), ao afirmar que, quando naturalizamos categorias históricas (como gênero, sexualidade e raça) “fixamos esse significante fora da história, da mudança e da intervenção políticas” (p. 345).

Ao tratar o conceito de raça como categoria meramente biológica e, portanto, a-histórica, deslocamos a questão central e não consideramos que as diferenças entre negros e brancos no Brasil, foram histórica, cultural e politicamente construídas no transcurso de nossas trajetórias e

---

<sup>11</sup> Entrevista n.º 07.

<sup>12</sup> Entrevista n.º 13.

<sup>13</sup> Entrevista n.º 18.

na constituição do Estado Brasileiro. Desconsideramos, desta forma, que o processo de escravização e marginalização do negro foram produzidas, que a desigualdade foi se constituindo no decorrer de séculos, e que a reversão do quadro dificilmente se processará de forma natural. Alheios a essas questões, alguns professores acreditam que a adoção de cotas acirrará o preconceito, pois para eles, todos competem a partir das mesmas condições:

Extremamente preconceituosa. Capacidade não se faz por cor de pele. Isso só vai provocar mais preconceito. Não acho correto esse tipo de política<sup>14</sup>.

Não concordo. Meu pensamento é a nivelção social; quando houver isso, por justiça, não haverá o porquê das cotas para os negros. Ter cotas para negros é instigar mais preconceito<sup>15</sup>.

Discordo, pois dá a impressão que o negro é incapaz de conseguir por próprios méritos de conhecimento atingir seus objetivos.<sup>16</sup>

Na minha opinião os negros e afro-descendentes não deveriam necessitar dessas cotas, pois são pessoas tão capazes como qualquer outra, me parece uma outra forma de discriminação ter que garantir essa capacidade através de cotas. Porém, infelizmente sei também que o racismo e outras práticas de intolerância ainda existem entre nós e algumas políticas precisam existir para destruir a estrutura racista<sup>17</sup>.

Alguns professores não conseguiram se posicionar de forma contundente sobre a questão das cotas, e as razões para o impasse se repetem. Ao mesmo tempo em que acreditam que há preconceito com os negros e há a necessidade de uma mudança social para a promoção dessa população, vêem o sistema de cotas com desconfiança por talvez, servir como incentivo ao preconceito:

---

<sup>14</sup> Entrevista n.º 04.

<sup>15</sup> Entrevista n.º 09.

<sup>16</sup> Entrevista n.º 14.

<sup>17</sup> Entrevista n.º 10.

As cotas são resultado de uma preocupação com as dificuldades de inserção dos afro-descendentes, mas me preocupa que essas medidas isoladamente venham reforçar o preconceito, já que causam, mais discriminação<sup>18</sup>.

Não tenho uma opinião muito formada sobre esse assunto, mas fico me questionando: Será que é necessário cotas? Elas não reafirmam o preconceito?<sup>19</sup>

Eu até já discuti isso com os alunos. Na verdade quando você coloca cotas, você está discriminando. Um exemplo: a minha filha, ficou revoltada porque uma pessoa negra vai entrar na faculdade porque tem essa cota. Não é bem isso, se ela conseguiu entrar foi pela capacidade, por que é capaz, mas as pessoas enxergam de outra forma. Achem que a pessoa negra está ali porque tem essa cota. Não sei se seria esse o jeito certo, tenho dúvidas. Deveria ter uma cota para as pessoas mais pobres, aí entrariam os negros, os brancos, sem discriminação<sup>20</sup>.

Constatamos através da análise das respostas dadas pelos professores a cerca das cotas e das ações afirmativas, que o debate tem assumido contornos distintos e muitas vezes, frágeis. É estranho perceber que poucos professores levam o assunto para dentro das salas de aula ou que tenham refletido mais atenciosamente sobre ele. A implementação dessas políticas públicas modificam tanto o acesso a educação quanto as práticas pedagógicas, portanto, os professores precisam levar a sério essa questão. A escola é um ambiente chave tanto para o exercício das políticas afirmativas quanto para a discussão de seus métodos, cabendo aos professores e aos legisladores de políticas públicas analisarem a eficácia ou o fracasso das estratégias utilizadas.

As respostas apresentadas representam a confusão e a polêmica construídas em torno das cotas e do Estatuto da Igualdade Racial e indicam a necessidade de discutir essa questão nos diversos âmbitos da sociedade brasileira. Muitos professores permanecem atrelados aos modelos em vigor e acabam por transferir para outras instâncias educativas a responsabilidade pelas transformações, que reconhecem necessárias. É difícil compreender que o rompimento com as práticas instituídas é uma tarefa que também cabe ao seu exercício profissional e que a

---

<sup>18</sup> Entrevista n.º 03.

<sup>19</sup> Entrevista n.º 12.

universidade, por ser responsável pela formação de professores, deve assumir o compromisso com a mudança e não apenas aguardar que as estruturas sociais mudem.

Entendemos que a implementação de cotas e das Ações Afirmativas coloca em debate a questão da identidade étnica, cultural e social da população brasileira. Portanto, é fundamental discutirmos como o sujeito constrói a sua identidade e como ele reconhece a do outro. Afirmamos que a produção de identidades é sempre dada com relação a uma alteridade com a qual se estabelece a relação e que as diferenças são construídas historicamente, como também, pelas experiências e pelo olhar do outro. Devido a complexidade que o tema exige, nos aprofundaremos nessa discussão no próximo item.

## **2.4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Stuart Hall (2005), um dos primeiros teóricos a refletir sobre os problemas multiculturais, ao explorar as questões sobre a identidade cultural classificou a construção histórica da identidade em três momentos distintos. Para ele, o multiculturalismo inaugura uma nova abordagem para a noção que temos do sujeito: o sujeito pós-moderno; que é acrescentado ao do Iluminismo e ao Sociológico.

No Iluminismo a identidade era pensada tendo como base a razão. Para os iluministas, o homem não se separa da natureza e deve ser questionado segundo o mesmo método que estuda os demais seres presentes nela. Deve ser observado e descrito em todos os seus aspectos. É a educação e a socialização que definirá a natureza do homem e demonstrará sua capacidade de interferência no meio.

---

<sup>20</sup> Entrevista n.º 17.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia a partir da socialização. (HALL, 2005, p.10).

Durante o período Iluminista, os pensadores passaram a investigar as singularidades humanas baseados nos aspectos anatômicos de cada uma delas. Os homens da África, da América, da Ásia e da Europa foram estudados *in loco*, ou através de relatos de viajantes que realizavam constantes expedições pelo interior dos novos continentes. Para Santos (2002), dessas expedições surgem os verbetes “negro”, “África”, “Etiópia”, “hotentote”, “chinês”, “América” e tantos outros que dizem respeito à diversidade humana. Além, de dar início a discussão sobre a existência de raças.

No verbete “negro”, descrito por Diderot, há uma descrição dos habitantes da África na qual se afirma que não somente sua cor os distingue, mas eles diferem dos outros homens, pelos traços de seu rosto, narizes largos e chatos, lábios grossos, lã no lugar de cabelos, que parecem constituir uma nova espécie de homem (SANTOS, 2002, p. 32).

Muitos professores entrevistados na pesquisa ao se reportarem à identidade negra basearam-se exclusivamente na cor de pele, categorizando os indivíduos quanto às suas características étnico-raciais de maneira reducionista. Essa maneira de perceber o negro é ampliada no séc. XIX e a discussão sobre a formação da identidade ganha novos elementos através da criação de disciplinas como a biologia, a antropologia e a sociologia, e é nesse cenário que Hall (2005) diz que nasce o sujeito sociológico.

No final do séc. XIX, a idéia de sujeito sociológico refletia as mudanças do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era “formado na relação com outras pessoas, que mediavam para o sujeito os

valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele habitava” (HALL, 2005, p. 11). De acordo com essa visão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

É nesse período que aparece o conceito de raça, segundo Banton (1977), a palavra raça começou a mudar de significação em meados de 1800. Seu sentido anterior, similar a linhagem (dotado de caráter histórico e mutável), vai perdendo importância ao surgir uma nova acepção, que é a de definir e separar tipos humanos (dotada de caráter biológico e imutável). Para Santos (2002) foi com a evolução darwinista e sua aplicação no mundo antropológico-social que a questão da raça ganhou um enfoque mais radical. Já que baseados nos princípios da evolução da espécie e da seleção natural, os darwinistas acreditavam numa raça pura, mais forte e sábia que eliminaria as raças mais fracas e menos sábias, desenvolvendo, portanto, a eugenia<sup>21</sup>.

Como vimos anteriormente na discussão sobre o sistema de cotas e do Estatuto da Igualdade Racial, a palavra raça aparece repetidamente, seja para indicar as relações entre as pessoas ou como forma de diferenciação étnica. À par dessa discussão, o texto das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* comenta:

Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele,

---

<sup>21</sup> A noção de eugenia, pioneiramente desenvolvida pelo inglês Francis Galton (1822-1911) a partir de 1865, apresenta-se como um procedimento científico destinado a aperfeiçoar artificialmente a qualidade genética de uma população. Se as características humanas eram hereditárias, para se elevar o nível de determinada população seria necessário facilitar ou incitar a reprodução dos “bons” indivíduos e desestimular ou mesmo estancar a reprodução dos “maus”. A eugenia desdobrou-se em tendências diversificadas, mas é certo que seu discurso teve influência e prestígio científico por muitas décadas, influenciando grandemente o pensamento brasileiro o que veremos melhor no capítulo que trata da imagem do negro no Brasil.

tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.

Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, européia e asiática.

[...] É importante esclarecer que ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define. Em segundo lugar, cabe lembrar que preto é um dos requisitos utilizados pelo IBGE para classificar, ao lado dos outros – branco, pardo, indígena – a cor da população brasileira. Pesquisadores de diferentes áreas, inclusive da educação, para fins de seus estudos, agregam dados relativos a pretos e pardos sob a categoria negros, já que ambos reúnem, conforme alerta o Movimento Negro, aqueles que reconhecem sua ascendência africana (MEC/SEPPPIR, 2004).

O texto acima vê a identidade negra como uma construção política, é negro quem assim se define. Emprega o conceito de étnico-racial como maneira de mostrar tanto os conflitos e as tensões que marcaram a história dos negros, como também, o reconhecimento da ancestralidade africana. Portanto, a identidade aqui não é fixa e está próxima daquilo que Hall (2005) entende como sujeito pós-moderno.

O sujeito pós-moderno é resultado de mudanças estruturais e institucionais da sociedade contemporânea, que faz com que as pessoas assumam identidades diferentes em diferentes momentos. A identidade transforma-se continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Para Hall (2005), a identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia já que à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. Canevacci (1996) denomina esse fenômeno como identidades plurais, acreditando que as mudanças introduzidas na cultura pelo sincretismo, “faz com que a

cultura não seja vista como algo unitário, que compacta e liga entre si indivíduos, sexos, grupos, classes, etnias: mas sim algo bem mais plural, descentrado, fragmentário, conflitual” (p. 14) .

Essa teoria parte da idéia que a identidade sofre interferências da cultura, mas que não pode ser explicada somente por ela, ou seja, dá espaço para as questões individuais. Entretanto, as reivindicações identitárias do multiculturalismo partem, geralmente, de discussões coletivas, como a das minorias, dos grupos étnicos e dos movimentos sociais, e nem sempre dão espaço para as questões pessoais. Para Semprini (1998) os detratores do multiculturalismo consideram que é na anulação do indivíduo no interior do grupo e na decisão deste grupo de manter sua identidade particular e integrar uma ordem superior que reside a grande ameaça do multiculturalismo para os sistemas políticos democráticos.

Quando não se admite a pluralidade interna da cultura e quando se exalta a cultura que caracteriza uma sociedade, pode haver uma ameaça às liberdades dos indivíduos no interior do grupo. Sacristán (1999) acredita que a partir da mitificação do coletivo, podem derivar-se coações potencialmente perigosas para a liberdade individual, que poderia ser interpretada como subordinada à esfera cultural. Como pode levar também a tolerância em relação a um progressivo fechamento dos grupos em seus próprios nichos culturais. O autor concorda com Flores D’Arcais<sup>22</sup> para confirmar a idéia de guetização do multiculturalismo:

À primeira vista, o multiculturalismo ergue a bandeira da diferença radical. No entanto, esta se converte imediatamente em conformismo radicado em identidade obrigada. As únicas diferenças defendidas como inalienáveis e, portanto, admitidas são aquelas diferenças coletivas: o gênero, a etnia, eventualmente a preferência sexual. Mas nunca o indivíduo como dissidente diante da identidade do grupo. A lógica da sociedade multicultural é a de uma sociedade progressivamente guetizada. Uma sociedade em que toda identidade oferece proteção, mas uma proteção com ônus, porque protege, sobretudo, contra qualquer comportamento não-conformista, não submisso à tradição, que possa minar sua unidade e estabilidade (FLORES D’ARCAIS, 1995 apud SÁCRISTAN, 1999, p.178).

---

<sup>22</sup> FLORES D’ARCAIS, P. “El individuo libertário”. Claves de la Razón Práctical, Abril. Num.51. Págs2-8, 2005.

A problemática do individualismo e da sua relação com a cultura entra na pauta multicultural através das discussões levantadas pelo filósofo canadense Charles Taylor. O autor acredita que toda política identitária não deve ultrapassar a liberdade individual. Os indivíduos são únicos e diferenciados, e que reconhecer a identidade do outro envolve o respeito a autonomia moral das pessoas, dando a liberdade para que desenvolvam a sua personalidade à sua própria maneira.

Charles Taylor compreende a expressividade como fator importante para se entender a formação da identidade contemporânea. O autor resgata a expressividade trabalhada no romantismo alemão para desenvolver a problemática das ações humanas e dos posicionamentos morais do indivíduo no espaço público. Para Araújo “o seu pensamento procura compreender as ações que buscam exprimir concepções morais por intermédio dos seus agentes. Agindo, o indivíduo procura articular formas significativas para expressar valores” (2004, p.23).

A própria capacidade de um indivíduo de se pensar como tal e definir as qualificações desta individualidade é amplamente determinada por suas interações e experiências sociais. A identidade do indivíduo vai se constituindo pelo contato com o outro e através de uma troca contínua que permite ao seu eu – o self – estruturar-se e definir-se pela comparação e pela diferença, num processo de reconhecimento e de autenticidade.

O ideal de autenticidade, torna-se decisivo. Herder afirma que cada um de nós tem a sua maneira original de ser humano: cada pessoa possui a sua própria “medida”. Trata-se de uma idéia que ganhou raízes profundas na consciência moderna. Antes do final do século XVIII, ninguém havia pensado que as diferenças entre seres humanos pudessem assumir este tipo de importância moral. Existe uma determinada maneira de ser humano que é a minha maneira. Sou obrigado a viver a minha vida de acordo com essa maneira, e não imitando a vida de outra pessoa. Se não fizer, deixo de compreender o significado da minha vida: ser humano deixa de ter significado para mim (TAYLOR, 1994, p. 50).

Taylor pensa que a necessidade de reconhecimento do indivíduo acompanha a história das civilizações. Mas é na idade moderna que ela torna-se problemática porque há diversas condições sociais e históricas que podem levar uma tentativa de reconhecimento ao fracasso. Para o autor “no período pré-moderno, não se falava em ”identidades” nem em “reconhecimento” – não porque as pessoas fossem destituídas de (aquilo a que chamamos) identidades” (1994, p.55) ou porque estas não dependiam do reconhecimento, mas, sim, porque não eram suficientemente problemáticas para serem discutidas como tal.

Para Taylor, sabemos quem somos a partir do momento que compreendemos aquilo que tem importância para nós. “Saber quem sou é uma espécie de saber em que posição me coloco” (1997, p. 44). A identidade de um indivíduo é definida pelos compromissos e identificações que determinam as suas escolhas e que fazem parte das suas configurações morais.

As configurações proporcionam o fundamento, explícito ou implícito, de nossos juízos, intuições ou reações morais em qualquer das três dimensões. Articular uma configuração é explicar o que dá sentido a nossas respostas morais. Isto é, quando tentamos explicitar o que pressupomos ao julgar que dada forma de vida vale de fato a pena, quando colocamos nossa dignidade numa certa realização ou posição ou quando definimos de dada maneira nossas obrigações morais vemo-nos articulando, o que tenho denominado “configurações” (TAYLOR, 1997, p. 42).

[...] Defino quem sou ao definir a posição a partir da qual falo na árvore genealógica, no espaço social, na geografia das posições e funções sociais, em minhas relações íntimas com aqueles que amo e, de modo também crucial, no espaço de orientação moral e espiritual dentro do qual são vividas minhas relações definitórias mais importantes (TAYLOR, 1997, p.54).

É interessante utilizarmos a teoria de Taylor para tentarmos compreender como os professores entrevistados percebem a identidade negra e quais critérios utilizam para definir quem faz parte dela. O autor argumenta que as pessoas definem a sua identidade a partir das posições morais que assumem no espaço público. Portanto, se analisarmos os quatro professores

que se declararam negros, e que por isso, utilizam a sua própria experiência para definir a questão, perceberemos compreensões diferentes da identidade negra:

É ser descendente de povos da África e que possuem características físicas próprias<sup>23</sup>.

Um ser humano como qualquer outro, sem distinção. Excetuando os traços físicos<sup>24</sup>.

É assumir todos os recalques sociais, ser forte, persistente, saber que é e que foi discriminado, ter força, não deixar abater pelo desânimo<sup>25</sup>.

Na minha concepção se negro se encerra em alguma coisa muito fechada. Já me traz na cabeça uma série de estereótipos. Por exemplo, a questão de ser pobre, pouco instruído, da discriminação, do preconceito. Enfim, ser negro pra mim está muito relacionado a essa série de estereótipos de preconceito. Mas se formos pensar em uma outra forma de definir, como a de ser afro-descendente, daí esse conceito muda um pouco, a minha visão fica mais ampla. Por que aí estaríamos falando de muitas outras coisas, como as questões culturais, da história desse grupo, da língua, da arte, da religião e de outras informações<sup>26</sup>.

Enquanto os dois primeiros professores reduzem o ser negro às características físicas, os outros dois envolvem a dimensão política e histórica. Apesar, de na fala estar presente, também, a vitimização, quando é dito que o negro precisa assumir todos os recalques sociais e mesmo assim se mostrar resistente. As experiências vividas ou percebidas de preconceito interferem na maneira desses professores construir sua consciência étnico-racial. Quando perguntados sobre a presença de preconceito na escola, os mesmos professores, respectivamente dizem:

Nunca vi situações de discriminação na escola.  
E com você?  
Nada demais. Brincadeiras inocentes.

Não percebo nada de anormal.

---

<sup>23</sup> Entrevista n.º 13.

<sup>24</sup> Entrevista n.º 14.

<sup>25</sup> Entrevista n.º 06.

<sup>26</sup> Entrevista n.º 02.

Sim, em todas as esferas.

Já sofri discriminação nessa escola. Em várias situações.

Vemos que a capacidade dos professores de se pensar como indivíduo e definir as qualificações desta individualidade é amplamente determinada por suas interações e experiências sociais. A percepção que eles possuem deles mesmos depende de estruturas cognitivas, afinidades comuns e outras qualificações inscritas num cenário que surge das interações com os membros de seu grupo de pertença e dos outros grupos sociais.

A idéia de vitimização ou de luta constante dos negros contra o preconceito também surge na fala de professores que se declararam brancos, e isso pode ocorrer não por causa da própria experiência, mas devido a forma que essa experiência chega a eles:

Ser negro é ter que mostrar que é capaz intelectualmente, profissionalmente, socialmente, sempre; é ter que lutar pelo espaço que deveria ser natural e decorrente de acordo com a sua capacitação é ter sempre a etnia como barreira para a sua inserção intelectual, profissional, social...<sup>27</sup>

Ser negro é estar em constante luta para provar que é capaz, que é igual. É sofrer preconceito e muitas vezes se calar. É batalhar o dobro das pessoas brancas para chegar a algum lugar, para obter respeito<sup>28</sup>.

A compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história, também marca a fala de outros professores. Nelas a identidade do negro é bem mais complexa que a simples composição física, porque está presente a construção política do ser negro:

---

<sup>27</sup> Entrevista n.º 03.

<sup>28</sup> Entrevista n.º 16.

Ser negro é se identificar e declarar-se afro-descendente. Esta identidade se sobrepõe à cor da pele ou aos traços tidos como característicos dos negros. Identificar-se como afro-descendente leva em conta também às referências culturais e sociais da população negra e não-negra, além da relação dos indivíduos com as freqüentes afirmações e negações da afro-descendência<sup>29</sup>.

Num país miscigenado como o Brasil significa, além da questão de fenótipo ou genótipo, uma questão histórico-social<sup>30</sup>.

Nesse trabalho, partimos da idéia que a representação que o professor possui da identidade do negro é fruto da sua própria experiência identitária, e que as suas configurações morais determinam as suas ações. Taylor (1997) diz que é fundamental sabermos quem somos e o que nos move para compreendermos nossas ações. Afirma que se perdermos ou não encontrarmos nossa orientação não saberemos quem somos. E essa orientação, uma vez conseguida, definirá a posição a partir da qual responderemos e, portanto, criaremos a nossa identidade.

Taylor tenta esclarecer a expressão do eu como resultado de interpretações do mundo feitas pelo agente humano. Ao interpretar o mundo, o agente está interpretando o seu próprio self. O mundo aparece não como reflexo da pura subjetividade do agente, mas como fonte expressiva para que esta possa construir a sua própria identidade expressiva (ARAÚJO, 2004, p. 29).

Taylor acredita que a expressão do eu é resultado de interpretações do mundo, porém, para valorizarmos a ação individual é necessário compreendermos a sua estrutura. Não podemos pensar no individuo sem pensarmos também no coletivo, somos moldados tanto pelas identificações particulares como pelos compromissos universais ou culturais. Porém, Taylor diz que nem todos os aspectos da diversidade cultural são dignos de respeito “Existem algumas diferenças

---

<sup>29</sup> Entrevista n.º 08.

<sup>30</sup> Entrevista n.º 24.

– o racismo e o anti-semitismo são disso exemplos claros – que não devem ser respeitadas, ainda que se tenha de tolerar manifestações de índole racista e anti-semítica” (2004, p.41).

O autor afirma que é necessário criarmos um vocabulário moral comum, mais rico que o nosso direito à liberdade de expressão. Amy Gutmann<sup>31</sup> no prefácio do livro *Multiculturalismo* (1994) de Taylor escreve que Jürgen Habermas<sup>32</sup> distingue a idéia de cultura de cultura política. Para ele a cultura não precisa ser compartilhada por todos os cidadãos, já a cultura política prioriza o respeito mútuo dos direitos. Habermas (1994) diz também, que não basta sermos iguais perante a lei, é necessário compreendermos como autores das leis que nos vinculam.

O que tanto Taylor como Habermas criticam é o discurso do relativismo cultural. Uma perspectiva de pensamento que pressupõe que as práticas e as idéias de outros povos devem ser analisadas apenas pelo seu contexto histórico e social. Marshall Sahlins (2006) , professor de antropologia da Universidade de Chicago, define o relativismo cultural como um procedimento metodológico em que as práticas culturais, para serem inteligíveis devem ser postas no seu próprio contexto histórico em vez de serem apreciadas por juízos categóricos e morais alheios a elas.

O relativismo cultural dá a entender que não existem fatos objetivos nem superioridade da razão, mas apenas fatos subjetivos, dependentes das circunstâncias culturais e sociais. Idéias que não são compartilhadas nem por Taylor nem por Habermas, já que a teoria epistemológica do relativismo não pode ser aplicada do mesmo modo a todos os tipos de saberes, tais como a

---

<sup>31</sup> Amy Gutmann é professora de política na Universidade de Princeton e diretora do Centro Universitário para Valores Humanos e do Programa para os Assuntos Éticos e Políticos. Os seus interesses de investigação incluem a filosofia moral e política, a ética prática e a educação.

<sup>32</sup> Jürgen Habermas é professor de Filosofia na Universidade de Frankfurt. A partir de uma perspectiva kantiana, defende que a proteção igual ao abrigo da lei não é suficiente para construir uma democracia constitucional. Distingue entre cultura, no sentido lato, que não precisa de ser partilhada por todos os cidadãos, e uma cultura política comum caracterizada pelo respeito dos direitos. Sustenta que são direitos individuais de associação livre e de não-discriminação, porém, direitos que não garantem a sobrevivência para nenhuma cultura. Já que as democracias constitucionais respeitam um vasto leque de identidades culturais, mas não asseguram a sobrevivência a nenhuma delas.

matemática, as ciências da natureza ou a valores humanos básicos, como o respeito a uma vida digna e a integridade física. Portanto, a definição de valores comuns implica inevitavelmente num embate político e cultural, porque exige a definição do conceito de cultura e do lugar que cabe a ela na sociedade.

A definição do que é cultura e quais valores devem ser valorizados dentro das diversas culturas existentes não é tarefa fácil. Podemos observar nas entrevistas realizadas com os profissionais dessa investigação que diferentes professores podem fazer diferentes tipos de seleção no interior da cultura. O modo pelo qual a informação é selecionada, disposta e seqüenciada para construir um quadro da realidade contemporânea e histórica é mais do que uma operação cognitiva; é também um processo intimamente ligado às crenças e valores que orientam nossa vida. Implícitas na reorganização do conhecimento estão as suposições ideológicas acerca de como vemos o mundo, suposições que constituem a distinção entre o essencial e o não essencial, o importante e o não importante. Para Giroux (1997) a ligação entre a teoria e os fatos coloca em primeiro plano um outro componente fundamental da pedagogia do pensamento crítico: as relações entre os fatos e os valores, já que separá-los é correr o risco de ensinar os estudantes como lidar com os meios, independentemente da questão dos fins.

Não podemos falar em valores culturais, antes de esclarecermos como compreendemos o conceito de cultura e de que forma ela é abordada no ambiente escolar. Para isso, discutiremos no próximo capítulo como a cultura é abordada no currículo escolar e na formação dos professores, atentando-se para as questões culturais relacionadas ao universo africano e afro-brasileiro.

### **3 A CULTURA NO CURRÍCULO ESCOLAR E NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES**

Esse capítulo discute o surgimento da palavra cultura e dos valores agregados a ela no decorrer da história, e de como a chamada cultura “afro-brasileira” foi construída no imaginário da sociedade brasileira. Investigamos as transformações ocorridas na escola a partir do multiculturalismo e da Teoria Crítica dos Conteúdos e do impacto dessas discussões na formação dos professores.

A partir das histórias e experiências dos profissionais entrevistados nesse trabalho, discutimos as transformações identitárias do professor no Brasil, as reformas curriculares propostas pelas políticas públicas e principalmente, questionamos os valores morais e ideológicos imbuídos nos conteúdos didáticos.

#### **3.1 A ORIGEM DA PALAVRA CULTURA E A FORMAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Desde o seu aparecimento no século XVIII, a idéia moderna de cultura suscita constantes debates. Cuche (2002) afirma que a palavra *cultura* tem origem latina e surge nos fins do século XIII para designar uma parcela de terra cultivada. No século XVI, ela deixa de significar um estado (da coisa cultivada), para tornar-se uma ação, o fato de cultivar a terra. Somente a partir do meio do século XVI a palavra “cultura” começa a ser utilizada no sentido figurado, como uma faculdade a ser desenvolvida. O autor comenta que esse sentido figurado será pouco conhecido até a metade do século XVII, não obtendo reconhecimento acadêmico e não fazendo parte dos dicionários da época. Ele começa a se impor no século XVIII e é sempre seguido de um

complemento. Fala-se da “cultura das artes”, da “cultura das letras”, da “cultura das ciências”, como se fosse preciso que a coisa cultivada estivesse explicitada” (CUCHE, 2002, p. 20).

No decorrer da história, a “cultura” se libera de seus complementos e acaba por ser empregada para designar a “formação”, a “educação” do espírito. O Iluminismo associa a palavra às idéias de progresso, de evolução e de razão e a aproximam da palavra francesa *civilisation*. As duas palavras por pertencerem ao mesmo campo semântico, refletem concepções parecidas. Mas, não são equivalentes, “cultura” evoca principalmente os progressos individuais, “civilização”, os progressos coletivos (Cuche, 2002).

Os intelectuais alemães adaptam para a Alemanha a palavra francesa *culture*, inicialmente com o mesmo sentido, porém, *Kultur* vai evoluir muito rapidamente para um sentido mais restrito que sua homóloga francesa e obterá, desde o século XVIII, conforme Cuche, um sucesso de público que “cultura” não teria ainda, já que “civilização” era a preferida no vocabulário dos pensadores franceses. Norbert Elias (1994) explica que esse sucesso é devido à adoção do termo pela burguesia intelectual alemã e ao uso que ela faz dele na sua oposição à aristocracia da corte. Diferente da situação francesa, a burguesia e aristocracia alemã não compartilhavam da mesma situação. A burguesia é afastada do poder político, o que alimenta um certo ressentimento. Terry Eagleton pensa que o termo *civilisation* não teve na Alemanha o impacto que teve na França justamente por ele estar ligado diretamente aos ideais da nobreza:

Por volta do final do século XIX, “civilização”, por sua vez, tinha também adquirido uma conotação inevitavelmente imperialista, suficiente para desacreditá-la aos olhos de alguns liberais. Conseqüentemente, era necessária outra palavra para denotar como a vida social deveria ser em vez de como era, e os alemães tomaram emprestado o termo francês *culture* para esse propósito. *Kultur* ou “cultura” tornou-se assim o nome da crítica romântica pré-marxista ao capitalismo industrial primitivo. Enquanto “civilização” é um termo de caráter sociável, uma questão de espírito cordial e maneiras agradáveis, vinculadas a nobreza, cultura é algo inteiramente mais solene, espiritual, crítico e de altos princípios, em vez de estar alegremente à vontade com o mundo (EAGLETON, 2000, p. 22).

Conforme Kuper (2002), essas duas correntes de pensamento sobre cultura desenvolveram-se em oposição dialética uma à outra. Um tema importante dos pensadores iluministas era o progresso do ser humano, ao passo que seus oponentes estavam interessados no destino específico de uma nação. Entretanto, o autor afirma que as idéias iluministas renderam discussões também na Alemanha, e influenciam o termo *Bildung*, que significa formação cultural dos cidadãos, item indispensável para a solidificação de uma nação.

Elevar a cultura acima da política – ser homens primeiro e cidadãos depois – significa que a política deve se mover para dentro de uma dimensão ética mais profunda, valendo-se dos recursos da *Bildung* e transformando indivíduos em cidadãos apropriadamente responsáveis e de boa índole {...} Numa sociedade civil, os indivíduos vivem num estado de antagonismo crônico, impelidos por interesses opostos; mas o Estado é aquele âmbito transcendente no qual essas divisões podem ser harmoniosamente reconciliadas. Para que isso aconteça, contudo, o Estado já tem que ter estado em atividade na sociedade civil, apacando seus rancores e suas sensibilidades, e esse processo é o que conhecemos como cultura (EAGLETON, 2000, p. 16/17).

Ao longo do século XIX, com a criação da sociologia e da etnologia como disciplinas científicas, a reflexão sobre a cultura passa do sentido normativo para o descritivo. Eles se interessam não em dizer o que deve ser a cultura, mas de descrever o que ela é, tal como aparece nas sociedades humanas. O termo “cultura” é pluralizado, começa-se a falar das culturas de diferentes nações e períodos, como de diferentes culturas dentro de uma mesma nação. O antropólogo britânico Edward Burnett Tylor<sup>33</sup> (1832-1917), foi o primeiro teórico que definiu cultura e civilização a partir dessas novas ciências, rompendo com as definições restritivas e individualistas. Para ele a cultura é a expressão da totalidade da vida social do homem, adquirida em sociedade. Eagleton, alerta para o fato de que não é porque algumas pessoas pertencem ao mesmo lugar, possuem a mesma profissão ou são da mesma geração que elas constituem uma

cultura; elas o fazem somente quando começam a compartilhar modos de falar, saber comum, modos de proceder, sistemas de valor e de uma mesma imagem coletiva (2000,p.59).

Como já dito no início do texto, a discussão sobre cultura levanta acirrados debates e traz questões que não podem ser respondidas de imediato, pelo motivo de cairmos em simplificações. Nossa tarefa aqui é de compreendermos algumas transformações que refletem no modo que o multiculturalismo encara a questão cultural e a cultura de matriz africana, pois desde a década de sessenta, a palavra “cultura” consolidou-se como afirmação de uma identidade específica, seja ela de estado, de orientação sexual, de etnia. E essa afirmação vai fazer com que Eagleton (2000) diga que a cultura deixou de ser parte da solução para torna-se parte do problema. Se antes ela era o que nos aproximava e nos unia, hoje ela é o que nos afasta e nos singulariza.

Nesse trabalho abordamos a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Vendo-a como forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, admitindo que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais, se apresentam de forma cifrada, portanto, já possuindo um significado e uma apreciação valorativa (TAYLOR, 1994, BURKE, 2004, ).

Visamos analisar como a cultura afro-brasileira, resultado da fusões de diversas culturas, é trabalhada na escola, partindo da idéia que o continente africano, com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, 600 milhões de habitantes e composto por 56 países, não pode ser visto como uma única cultura. Munanga (2007), afirma que a unidade geográfica do continente africano abriga, na realidade, diversidade biológica, lingüística e étnica. Os atuais Estados africanos são multiétnicos, ou seja, são compostos por diversas sociedades que falam línguas diferentes, possuem escala de valores, crenças religiosas, instituições familiares distintas.

---

<sup>33</sup> Tylor define cultura em seu sentido etnológico mais vasto, para ele, cultura é um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. In. CUCHE, 2002, p. 35.

Entretanto, o reconhecimento dessa diversidade nem sempre esteve presente nos estudos realizados sobre a África, tal como aponta o autor:

Os grupos étnicos africanos, na sua maioria, tiveram e têm proximidade geográfica e contatos históricos, como está comprovado pela história das migrações africanas. A tal ponto, que a diversidade quase chocante esconde semelhanças culturais importantes, o que permitiu aos pesquisadores estrangeiros mais destacados (como Herskovits, Ratzel, Frobenius, Bauman, Montandon, Daryll Forde, G. P. Murdock, Denise Paulme, Jacques J. Marquet) reduzir as milhares de culturas africanas a apenas alguns conjuntos culturais que eles chamara, segundo os conceitos utilizados naquela época, ora de áreas, ora de círculos culturais, ora de círculos etnográficos, ora de civilizações (MUNANGA, 2007, p. 4).

Os estudiosos citados por Munanga tentaram desenvolver a idéia de que, apesar da diversidade africana, há linhas fundamentais que caracterizam a África como um mundo cultural. Compreendendo a civilização como o conjunto de culturas concretas que manifestam semelhanças essenciais. Munanga (2007) reforça que para eles não há oposição entre os conceitos de cultura e civilização, já que a diferença se deve ao fato de que as civilizações não constituem realidades imediatamente perceptíveis para as pessoas que delas participam, enquanto, cada cultura concreta é ligada a uma sociedade determinada, cujos membros têm dela a consciência.

Como conciliar então a multiplicidade cultural da África com a unidade que constitui a africanidade? Culturas, civilizações e africanidade se situam em três níveis de generalização, mas são conceitos que expressam cada um a seu modo a riqueza das heranças da África negra. Elas não são excludentes, são complementares (MUNANGA, 2007, Revista Entrelivros).

O termo africanidade, que aparece pela primeira vez na revista *Présence Africaine*, publicação mantida por autores africanos que viviam na Europa nos anos 40, surge como uma tentativa de dar uma fisionomia cultural às culturas e civilizações africanas que vivem na

chamada África Negra. A africanidade não é uma concepção intelectual afastada da realidade. Ela é um conjunto dos traços culturais comuns às centenas de sociedades da África subsaariana. Segundo Barbosa (2007), as sociedades e culturas africanas do norte, predominantemente muçulmanas, não fazem parte da africanidade porque os intercâmbios entre os habitantes das fronteiras do Saara, não foram suficientemente intensos e numerosos para criar uma unidade cultural entre eles e, principalmente, com o resto da África, afastada pela floresta equatorial.

A africanidade é fundada na similaridade de experiências existenciais e nos inúmeros intercâmbios no interior do Continente. O conteúdo da africanidade é o resultado do movimento de adaptação e difusão. Munanga (2007), afirma que ele é constituído de elementos vinculados a diversos domínios da cultura, tais como: parentesco, casamento, família, organização espacial e controle social da comunidade, socialização dos jovens, concepções filosóficas e visão do mundo, governo e estratificação social, religião, ritual, arte, mágica.

Você vai verificar que, em toda a África Negra a infância é sempre acompanhada dos ritos de iniciação; a criança tem sempre um contato prolongado com a mãe e tem uma dependência de linhagem muito grande, o que é fundamental. Sua referência identitária não é a nacionalidade, não é a classe social, mas, sim, seu grupo de parentesco. Nesse parentesco você encontra dois sistemas fundamentais que dividem a África: a matrilinearidade e a patrilinearidade. Quer dizer, por intermédio do pai ou da mãe a criança é ligada a vários ancestrais situados, evidentemente, numa mesma linha. Os vivos são unidos aos mortos porque é através desses que a força do ancestral é transmitida para eles. Cultuando os ancestrais, ao mesmo momento em que ele vive a solidariedade da linhagem, o jovem africano é introduzido aos valores básicos de sua cultura: força, fecundidade, harmonia com a natureza - fundamentos da filosofia africana (MUNANGA, 2007, p. 6).

Não cabe aqui nesse trabalho detalhar cada elemento que faz parte da chamada africanidade, mas sim, perceber como esses elementos culturais ajudaram a construir o que chamamos de cultura afro-brasileira. Lembrando que a africanidade presente nessa cultura foi transmitida por descendentes de africanos escravizados no Novo Mundo. Transplantação essa, que como diz Munanga (2000), operou um corte e, conseqüentemente, uma ruptura com a

estrutura social original. Não há como pensar a cultura afro-brasileira sem situá-la no contexto histórico no qual surgiu e foi formada, ou seja, sem considerá-la em função de uma época e de uma história que portam a marca de uma sociedade que foi arrancada de suas raízes.

Para que os elementos culturais ou artísticos possam ser repetidos na memória de um indivíduo cortado de suas raízes é preciso que eles pertençam ao núcleo de sua existência, pois é este último que sobrevive à ruptura. É ele que alimenta a cristalização de elementos na memória individual e se torna mais eficaz quando combinado com o conjunto de fatores sociais cujo efeito é também de suma importância na preservação e especialmente na continuidade de elementos culturais na nova sociedade (MUNANGA, 2000, p. 100).

Podemos concluir que a continuidade e a recriação de todos os elementos das culturas africanas no Brasil não foram integrais, porque a totalidade de suas estruturas social, política, econômica e religiosa não foi transportada ao Novo Mundo. Freyre (1933) nos fala que misturando-se aos povos que aqui encontraram, os africanos deram origem à mestiçagem que amorenou a nossa pele, alongou nossa silhueta, encrespou nossos cabelos e nos conferiu a originalidade de gestos macios e andar requebrado. A partir dessa constatação, Souza (2006) afirma que a sociedade brasileira ao incorporar elementos africanos ao seu dia-a-dia, nas lavouras, nos engenhos de açúcar, nas minas e nas cidades, ajudou a formar uma nova identidade, nos legando o que hoje chamamos hoje de cultura afro-brasileira.

A questão da presença africana e da sua absorção na sociedade brasileira é um tema importante para compreendermos a formação da cultura afro-brasileira. Uma das características mais marcantes da sociedade do Brasil é o fato de ela ser resultado da mistura de povos e das culturas que para cá vieram, por vontade própria ou à força. Entre as pessoas que se encontraram em terras brasileiras é evidente a predominância de africanos, pois eles foram a principal força de trabalho por mais de trezentos anos. Portanto, não é de se estranhar que a questão da origem e da fusão entre as culturas brasileira e africana são os temas que mais despertam a atenção dos

professores entrevistados nesse trabalho. Ao serem questionados sobre quais assuntos consideram mais importantes, e que os alunos devem conhecer sobre a história da África e da cultura afro-brasileira, os professores destacaram:

Eu acho que a questão da origem não é muito retrata pelos processos históricos nos livros didáticos. Então a gente conhece muito pouco a história da África, por isso eu procuro dar dentro das minhas aulas uma abordagem essencial da história da África. Incluindo a cultura afro-brasileira, a contribuição cultural negra que até hoje é muito presente e todo o processo da escravidão africana, de todo o sofrimento causado pelo europeu que foi conivente em várias instâncias sociais. Acho que tudo isso deve ser reforçado nas aulas de história<sup>34</sup>.

Na História da África, os grandes impérios, tudo que foi desenvolvido em estudos, tecnologia, de cultura, da contribuição da África, não só para o Brasil, mas para a humanidade. As contribuições da matemática, da arquitetura, da metalurgia da literatura e da língua. E no caso brasileiro, eu gosto muito de falar com eles sobre o momento posterior da escravidão. Discutir o momento em que o negro se encontra livre e não tem oportunidades de se integrar na sociedade. É justamente, o período que o negro some da história brasileira. Quando trato da escravidão, tento desconstruir os estereótipos do escravo preguiçoso, de que não resistia à escravidão, de que não tinha organização<sup>35</sup>.

Nas falas acima fica clara a intenção de desconstruir os estereótipos e preconceitos relacionados às culturas africanas, além da ênfase nas contribuições desses povos. Porém, é interessante destacar que o texto da Lei 10.639/2003 não propõe mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, étnica, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades diárias, as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além de raiz africana e europeia. A cultura da Europa não deve ser a única nem a medida para o estudo das outras. Essa preocupação aparece no depoimento da professora abaixo:

---

<sup>34</sup> Entrevista n.º 01.

<sup>35</sup> Entrevista n.º 02.

Sinceramente, penso que o foco dado à produção intelectual europeia deveria ser revisto em todos os conteúdos. Essa produção deveria ser mais uma a ser estudada e não a única, em todos os seus aspectos: históricos, geográficos, religiosos, linguísticos, artísticos, filosóficos, tecnológicos etc. Assim, penso que todos estes enfoques deveriam ser estudados também sobre a cultura ameríndia, afro-brasileira, africana, etc<sup>36</sup>.

Quando perguntados sobre quais assuntos da cultura africana ou afro-brasileira esses professores estudaram no período que frequentaram como alunos a escola fundamental, os temas recorrentes foram escravidão e folclore. É interessante perceber que dos oito professores de Arte que participaram da investigação, três citam o folclore como um dos temas que abordam da cultura afro-brasileira com os seus alunos.

A cultura negra e suas contribuições em todas as áreas, características da arte e folclore<sup>37</sup>.

Não possuo conhecimentos profundos sobre o assunto, mas uso em sala suas pinturas, máscaras, esculturas, muitas lendas do folclore e mitos.<sup>38</sup>

Não sei dizer. Talvez o folclore<sup>39</sup>.

Segundo a Carta do Folclore Brasileiro, escrita no *VIII Congresso Brasileiro de Folclore*, em 1995, a partir da releitura e discussão da carta de mesmo nome aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro de 1951. O Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituindo-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade.

Na carta reescrita em 1995, é ressaltado que entende-se folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. E que a expressão cultura popular se

---

<sup>36</sup> Entrevista n.º 24.

<sup>37</sup> Entrevista n.º 09.

manterá no singular, embora entende-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos. Porém, percebemos que não é dessa forma que os professores acima compreendem o folclore, já que em suas falas, o termo aparece de forma bastante simplificadora e destituído da questão política.

Cuche (2002), afirma que devemos evitar duas teses unilaterais e opostas presentes em muitos debates das ciências sociais sobre as culturas populares. A primeira, que qualifica de miserabilista, não reconhece nessas culturas nenhuma dinâmica, nenhuma criatividade próprias. As culturas seriam apenas derivadas da cultura dominante que seria a única reconhecida como legítima e que corresponderia então à cultura de referência. Já a tese maximalista, vê nas culturas populares, culturas que deveriam ser consideradas iguais e mesmo superior à cultura das elites.

Sem esquecer a situação de dominação, é talvez mais correto considerar a cultura popular como um conjunto de “maneiras de viver com” esta dominação, ou, mais ainda como um modo de resistência sistemática à dominação. Desenvolvendo essa idéia, Michel de Certeau (1980) define a cultura popular como a cultura “comum” das pessoas comuns, isto é, uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia. Para ele, a criatividade popular não desapareceu, mas não está necessariamente onde a buscamos, nas produções perceptíveis e claramente identificáveis. Ela é multiforme e disseminada: “Ela foge por mil caminhos” (CUCHE, 2002, p. 150).

A cultura africana é associada ao folclore pelos professores, justamente porque como vimos acima, ela se contrapõe a cultura oficial e dominante européia. Não tendo conhecimentos suficientes sobre os povos, as culturas e as civilizações do continente africano, os professores vêm no folclore a maneira de uniformizar e dar uma cara a um rosto ainda desconhecido. Essa prática pode revelar um descompromisso com questões importantes do currículo: a transmissão cultural e a ideologia.

---

<sup>38</sup> Entrevista n.º 11.

Ao pensar na dimensão cultural e ideológica dos conteúdos escolares , Giroux (1997), propõe uma nova visão de currículo, onde ele é visto como o estudo da ideologia. Essa maneira de perceber o currículo levanta questões importantes, tais :

- Como tal conhecimento é transmitido em sala de aula?
- Que tipos de relacionamentos sociais em sala de aula servem para espelhar e reproduzir os valores e normas incorporadas nas relações sociais aceitas de outros lugares sociais dominantes?
- Quem tem acesso a formas legítimas de conhecimento?
- Aos interesses de quem este conhecimento está a serviço?
- Como métodos de avaliação predominantes servem para legitimar as formas de conhecimento existentes?

Essas questões devem estar presentes tanto nos projetos pedagógicos das escolas como na prática dos professores, principalmente quando tratam dos assuntos culturais, como os africanos e afro-brasileiros, já que eles estão permeados de construções históricas distorcidas e preconceituosas. Entretanto, a discussão de como o currículo escolar pode reforçar as desigualdades sociais e étnicas só entra na pauta educacional a partir da teoria crítica dos conteúdos como veremos em seguida.

### **3.2 A CRÍTICA AO CURRÍCULO E O LUGAR DA CULTURA NA ESCOLA**

Se pensarmos na palavra educação tanto como formação e socialização do sujeito como restringindo-a ao domínio escolar, é necessário reconhecer, como aponta Forquin (1993) que se

---

<sup>39</sup> Entrevista n.º 14.

toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de conteúdo da educação.

Então o que significa a palavra “cultura”, quando se fala da função de transmissão cultural da educação? Essencialmente, um patrimônio de conhecimentos e de competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular, definida de modo mais ou menos amplo e mais ou menos exclusivo (FORQUIN, 1993, p. 12).

Os pesquisadores que se debruçaram sobre a análise do currículo partem da idéia que as experiências de escolarização propagam mais do que os conteúdos da cultura e da moral hegemônica. Um dos motivos seria a presença do currículo oculto, que consiste em normas, valores e crenças não declaradas que são transmitidas aos estudantes através da estrutura subjacente do significado e no conteúdo formal das relações sociais da escola e na vida em sala de aula. Para Giroux (1997), o currículo oculto pode ser compreendido como as intenções, geralmente não conscientes, que estão presentes no currículo oficial e na prática dos professores.

A nossa formação docente muitas vezes é marcada por uma inculcação de preconceitos que, certamente, corroboram para a produção de maiorias invisíveis e silenciadas, e isto é tão forte que nem percebemos. [...] Aprendemos nos livros, nos meios de comunicação, na grande mídia, nos filmes, revistas, outdoors, jornais... a idealizar algumas características humanas como as representantes legítimas e naturais do que seja ser humano. Normalmente homens, brancos, padrão euro-norte-americano de vestir e agir. [...] Aprendemos este preconceito relativo ao que seja um ser humano ideal e quando nos deparamos com nossos alunos reais ou abrimos mão dessa idealização ou passamos a exercer o nosso racismo, machismo; passamos a estigmatizar e invisibilizar nossa realidade (TRINDADE, 2002, p.10/11).

O currículo adotado na escola é apenas uma seleção entre várias possibilidades. Toda educação supõe uma seleção no interior da cultura e uma reelaboração dos conteúdos a serem transmitidos aos alunos. Portanto, é necessário a utilização de textos diversos que objetivem a

cultura a partir de diferentes perspectivas, já que “nem toda a cultura da qual temos consciência está disponível em representações codificadas (escritas, por exemplo) para facilitar sua abordagem pelos sujeitos” (SACRISTÁN, 1999, 157).

A pressão de interesses sociais interfere no currículo escolar, e um exemplo contundente no Brasil é o caso da Lei. 10.639/93 de inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na escola, fruto das pressões do movimento negro. Forquin (1993) acredita que são essas relações de força e de opinião que prevalecem em um dado momento e transformam o processo de seleção e re-seleção dos conteúdos.

O modo como uma sociedade seleciona, classifica, distribui, transmite e avalia os saberes destinados ao ensino reflete a distribuição do poder em seu interior e a maneira pela qual aí se encontra assegurado o controle social dos comportamentos individuais. Trata-se com efeito de fazer surgir o sistema complexo de relações que pode existir, nas sociedades contemporâneas, entre a estrutura dos saberes e o modo de funcionamento das transmissões escolares por um lado, e, por outro lado, das formas dominantes de poder e o controle social que se exercem tanto no interior das instituições educativas quanto no nível da sociedade global (FORQUIN, 1993, p.85).

Não se pode ensinar tudo, é necessário fazer escolhas, variáveis segundo os contextos, os recursos disponíveis, as necessidades sociais e as tradições culturais e pedagógicas. A tarefa de decidir cabe aos responsáveis pelas políticas educativas, mas também, no nível cotidiano, dos professores, que nas salas de aulas, também têm que fazer as suas escolhas. “Assim, o ensino é inseparável da idéia de um valor inerente à coisa ensinada, e que beneficia, de algum modo, por efeito de contaminação ou de assimilação, aquele a quem o ensino se dirige” (FORQUIN, 1993, p. 145).

Os professores devem confrontar-se não somente com o conteúdo que eles vêem, mas por que eles vêem esse conteúdo de determinada forma. Quando conseguimos entender a razão de vermos o que vemos, nós estamos pensando sobre o pensar, analisando as forças que moldam

nossa consciência e a colocamos num contexto significativo. Kincheloe (1997) também entende que todo olhar é seletivo e filtrado pelas formas como o poder tem construído nossa subjetividade.

A teoria crítica está preocupada com a extensão da consciência humana do homem ou da mulher como seres sociais. Um indivíduo que adquire tal consciência, poderia entender como suas opiniões políticas, crenças religiosas, papel de gênero, autoconceito ou perspectivas educacionais têm sido influenciadas pela cultura dominante. A teoria crítica promove, assim, auto-reflexão. Na minha atividade como professor no curso de graduação em educação eu ajudo os alunos a cultivar uma visão crítica teoricamente baseada na construção de suas próprias consciências como futuros professores. Por que eu decido ensinar assim? Que forças em minha vida moldaram esta decisão? Como têm estas forças contribuído para o estilo de professor que eu me tornaria? Estas questões combinadas com uma introdução à teoria crítica pós-moderna iniciam um processo introspectivo que, no final, não é somente autoconhecimento, mas também crítica cultural e educacional. Indubitavelmente, os estudantes chegam a conhecer-se melhor ao trazer para a consciência o processo através do qual suas consciências são construídas (KINCHELOE, 1997, p. 115).

Os professores não são politicamente neutros porque eles se identificam com um sistema de sentido que abarca seus valores morais e que os definem como indivíduos. Na vida diária os professores preferem incluir algumas formas de conhecimento enquanto excluem outras do currículo, e estas decisões tomadas no cotidiano escolar são políticas. A partir das suas escolhas, eles podem legitimar certas crenças enquanto deslegitimam outras. Para Giroux (1997), os professores e administradores deveriam abordar a educação examinando suas próprias perspectivas sobre a sociedade, as escolas e a emancipação. Em vez de tentar fugir de suas próprias ideologias<sup>40</sup> e valores, os educadores deveriam confrontá-las criticamente de forma a

---

<sup>40</sup> A ideologia é compreendida aqui, tal como Giroux (1997) a define, ou seja, sendo uma construção que se refere às formas nas quais os significados são produzidos, mediados e incorporados em formas de conhecimento, práticas sociais e experiências culturais. Neste caso, a ideologia é um conjunto de doutrinas bem como um meio através do qual os professores e educadores dão sentido a suas próprias experiências e às experiências do mundo em que se encontram. Como ferramenta pedagógica, a ideologia torna-se útil para a compreensão não apenas de como as escolas sustentam e produzem significados, mas também de como os indivíduos e grupos produzem, negociam, modificam ou resistem a eles. Compreender como a ideologia funciona fornece aos professores uma ferramenta para examinar como suas próprias visões sobre o conhecimento, natureza humana, valores e sociedade são mediadas através das suposições de “senso comum” que usam para estruturar suas experiências em sala de aula. Giroux (1999) aponta que as suposições acerca de aprendizagem, realização, relação professor-aluno, objetividade, autoridade escolar, etc., precisam ser criticamente avaliadas pelos educadores.

compreender como a sociedade os moldou como sujeitos. “Os professores e administradores devem esforçar-se para compreender como as questões de classe, gênero e raça deixaram uma marca sobre sua maneira de pensar e agir” (GIROUX, 1997, p.40).

Reconhecer que as escolhas que fazemos com respeito a todas as facetas do currículo e pedagogia são carregadas de valor significa nos libertarmos de impor nossos próprios valores aos outros, é compreender que fizemos uma escolha num universo rico de possibilidades. Entretanto, é necessário perceber as razões que nos fazem escolher determinados caminhos, aí está a importância de termos consciência de nossa identidade. Giroux (1999), afirma que admitir isso significa que podemos partir da noção de que a realidade nunca deveria ser tomada como dada, mas que, em vez disso, deve ser questionada e analisada.

O questionamento sobre o processo educacional e de como os professores trabalham a questão cultural na escola faz parte da discussão multicultural e da Teoria Crítica Escolar<sup>41</sup>. O multiculturalismo na educação provoca alterações maiores que apenas a inclusão de novos conteúdos. Ele exige que se repensem o conceito de cultura, as relações étnicas, sociais, pedagógicas, os procedimentos de ensino e principalmente os objetivos educacionais das escolas. A reflexão sobre a prática se torna uma exigência fundamental para os professores. Todas as estratégias que compõem o seu dia-a-dia passam por uma análise que objetiva perceber como as culturas e as identidades são abordadas no cotidiano escolar. Taylor (1994) diz que se a cultura é formada por todos os elementos que fazem parte dos modos de vida de uma sociedade e são permeadas por condutas morais. As práticas de educação devem dialogar criticamente com essa bagagem. Forquin (1993) concorda com Charles Taylor ao pensar que uma educação só será

---

<sup>41</sup> A Teoria Crítica Escolar determinou-se a desvelar como a dominação e a opressão são produzidas dentro dos diversos mecanismos de escolarização. Contrários à alegação conservadora de que as escolas transmitem conhecimento objetivo, os críticos radicais desenvolveram as teorias do currículo oculto, bem como as teorias da ideologia, que identificam os interesses específicos que subjazem às diferentes formas de conhecimento. Ao invés de encarar o conhecimento escolar como objetivo,

multicultural se levar em conta a diversidade de referências culturais e de pertencimentos identitários:

Quando o multiculturalismo é aplicado ao ensino, o qualitativo “multicultural” adquire um significado um pouco diferente. Um ensino pode, com efeito, dirigir-se a um público culturalmente diverso sem ser ele mesmo um ensino multicultural: ele não se torna tal senão a partir do momento no qual ele põe em ação certas escolhas pedagógicas, que são ao mesmo tempo escolhas éticas e deontológicas, isto é, se ele leva em conta deliberadamente e num espírito de tolerância, nos seus conteúdos e nos seus métodos, a diversidade de pertencimentos e referências culturais dos públicos de alunos aos quais ele se dirige (FORQUIN, 1993, p. 137).

Ter clareza sobre o que move os seus atos é o primeiro passo para um professor que tenta perceber a escola com um olhar multicultural. Porém, é comum os programas de educação de docentes manterem um silêncio sobre a influência dos padrões sócio-culturais que modelam o pensamento dos professores. A educação do professor tem sido considerada como a linguagem da eficiência e da lógica técnica, portanto, não é surpreendente que as questões culturais tenham sido ignoradas na sua formação. É interessante pensarmos sobre como os aspectos políticos da escolarização aparecem durante o seu período de formação e como as forças sociais e históricas interferem no seu modo de ver a cultura e a escola. Para isso, é necessário compreendermos a construção da identidade do professor no Brasil e o seu papel como sujeito político.

---

como algo a ser simplesmente transmitido aos estudantes, os teóricos radicais alegam que o conhecimento é uma representação particular da cultura dominante, um discurso privilegiado que é construído através de um processo seletivo de ênfase e exclusões.

### 3.3 O PROFESSOR COMO SUJEITO POLÍTICO E AS TRANSFORMAÇÕES IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR NO BRASIL

A construção da identidade do professor no Brasil está associada segundo Simões/Carvalho (2001) a três fatores histórico-ideológicos: elementos de religiosidade e secularização; institucionalização da formação docente; e espaços em disputa na arena educacional entre o público e o privado.

Desde a chegada dos jesuítas no Brasil em 1549, até a sua expulsão em 1759, foram eles os responsáveis pela educação brasileira. Nossos primeiros professores por meio da ação missionária procuravam converter os povos das regiões que estavam sendo colonizadas à fé católica.

Inicialmente, deve-se levar em conta que, se os sacerdotes e os mestres, historicamente, seguiram-se aos generais no processo de sedimentar conquistas, no caso brasileiro; o jesuíta foi o educador por excelência, durante um longo tempo. E o que se pretendia desse padre/educador? Sob a ótica da Companhia de Jesus, cuidava-se de que fosse obediente, disciplinado, comprometido com a catequese dos indígenas e, como esclareciam os regimentos da Ordem, “pouco amigo das novidades”. Sob a ótica do poder real português, tratava-se de atrelar o trabalho dos jesuítas, por ele subsidiado, à empreitada de colonização do solo brasileiro (SIMÕES/CARVALHO, 2001, p. 440).

Nesse aspecto, foi-se montando um processo de colonização e exclusão que lembra o que Freire (1977) denominou pedagogia do oprimido<sup>42</sup>. Para o autor, esse processo caracteriza-se pela construção de uma identidade ambígua, resultante da introjeção de valores ditados pelos conquistadores aos conquistados. Sacristán (1999) lembra também que na filosofia gramsciana,

---

<sup>42</sup> Pedagogia do Oprimido, é o principal livro do educador Paulo Freire, publicado em 1968, que traz os principais conceitos de sua filosofia educacional. Para o autor, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. A valorização da cultura do aluno é a chave para o processo de conscientização preconizado por Paulo Freire e está no âmago de seu método de alfabetização, formulado inicialmente para o ensino de adultos. Basicamente, o método propõe a identificação e catalogação das palavras-chave do vocabulário dos alunos – as chamadas palavras geradoras. Elas devem sugerir situações de vida comuns e significativas para os integrantes da comunidade em que se atua. A alfabetização é, para o educador, um modo de os desfavorecidos romperem o que chamou de “cultura do silêncio” e transformar a realidade como sujeitos da própria história.

o conhecimento constitui uma base para o estabelecimento da hegemonia de algumas classes sociais sobre outras. Aqueles que dominam o conhecimento intervêm nas relações sociais, ao fazer que um mundo determinado se aceite ou se transforme, isto é, que o domínio da teoria não pode ser desligada das práticas sociais.

A perspectiva da teoria crítica – uma derivação neomarxista – estabelece que a prática esconde interesses ocultos que obstaculizam a participação em condições de igualdade dos seres humanos, sendo a missão do conhecimento descobrir essa situação de falseamento (SACRISTÁN, 1999). Entretanto, a filosofia da Companhia de Jesus era muito clara em relação aos seus objetivos: deter o avanço protestante no mundo através da educação das novas gerações e a doutrinação católica nas colônias.

A secularização da educação no Brasil foi sinalizada com a expulsão dos jesuítas das terras brasileiras. Cunha (1980) escreve que o governo português estabeleceu normas relativas ao exercício do magistério, público ou privado, que só poderia ser exercido mediante a aprovação do postulante em exames de habilitação e idoneidade comprovada pela Diretoria Geral de Estudos e seus delegados. Essa mesma Diretoria, sob ordens reais, encarregava-se do ensino ministrado na colônia, controlando ainda questões relativas aos conteúdos do ensino e à implantação de aulas régias.

A essa altura, algumas questões merecem ser pontuadas. Em primeiro lugar, parece configurar-se, a partir da expulsão dos jesuítas, a condição de “funcionários do Estado” atribuída ao professor. Tal condição, por sua vez, delineia-se a partir de um contexto caracterizado pela reação de dominação e dependência instituída entre a metrópole e a colônia. Ser funcionário do Estado, portanto, significava atender aos interesses portugueses, voltados à exploração e à subordinação da colônia.

Em segundo lugar, pode-se indagar como se dava a formação dos docentes submetidos aos exames de Estado? Se os jesuítas preparavam-se para o exercício da docência, ainda que fossem, sobretudo, sacerdotes, após a sua expulsão do solo brasileiro, os professores, içados à condição docente, quando muito, deveriam demonstrar conhecimento dos conteúdos a serem ensinados. Os laços com a Igreja Católica, por outro lado, permanecem fortes, o que pode ser comprovado pelo reconhecimento, na Constituição de 1824, do catolicismo como religião do Estado. Aos professores, por conseguinte, como aos demais funcionários do Estado, competia jurar fidelidade à fé católica (SIMÕES/CARVALHO, 2001, p. 441-442).

Aparecem na fala das autoras acima, questões que preocupam não só os pesquisadores, mas a sociedade como um todo: Como se dá a formação dos professores? Essa formação é capaz de preparar os profissionais para o exercício pleno das suas obrigações legais? A prática educativa esconde objetivos escusos no seu interior? As escolhas pessoais do professor interferem na sua ação pedagógica?

A ação se dá na interação com outros, portanto, os professores expressam-se como pessoas em suas ações, mostram-se como sujeitos, que graças a essas mesmas ações vão se constituindo como docentes. Sacristán (1999) afirma que a intencionalidade é condição necessária para a ação, e compreender esse elemento dinâmico e motor é fundamental para qualquer educador, especialmente em um contexto de valores imprecisos e de rotinas estabelecidas diante de desafios importantes que exigem respostas comprometidas. A ação tem um significado para quem age e, sem considerá-lo, não podemos explicá-la externamente.

No século XIX, a formação dos professores começou a ser pensada a partir da institucionalização das Escolas Normais, inaugurando a tradição da formação do professor primário. Novaes (1984) destaca que essas escolas destinavam-se a professoras que atuariam em escolas femininas, porém, nos primeiros tempos, foram freqüentadas por estudantes oriundos das camadas populares “o que explicaria a má reputação atribuída às primeiras normalistas” (p.78). Com o tempo, passaram a constituir um dos poucos canais disponíveis às mulheres socialmente e economicamente privilegiadas, interessadas em estender o seu processo de escolarização.

Desde o início da institucionalização da formação de professores coube a mulher o papel central desse processo. Uma das razões seria o desprestígio das escolas brasileiras do século XIX. Os filhos da classe alta, geralmente os homens, eram mandados para a Europa após serem alfabetizados em casa por professores particulares. Além, do estereótipo que as mulheres

carregavam por seus dons naturais de mãe, que segundo o consenso, facilitariam o trabalho com as crianças, principalmente as pequenas.

No século XX, a escola primária experimentou um processo de expansão que, por sua vez, criou demandas específicas no que se refere à formação docente. A Escola Normal passou a ser alvo dos reformistas que apontavam o caráter abstrato e ornamental do ensino ministrado aos futuros professores. A tensão entre a esfera pública e a privada se traduz em intermináveis conflitos constitucionais e legais em que se encontram em jogo forças de transformação e conservação da realidade educacional no Brasil.

O modelo da Escola Nova, proposta nos anos 30, segundo Saviani (1987) permeia a prática dos professores, provocando o conflito entre o ideário escolanovista absorvido pelos docentes e a realidade “tradicional” das escolas em que atuam. Para o autor, esse “drama” vivido pelos professores, preparados para ensinar em uma escola que não encontra correspondência com a realidade vivida, ampliou-se, ao longo da história, como o processo de “taylorização” do trabalho docente e agravou-se, posteriormente, com a crítica que imputava aos docentes e à escola a condição de reprodutores das desigualdades sociais (SIMÕES/ CARVALHO, 2001, p. 445).

Após o golpe militar de 1964, foi institucionalizado um conjunto de reformas na política educacional que tinham como objetivo adaptar a educação ao processo de desenvolvimento econômico. Chauí (1986) identificou nessas reformas do ensino brasileiro uma aliança entre uma concepção de ciência, de tecnologia, de profissionalização e de “progresso” que não só indicavam a morte da pedagogia como arte de ensinar, mas revelam também o novo papel conferido à escola, “criar , a baixo custo e em baixo nível, um exército alfabetizado e letrado de reserva” (p.57).

Uma das medidas da reforma de 1964 foi o caráter profissionalizante do Curso Normal, que passa a constituir mais uma das habilitações oferecidas no antigo 2º Grau. Segundo Cunha (1980), a habilitação para o magistério de 2º Grau, apresenta-se esvaziada de identidade e de

conteúdo, já que não se presta à formação do professor ou do especialista. Na universidade, a ênfase recaiu, durante algum tempo, na formação do especialista, em detrimento da do professor, a partir de um modelo claramente tecnicista e importado dos EUA. Para Simões/Carvalho (2001) o percurso histórico da construção da identidade do professor revela a instabilidade de políticas públicas marcadas pela descontinuidade, autoritarismo e pelo descompromisso com a qualidade e com a efetiva democratização do ensino no Brasil.

O modelo tecnicista de educação prioriza o acúmulo de informações, não dando espaço para o desenvolvimento da criticidade do aluno. Freire (1967), condenou esse tipo de ensino por qualificá-lo como uma educação bancária, em que o professor age como quem deposita conhecimento num aluno apenas receptivo, dócil. O saber é visto como uma doação dos que se julgam seus detentores. Essa maneira de entender a escolarização determina a relação entre o professor e o educando, e aparece na fala de uma das professoras entrevistadas nessa pesquisa:

Eu estudei no período da ditadura, então as estratégias dos professores eram voltadas a vencer o volume de conteúdo, sem espaço para muitas reflexões, relações ou questionamentos. A relação professor-aluno era hierárquica, o professor tinha um tablado mais alto onde ficava a lousa e sua mesa, reforçando ainda mais essa distância, raramente descia do seu “púlpito” e se algum deles rompesse essa relação era visto pela Instituição como uma ameaça aos padrões educacionais<sup>43</sup>.

Esse tipo de escola trata-se, para Freire, de uma escola alienante, mas não menos ideologizada, já que “a sua tônica reside em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade” (1977, p. 49). Enquanto a escola conservadora procurava acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que Freire defendia tinha a intenção de inquietá-los.

---

<sup>43</sup> Entrevista n.º 03.

A partir dessa constatação, as reformas curriculares pensadas a partir do final dos anos 70 foram marcadas por um discurso que dava ênfase à necessidade de recuperar a relevância social dos conteúdos veiculados pelos professores na escola, contrapondo-se às orientações tecnicistas que prevaleceram na década anterior.

Nesse momento inicia-se o questionamento sobre valores morais e ideológicos imbuídos nos conteúdos didáticos abordados . E ao reformar o sistema educativo, percebemos que é alterada a prática de educação porque ela abre espaço para a autonomia crítica tanto do professor como do aluno. Retomamos Sacristán (1999) ao enfatizar que a ação educativa está repleta de escolhas políticas dos professores:

As ações que se empreende na educação, tanto individuais como coletivas, não poderiam ser entendidas se não se considera a que conduzem, para que se realizam. No final das contas, a educação não é algo espontâneo na natureza, não é mera aprendizagem natural que se nutre dos materiais culturais que nos rodeiam, mas uma invenção dirigida, uma construção humana que tem um sentido e que leva consigo uma seleção de possibilidades, de conteúdos, de caminhos (SACRISTÁN, 1999, p.33).

O modelo multicultural do currículo, baseado na análise crítica dos conteúdos, aparece na educação brasileira a partir dos anos oitenta através de pesquisas como as desenvolvidas por Demerval Saviani, José Carlos Libâneo, Milton Santos, Muniz Sodré entre outros. E apontam para a reflexão dos elementos culturais que sustentam o discurso racista, patriarcal e colonialista da sociedade, e refletidos tanto na prática como na teoria educacional.

Práticas discriminatórias para com as mulheres, os negros ou os ciganos, nas salas de aula, reproduzem e são conseqüências de práticas sociais do mesmo tipo. Entender a educação requer, então, o exercício de explicar o que ocorre dentro da mesma em relação ao que ocorre no exterior, e não pode ser de outra forma. Daí as dificuldades na origem da pesquisa e do pensamento educativos no momento de indicar as delimitações do território a ser analisado. [...] A ação do ensino não pode ser isolada do contexto no qual ocorre, não mais no sentido de que estejam condicionadas por um ambiente social e cultural geral afastado, mas por estarem ligadas de maneira imediata a determinações que têm influência sobre a ação (SACRISTÁN, 1999, p.93).

A análise crítica dos conteúdos exige que os professores tenham consciências tanto das técnicas educativas como das ideologias presentes na sociedade e nos programas didáticos. Essa nova forma de abordar o currículo altera tanto a prática de educação como o relacionamento entre o professor e o aluno. Porém, as mudanças estruturais ocorrem na escola de maneira lenta e nem sempre acompanham as urgências detectadas no momento. Se desde o final dos anos sessenta havia uma tentativa de reformular a maneira de tratar o conhecimento nas escolas, foi somente nos anos noventa que essa mudança começa a ser percebida pelos alunos .

Chegamos a essa conclusão a partir da análise dos depoimentos dados pelos profissionais entrevistados ao serem questionados sobre a metodologia e as estratégias utilizadas pelos seus professores durante o seu percurso escolar. Nas entrevistas, somente uma professora, a mais jovem desse grupo, comenta sobre a relevância dos conteúdos e da relação saudável entre professores e alunos:

A escola em que estudei seguia o modelo construtivista, de experimentação. Lá, tinha muitas aulas e palestras desenvolvidas por alunos da graduação, aproximando o universo da universidade ao da escola. Os estagiários tinham afinidade com os alunos e isso tornava os conteúdos mais próximos porque eles eram um pouco mais velhos que nós. Isso deixava as aulas bastante dinâmicas, porque a presença dos estagiários animava tanto os alunos quanto os professores, que sempre que possível, trabalhavam com conteúdos que tinham relação direta com os assuntos em pauta na sociedade. A relação entre os professores e alunos eram bem próximas, agradáveis, e isso facilitava a aprendizagem, era nítida a preocupação dos professores em despertar a curiosidade e o senso crítico dos alunos <sup>44</sup>.

Dos 24 professores entrevistados, 4 têm menos de 30 anos, porém, apenas no depoimento da profissional acima, percebemos uma prática educativa mais próxima da defendida pelos autores da Teoria Crítica Educacional. É interessante destacar que a professora mencionada é a única desse grupo que estudou em escola privada. Sua experiência na rede pública, ao contrário

---

<sup>44</sup> Entrevista n.º 08. Entrevista n.º

da dos outros professores, se deu, em um estabelecimento modelo, a Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, reconhecida como celeiro de experiências educacionais.

Essa análise traz os seguintes questionamentos: As mudanças propostas na educação, oriundas da reflexão de pesquisadores, são realmente compreendidas lentamente pelos professores? As escolas públicas demoram mais que as privadas para alterar as práticas educativas? Os modelos de educação podem acentuar as desigualdades sociais?

Ao pensar nessas questões, Mello (2002), afirma que o Brasil, à exemplo de outros países da América Latina, é caracterizado por políticas de ajuste econômico de curto prazo, que dificultam consensos em torno de objetivos de longo alcance, como são os educacionais. Isso faz com que a educação, principalmente a pública, tenha a cada governo uma nova agenda de prioridades. A falta de estabilidade e continuidade de políticas públicas acentua os problemas de má qualidade do ensino oferecido pelo Estado e faz com que a educação, paradoxalmente, reforce as desigualdades invés de contribuir para compensá-las.

A manutenção de uma educação alienante e destituída da relação com a realidade fez parte do cenário educacional da maioria dos professores entrevistados. Os quinze professores que estão na faixa etária dos trinta e quarenta anos citaram como suporte para a sua escolarização o modelo tradicional de ensino, que é baseado no acúmulo de informações, na repetição de exercícios e na autoridade do professor. Ao mesmo tempo que classificam essa prática como conservadora e monótona, eles acreditam que a distância entre professores e alunos era algo inerente a esse tipo de relação:

Foram as formas mais tradicionais e conservadoras para o período. Os professores passavam lição e nós copiávamos, fazíamos tarefas na sala. A relação entre os professores e os alunos era normal, com certo afastamento por causa da condição hierárquica e do tradicionalismo de professor ser professor e aluno ser aluno<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Entrevista n.º 04.

Aulas expositivas. Relacionamento bem informal. Os professores falavam e nós perguntávamos quando tínhamos dúvida, era muito bom<sup>46</sup>.

As aulas eram monótonas e na maioria das vezes, bem tradicionais: textos na lousa, cópia, leitura, exercícios e memorização. Se o aluno fosse bom em decorar, ótimo! Sorte que sempre fui, então estava feito. Os professores ficavam na “deles”, não davam muita “trela” para aluno<sup>47</sup>.

Será que a forma que aprenderam influencia a forma como ensinam? Questionados sobre as estratégias e os recursos que utilizam na sala de aula, além da lousa e giz, elementos tradicionais do ensino, os mesmos professores destacaram o uso de reproduções e gravuras, a leitura e a compreensão de textos, os exercícios de repetição e cópias de quadros. Sobre a relação professor/aluno, a ênfase do profissional como o detentor do saber, aparece claramente na fala abaixo:

Tento interpretar as imagens junto com os alunos, direcionando o entendimento das ilustrações, explicando o que eles não conseguem entender... lousa, leitura e interpretação é tudo. Peço para eles lerem e me explicarem o que entenderam, caso esteja errado, eu os ajudo a entender<sup>48</sup>.

Não podemos cair em simplificações alegando que todo professor reproduz a prática pedagógica dos seus antecessores. É comum basearmos nossas ações a partir de experiências anteriores, portanto, os professores não estão à margem dessa influência. Entretanto, às vezes, essas mesmas experiências servem como modelos contrários, ou seja, para legitimar nossa recusa ao padrão vivenciado. Educadores que tentam na sua prática pedagógica não repetir a forma maçante com que foram ensinados:

---

<sup>46</sup> Entrevista n.º 11.

<sup>47</sup> Entrevista n.º 15.

<sup>48</sup> Entrevista n.º 04.

Eu acho que a minha prática é bastante construtivista e distante do que eu vivi durante meu tempo de aluna no ensino fundamental. Giz e a lousa a gente tem que utilizar, mesmo porque o material na escola pública é deficiente. Além da leitura iconográfica, eu uso leitura de músicas, eles fazem leitura de imagens com vídeo, fazem a construção do conhecimento com materiais que eles mesmo produzem e fica bastante interessante, sempre trago notícias do momento e peço para eles também trazerem informações de outras fontes, como os jornais do bairro. Procuro estimular a participação dos alunos e repensar continuamente a minha prática<sup>49</sup>.

A análise da prática do professor é um estudo do contexto cultural, de relações de poder, de política. Para compreendê-la devemos contextualizar o pensamento do professor para examinar as forças sociais e históricas que o têm moldado e entender quem se beneficia e quem é punido quando ele é definido de determinadas formas. Muitos professores concordam que é importante induzir os estudantes para pensar criticamente, mas poucos estão seguros de como atingir tal objetivo. Para Kincheloe (1997), os professores devem aprender a pensar de forma crítica antes que eles possam ensinar os estudantes a fazê-lo.

O que é o “pensamento crítico?” Autenticamente o pensamento crítico se movimenta numa direção emancipatória com um senso onipresente de autoconsciência. Mover-se numa direção emancipatória implica uma preocupação com o desenvolvimento de uma mente liberada, uma consciência crítica e uma sociedade livre. Os professores como pensadores críticos estão conscientes de que a construção de sua própria consciência e que as formas que as forças sociais e institucionais funcionam minam sua autonomia como profissionais. Auto-imagens, dogmas herdados e crenças absolutas são questionadas, os professores começam a ver-se em relação ao mundo ao seu redor, a perceber a escola como uma peça de um mosaico maior. Os professores começam a ver uma inseparável relação entre pensar e agir porque a fronteira entre o sentimento e a lógica começa a se apagar do mapa cognitivo (KINCHELOE, 1997, p. 36).

Os professores podem ajudar seus alunos a encontrar suas vozes e identidades, mas vozes e identidades são construídas por incorporação ou rejeição de uma multiplicidade de construções ideológicas que competem entre si. Quais delas os professores encorajam? Quais delas os professores desencorajam? Estas são decisões políticas. Os professores devem habilitar os alunos

---

<sup>49</sup> Entrevista n.º 01.

para adquirir e examinar criticamente as crenças morais. Entretanto, os professores se movem durante anos sem nunca serem induzidos a pensar sobre o seu próprio pensamento e sobre as infra-estruturas e discursos que os têm moldado.

Não conseguindo questionar como o conhecimento curricular é produzido, muitos professores não se preocupam em como as vozes sociais são representadas no currículo e quais delas são excluídas. Quando tais questões não são formuladas, a tentativa para levar a uma ordem mais elevada de cognição é minada porque os professores e alunos deixam de explorar as formas como as forças sociais têm contribuído para a produção de suas identidades e sua habilidade para agir no mundo.

Said (1999) aponta que um importante debate contemporâneo é sobre os resíduos culturais do imperialismo – a questão de como os “nativos” são apresentados nos meios de comunicação ocidentais – e de como algumas ideologias são reforçadas pela educação. Para o autor a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. “O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas (SAID, 1999, p. 33).

Reconhecer as culturas nas suas especificidades e autenticidades é o objetivo maior de um currículo multicultural. Os professores devem atentar-se ao fato que as diversas culturas, por serem uma tradução da realidade que se apresenta de forma simbólica, trazem consigo um imaginário e valores que nem sempre estão ao seu alcance imediato. A idéia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica. Ao levar isso em consideração, os professores podem dialogar criticamente com as diversas informações que perpassam tanto o currículo como as imagens culturais.

No capítulo seguinte vamos detalhar como a imagem do negro e da cultura afro-brasileira surge no Brasil e é trabalhada na escola. Percebendo que essas imagens trazem fortes construções ideológicas que nem sempre são desveladas pelos professores. Desfazer o modelo racista, que aparece muitas vezes na educação, implica refazer a combinação de elementos culturais que o sustentam. Para isso os professores devem atentar-se para as escolhas que fazem no interior do currículo e em como podem reforçar os preconceitos em detrimento da sua desconstrução.

## **4 UM PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A IMAGEM DO NEGRO E A SUA UTILIZAÇÃO NA ESCOLA**

Este capítulo aborda as representações no debate multicultural e o uso das imagens do negro na sala de aula, a construção do olhar europeu sobre a África e os africanos e de como a identidade do negro foi construída no Brasil a partir da arte, da imprensa e do debate político.

Os livros didáticos utilizados pelos professores que fazem parte do corpus dessa investigação contribuíram para o percurso histórico que nos propusemos a fazer nesse capítulo. E serviram como leitmotiv para as questões aqui discutidas.

### **4.1 A IMAGEM NO DEBATE MULTICULTURAL E O USO DAS IMAGENS NA SALA DE AULA**

O multiculturalismo enfatizou o debate pós-colonial, estudos que a partir da independência no Terceiro Mundo e da exploração econômica pelos países ricos chamavam a atenção para os preconceitos criados no período colonial. *Orientalismo* (1978), de Edward Said foi um livro fundamental deste contexto, porque através do uso de relatos de viajantes, trechos de romances e de imagens mostrou como o oriente era percebido pelo ocidente:

*Orientalismo* analisava os vários esquemas pelos quais o Oriente Médio foi percebido por viajantes, romancistas e acadêmicos ocidentais, e estereótipos como “atraso”, “degeneração”, “despotismo”, “fatalismo”, “luxo”, “passividade” e “sensualidade”. Trata-se de um livro enraivecido, um apelo apaixonado para que os estrangeiros vejam as culturas do Oriente Médio sem os antolhos da hostilidade ou da condescendência. Inspirou muitos estudos semelhantes, não apenas sobre a Ásia, a África ou as Américas, mas também sobre a Europa (BURKE, 2005, p. 65).

Utilizando o mesmo método de análise, Said publicou mais tarde o livro *Cultura e Civilização* (1999), que a partir da análise de romances ocidentais sobre a África, mostra que quando ocorrem encontros entre culturas e povos diferentes, provavelmente, a imagem que uma cultura crie para a outra seja estereotipada.

A palavra “estereótipo” (originalmente uma placa da qual uma imagem podia ser impresa), como a palavra clichê (originalmente o termo francês para a mesma placa), é um sinal claro da ligação entre imagens visuais e mentais. O estereótipo pode não ser completamente falso, mas freqüentemente exagera alguns traços da realidade e omite outros. O estereótipo pode ser mais ou menos tosco, mais ou menos violento. Entretanto, necessariamente lhe faltam nuances, uma vez que o mesmo modelo é aplicado a situações culturais que diferem consideravelmente umas das outras. Tem-se observado, por exemplo, que gravuras européias de índios americanos eram muitas vezes composições que combinavam aspectos de índios de diferentes regiões para criar uma única imagem (BURKE, 2004, p. 155-156).

É através do diálogo e da análise crítica que o professor poderá desobstruir possíveis preconceitos ou distorções históricas. Daí, a importância que Taylor dá a linguagem e a reflexão moral.

Defino linguagem no sentido lato, abarcando não só as palavras que proferimos, mas também outros modos de expressão, através dos quais nos definimos, incluindo as “linguagens” da arte, do gesto, do amor, e outras do gênero. As pessoas não aprendem sozinhas as linguagens necessárias à autodefinição. Pelo contrário, elas são-nos dadas a conhecer através da interação com aqueles que são importantes para nós. (TAYLOR, 1994, p.52).

A análise das imagens utilizadas pelos professores mostra como se dá o reconhecimento do outro, já que os indivíduos e os diversos grupos dão sentido ao mundo por meio de representações que constroem sobre a realidade. Pesavento (2005) afirma que o termo *representações* é um conceito-chave na recuperação das dimensões da cultura realizadas nos anos oitenta pelos historiadores, por que ela é uma construção mental da realidade feita por meio de idéias, imagens e práticas dotadas de significados que os homens elaboram para si. Sendo

“incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX” (2005, p.24).

As representações são também portadoras do simbólico, dizem mais do aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, muitas vezes dispensando reflexão, caso exemplificado pelo estereótipo. Elas trazem consigo o *imaginário*, representações coletivas construídas sobre a realidade, que por ser histórico, mostra como cada época constrói representações que dão sentido ao real.

Reconhecer o imaginário e os estereótipos vinculados à imagem do negro é um dos objetivos dessa trabalho, como também, compreender como os professores utilizam essas imagens na sala de aula. Porém, constatamos que nem sempre essas questões são pensadas quando os profissionais selecionam as imagens que utilizarão na sua prática pedagógica. Já que a preocupação em criticar as imagens, percebendo como e por quem elas foram produzidas, aparece apenas na fala de duas professoras entrevistadas, o que mostra que nem sempre os profissionais atentam-se para a questão da fabricação ideológica que elas contêm:

Primeiro eu preciso pensar na questão que eu quero abordar. Se eu quero mostrar costumes, cultura, política, vida social e o que quero que os alunos percebam nas imagens. Depois eu passo por um momento de criticá-la, de questionar o que eu acredito que ela esteja informando e tentar perceber quais as informações que me fazem chegar a tais conclusões<sup>50</sup>.

Tento buscar imagens produzidas em diferentes épocas e por diferentes autores. No Brasil temos acesso às imagens de viajantes europeus nos século XVIII e XIX que nos mostraram muito do cotidiano dos escravos nas cidades, nos trabalhos, etc. O século XX produziu muitas imagens da África com conotações de ajuda e denúncias. Tento refletir o quanto o olhar europeu é reproduzido nessas imagens e o quanto elas reduzem a cultura africana e afro-descendente, tornando-os apenas vítimas<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Entrevista n.º 02.

<sup>51</sup> Entrevista n.º 08.

Assim como as demais fontes de informação históricas, as imagens não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos sociais, políticos, culturais. A imagem colabora no processo de reconhecimento, já que a produção de identidades é sempre dada com relação a uma alteridade com a qual se estabelece a relação. Os outros, que marcam a diferença, são múltiplos, tais como os recortes de pertencimento identitário podem ser também variados e se superpor em uma mesma pessoa. Portanto, as diferenças são forjadas na percepção de quem vê e enuncia o outro, descrito e avaliado pelo discurso, figurado e representado por imagens.

O uso de imagens como experiência da diferença ou da semelhança são enriquecedoras, porém, podem se tornar uma experiência desestruturadora quando um indivíduo sente sua auto-imagem repassada pelo outro, através de imagens, atitudes e palavras que o desvalorizam e o discriminam. Daí, a necessidade de um olhar crítico e contextualizador do professor na abordagem das imagens selecionadas, já que a depreciação sistemática afeta a auto-estima de um indivíduo, podendo ser instalada e interiorizada pela sua identidade.

A tese consiste no fato de a nossa identidade ser formada, em parte, pela existência de reconhecimento e, muitas vezes, pelo reconhecimento incorreto dos outros, podendo uma pessoa ou grupo de pessoas serem realmente prejudicadas, serem alvo de uma verdadeira distorção, se aqueles que os rodeiam refletirem uma imagem limitativa, de inferioridade ou de desprezo por eles mesmos. O não reconhecimento ou o reconhecimento incorreto (TAYLOR, 1994, p.45).

Taylor também afirma que a projeção da imagem do outro como ser inferior e desprezível pode, realmente, ter um efeito de distorção e de opressão, ao ponto de essa imagem ser interiorizada. O filósofo canadense lembra o autor Frantz Fanon, que na obra *Os Condenados da Terra* (1961) defende que a principal arma dos colonizadores era a imposição da imagem que eles

concebiam dos colonizados. E que para libertarem-se, os subjugados deveriam primeiro, se livrar dessas imagens autodepreciativas.

Aprendemos na fala de alguns professores o reconhecimento da inferiorização da imagem do negro no decorrer da história, porém, ao invés de desconstruir essa idéia através da análise de como elas foram fabricadas, os professores caem em duas ciladas: a de reverter o foco, transformando os negros de vítimas em heróis; ou recusando-se a levarem imagens para a sala de aula:

Infelizmente temos muitas ilustrações que só colocam os negros como escravos, mas tento referenciá-los como heróis.

Como assim?

Eu mostro o outro lado, que o negro não só apanhou, ele foi e é herói. Só herói para viver num país tão preconceituoso como o Brasil<sup>52</sup>.

Não uso imagens porque elas são discriminatórias, sexistas e inferiorizam o negro ou mostram muitos estereótipos<sup>53</sup>.

Quando perguntados como selecionam as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas, muitos professores alegaram que utilizam continuamente as mesmas imagens devido a falta de tempo para a pesquisa iconográfica ou em razão da facilidade de trabalharem com um material conhecido. Outros, afirmaram que é necessário diversificar as fontes utilizadas, mas quando perguntados quais seriam essas fontes, eles não conseguem identificá-las.

Os professores do componente curricular de História foram os que mais se mostraram atentos tanto a temática quanto as imagens da cultura negra. Os de Arte, foram os que

---

<sup>52</sup> Entrevista n.º 04.

<sup>53</sup> Entrevista n.º 06.

demonstraram menor conhecimento e interesse pelo tema. Dos oito entrevistados, cinco afirmaram não trabalharem com a temática:

Os temas africanos ou Afro-brasileiros propriamente ditos são temas dos 6<sup>os.</sup> e 7<sup>os</sup> anos, com outra professora. E para falar a verdade nunca me interessou muito abordar esse assunto<sup>54</sup>.

Não tenho um projeto específico de trabalho com a cultura afro-brasileira, portanto não seleciono imagens. A única coisa que tenho trabalhado com frequência são as máscaras africanas<sup>55</sup>.

Escolho as imagens de acordo com o contexto e a necessidade. Mas nunca trabalhei especificamente com esse tema<sup>56</sup>.

Não seleciono porque não trabalho o tema.<sup>57</sup>

Nunca trabalhei arte africana ou afro-brasileira, então não posso responder essa pergunta<sup>58</sup>.

Os professores de Língua Portuguesa e Literatura preocupam-se mais com o texto que com as imagens, já que para a maioria desses professores, elas servem para ilustrar as idéias desenvolvidas nos textos:

Seleciono imagens condizentes com os temas a serem estudados. O principal é o assunto do texto, depois a imagem que irá ilustrar esse tema<sup>59</sup>.

Procurando relacioná-la ao texto, contexto e os objetivos dos exercícios. Só uso imagens quando o livro sugere ou facilita a compreensão dos textos<sup>60</sup>.

---

<sup>54</sup> Entrevista n.º 09.

<sup>55</sup> Entrevista n.º 12.

<sup>56</sup> Entrevista n.º 13..

<sup>57</sup> Entrevista n.º 14.

<sup>58</sup> Entrevista n.º 15.

<sup>59</sup> Entrevista n.º 18.

Quando questionados sobre o que desejam que os alunos compreendam ou percebam quando utilizam as imagens como recurso pedagógico, as respostas dos professores foram bastante parecidas, independentemente do componente curricular. Despertar a consciência e a reflexão crítica foi a resposta mais comum, seguida da possibilidade de conhecer outras linguagens além da escrita; entender o processo histórico e a história da arte; estimular os sentidos; provocar curiosidade e comoção para um tema específico e conhecer outras culturas.

Constatamos as contradições entre o discurso e a prática, porque quando perguntados sobre como escolhem as imagens que levam para a sala de aula, os professores não atentam-se criticamente para a fabricação delas e os discursos que legitimam. Porém, quando questionados sobre o que desejam que os alunos aprendam com o estudo das imagens, são unânimes em afirmar que esperam desenvolver a criticidade dos alunos.

Retomamos Kincheloe (1997) , que afirma que antes de querer ensinar os estudantes a pensar de forma crítica e sofisticada os professores devem aprender a pensar de tal forma. Daí a necessidade de nos cursos de formação de professores essa dimensão ser levada em consideração no decorrer do curso. A lei 10.639/2003 obriga esses cursos a desenvolverem conteúdos referentes a cultura africana e afro-brasileira, justamente na tentativa de reverter os preconceitos históricos que perpassam esses temas. Entretanto, dos 24 professores entrevistados apenas 07 tiveram na sua graduação alguma disciplina que abordasse a história ou a cultura africana e afro-brasileira. Muitos dos professores formaram-se antes da aprovação da lei 10.639/2003, pensando nessa questão, o texto das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, determina que:

---

<sup>60</sup> Entrevista n.º 23.

Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26<sup>A</sup> da LDB, e, para tanto, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE) (...) Divulgação, pelos sistemas de ensino e mantenedoras, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de uma bibliografia afro-brasileira e de outros materiais como mapas da diáspora, da África, de quilombos brasileiros, fotografias de territórios negros urbanos e rurais, reprodução de obras de arte afro-brasileira e africana a serem distribuídos nas escolas da rede, com vistas à formação de professores e alunos para o combate à discriminação (MEC/SEPPPIR, p. 24, 2004).

Os sistemas de ensino são os responsáveis em propor cursos de formação continuada para os professores da sua rede, e os diretores escolares têm a função de fiscalizar e incentivar projetos sobre a temática africana e afro-brasileira nas escolas. Entretanto, apenas 12 professores afirmaram ter participado de alguma oficina ou formação continuada sobre esse tema. E apenas dois desenvolveram juntamente com a sua equipe escolar, algum trabalho direcionado com a cultura afro-brasileira.

Os livros didáticos produzidos e revisados a partir da lei. 10.639/2003 trazem um número maior de temas e propostas com a temática negra, porém, percebemos que de nada adianta reformular o material didático se a formação dos professores não for modificada e alterar a sua prática pedagógica. Mesmo os professores que afirmaram ter participado de cursos e oficinas sobre a cultura africana e afro-brasileira não utilizaram-se das informações adquiridas para modificar suas práticas.

Dos 24 entrevistados, 18 disseram ter ido, ao menos uma vez, em alguma exposição artística sobre a África, e 14 em algum ritual afro-brasileiro, porém, apenas 4 professores utilizaram-se dessas experiências para enriquecerem seu trabalho pedagógico. Os profissionais que nunca foram a alguma cerimônia religiosa de origem africana, alegaram a falta de interesse,

de oportunidade ou devido ao credo religioso. Os três motivos aparecem condensados na fala abaixo:

Não. Nunca tive muita curiosidade e nunca fui convidada. Além disso sou católica e não acredito nessas coisas <sup>61</sup>.

Afirmamos anteriormente que na educação, tudo que se relacione com as ações humanas levará o selo da expressividade da pessoa que age, isto é, seu selo, agimos de acordo com o que somos e naquilo que acreditamos. Portanto, como o professor irá tratar de um tema, nesse caso, as religiões afro-brasileiras sem que a sua desconfiança e a sua moral interfira na abordagem com os alunos? A partir da análise das entrevistas podemos concluir que quando os professores não se sentem aptos no assunto ou não valorizam essas diferenças culturais, eles se calam, ou seja, ignoram o tema.

A questão religiosa é quase um tabu dentro das escolas e quase nunca são exploradas pelos professores. Os entrevistados da área de História afirmaram trabalhar com as religiões afro-brasileiras na sala de aula, porém, nenhum professor disse utilizar imagens fotográficas de cultos. Até nos livros didáticos de História essas imagens são raras, quando aparecem, são os registros artísticos do século XIX ou releituras artísticas sobre elementos religiosos. Mesmo quando os professores têm uma visão positiva do universo religioso africano, eles mostram dificuldades na condução do tema. Talvez, essa dificuldade seja devido ao forte preconceito que essas religiões ainda enfrentam na sociedade brasileira.

*Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?  
Sim, Candomblés em Salvador, São Luis e porto Alegre. Achei muito interessante.  
Você comenta dessa experiência para os alunos?*

---

<sup>61</sup> Entrevista n.º 18.

Não. Acho que é muito pessoal. Se alguém comentar que já foi eu dou o maior apoio e incentivo a falar, mas não me sinto à vontade para contar da minha experiência. Os alunos confundem as coisas, além de tudo, não importa o que eu acho, eles precisam conhecer a partir das suas necessidades<sup>62</sup>.

O preconceito em relação as culturas de origem negra no Brasil fortaleceram diversos estereótipos sobre o continente africano e o negro brasileiro. Visões distorcidas que foram perpetuadas na história através de imagens produzidas com o objetivo de inferiorizar essas culturas. Ao observarmos os livros didáticos adotados pelos professores dessa investigação ou as ilustrações utilizadas pela mídia nos temas africanos ou afro-brasileiros, notamos que esses meios utilizam as mesmas fontes iconográficas. As imagens se repetem cotidianamente e, trazem consigo, os diversos discursos que durante toda a história do Brasil fizeram parte da abordagem do negro e de sua identidade.

#### **4.2 A CONSTRUÇÃO DO OLHAR EUROPEU SOBRE A ÁFRICA**

Para Priore/Venâncio (2004) a África Atlântica a exemplo do que Said (1977) disse a respeito do Oriente é uma “invenção européia”. Para os autores, a Europa elaborou no decorrer da história visões distorcidas sobre o continente africano e conseqüentemente, dos negros trazidos pelo tráfico negreiro para a América. “A cor negra, associada à escuridão e ao mal, remetia, no inconsciente europeu, ao inferno e às criaturas das sombras” (Priore/Venâncio, 2004, p. 56). Para os europeus a África era habitada por monstros, seres estranhos, flora e fauna exóticas envolta de lendas fabulosas, e de clima ameaçador.

---

<sup>62</sup> Entrevista n.º 06.

Um dos contextos que ajudou a consolidar a relação negativa entre a imagem e a cor do africano foi o das parábolas medievais. Espécie de sermão com orientação moral, o chamado *exemplum* era passado às pessoas durante a missa dominical. Nele, a figura tentadora de Satã é sempre “negra como um etíope”. Em contraposição aos anjos, resplandecentes de brancura, o Diabo é um gigante, uma sombra, um animal, enfim, tem mil formas, mas é sempre negro. É, pois, chamado de “Príncipe negro”, “homem preto”, “Jeová negro” ou “Grande negro”. Neste tipo de literatura, mesmo o pecador branco passa a ter pela negra pela gravidade dos males cometidos. Ele só volta a ser branco depois da confissão dos pecados. A assimilação do etíope ao demônio não é nem gratuita, nem se faz por acaso. Primeiramente, a cor negra do demônio se deve ao prolongado estágio no inferno, sua residência habitual. Em segundo lugar, - e esta concepção já é mais complexa - associava-se a cor de pele a um caráter adquirido e de exclusiva responsabilidade do indivíduo (PRIORE/VENÂNCIO, 2004, p. 58).

Buscando o pitoresco na representação de homens, de animais, de espécies vegetais, de paisagens, de usos e costumes (MOURA, 2000). As imagens contadas pelos viajantes europeus do período, e retratadas em relatos de viagens, gravuras, mapas e ilustrações mostram alegorias e montagens de elementos da realidade e da fantasia. Na obra *O Trato dos Viventes – Formação do Brasil no Atlântico Sul*, de Luiz Felipe de Alencastro (2000) há diversas ilustrações do século XVI e XVII que comprovam essa tese. Tal como a obra “*América*” do pintor holandês *Jan Van Kessel*, que faz parte de uma série sobre os quatro continentes. Nela dezesseis quadros menores, que retratam a flora e a fauna de diversas regiões segundo as notícias difundidas nos Países Baixos, emolduram a cena central intitulada *Paraíba do Brasil* que mostra um negro de cocar acompanhado da mulher índia e dos filhos miscigenados.



Figura I – *América* (da série os quatro continentes, 1666) Jan van Kessel. Óleo sobre cobre. In. Alte Pinakothek, Munique.  
Fonte: ALENCASTRO (2000, p. 205).

Os artistas oriundos dos Países Baixos tiveram influência decisiva na representação dos negros trazidos para a América. Na primeira metade do século XVII o nordeste brasileiro foi invadido e ocupado pelos holandeses, e é desse período as primeiras imagens de negros africanos e seus descendentes em terras brasileiras. Protegidos por Maurício de Nassau e pela *Companhia das Índias Ocidentais*, agência responsável pela administração das colônias da Holanda no Atlântico, artistas e estudiosos participaram do projeto de reunir o máximo de conhecimentos sobre o lugar, retratando artisticamente a natureza original e exuberante da nova terra. Entre os artistas estavam o retratista *Albert Eckhout* e o pintor *Franz Post*, autor de *L'île de Itamaracá*, de 1637, considerada a primeira obra sobre a presença africana no Brasil.



Figura II – *L'île de Itamaracá*, Frans Post, 1637. Óleo s/tela, 63,5 x 89,5 cm. In. Mauritshuis Haia.  
Fonte: MOURA (2000, p. 262).

Esses artistas são os autores das imagens do período da extração da cana de açúcar no Nordeste e registraram principalmente os tipos étnicos, os costumes e a paisagem local. Em muitas das obras há detalhes excessivos, deslocamentos e arranjos alegóricos, tal como ocorreu nas imagens produzidas sobre a África. Apenas dezoito dos mais de 100 quadros catalogados de *Post* foram pintados *in loco*, a partir da observação direta da paisagem brasileira, o restante são paisagens recriadas na Holanda a partir do que ele observou no Brasil. Porém, em nenhum dos livros didáticos analisados essa informação aparece, para os alunos as imagens correspondem a retratos fiéis registrados por Frans Post.

Na obra de *Eckhout*, a presença negra é bem maior que na de *Post*, porém, mesmo registrando a diversidade étnica africana, é possível perceber que os sujeitos retratados possuem características físicas muito parecidas e sofrem a influência dos diversos relatos anteriores de viajantes europeus, que tomavam a Europa branca como paradigma para a leitura da cultura do novo mundo.

O ser negro é investigado, especulado, demonstrando que constituía um fenômeno diferente. Quer por obra da natureza, quer por obra divina, havia se produzido um ser que merecia explicação, um ser anormal. Essa explicação tornava-se quase sempre justificativa de sua inferioridade natural.

A África seria uma terra de pecado e imoralidade, gerando homens corrompidos; povos de clima tórridos com sangue quente e paixões anormais que só sabem fornicar e beber.

A cultura diferente desse povo era encarada como signo de barbárie. A vida sexual, política, social dos povos africanos foi sendo devassada e diminuída diante da vida dos europeus. A invisibilidade das diferenças entre os vários povos da África fazia com que todos fossem vistos de uma única e mesma forma: todos são negros (SANTOS, 2002, p.55).

O exotismo e a exuberância dos costumes acompanham a imagem do negro brasileiro desde os seus primórdios. Imagem construída pelo olhar europeu, que analisa, compara e ratifica a superioridade da sua identidade. Aos negros só cabia o papel de retratados, o que só mudaria no início do Barroco Brasileiro no séc. XVIII. Já que os pintores de origem negra ativos no Brasil nos tempos coloniais eram numerosos e consolidaram o que de melhor se produziu na arte brasileira do período: *Antônio Francisco Lisboa*, o Aleijadinho, em Minas Gerais; *Mestre Valentim* no Rio de Janeiro e *Jesuíno do Monte Carmelo* em São Paulo.

Nos livros didáticos analisados, é constante a presença de obras de Aleijadinho ou de outros artistas do período Barroco para ilustrarem o trabalho das irmandades religiosas negras e do sincretismo religioso, tal como as comemorações católicas fundidas as manifestações culturais africanas, caso das Congadas e do culto de Cosme e Damião. As irmandades tinham presença marcante nas demonstrações públicas de religiosidade, como as procissões organizadas durante as festas do calendário religioso. Segundo Ishaq (2006), a política de incentivo à organização de irmandades para a população africana remonta ao século XV, quando o Papa Gregório XII (1406-1415) permitiu a criação dessas entidades, a fim de doutrinar os escravos convertidos ao catolicismo e inseri-los na prática religiosa. Ao longo do século XVIII, parte da população escrava da América portuguesa estava organizada em irmandades, tais como as de São Benedito,

Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, que tinham entre outros objetivos prestar auxílio material ao grupo que representavam, ajudando na criação de crianças abandonadas e assistindo a doentes e indigentes.

As irmandades são frutos da estratégia da Igreja católica para tornar cristãos os escravos africanos e seus descendentes. Ao apresentar os santos negros como modelos de virtude e divulgar sua biografias, a Igreja tinha como objetivo converter e disciplinar os escravos. A resignação que os santos mostravam diante dos desígnios divinos deveria ser um espelho para os seus devotos. Aceitar a situação do cativo era aceitar a oportunidade que Deus concedera aos negros de purgar em vida as suas penas.

#### **4.3 O NEGRO NA VIDA PÚBLICA BRASILEIRA**

Foi a partir da chegada da *Missão Artística Francesa* em 1816, que o negro ganha destaque como personagem artístico. Disposto a declarar o Brasil um reino digno de um rei europeu e dar um verniz de civilização ao país, D. João VI traz um grupo de pintores, escultores, gravadores e arquitetos franceses para darem uma nova imagem ao país e criarem a *Academia Imperial de Belas Artes*. É desse período a produção iconográfica de *Debret* e *Rugendas*, os dois artistas mais presentes nos livros didáticos analisados.

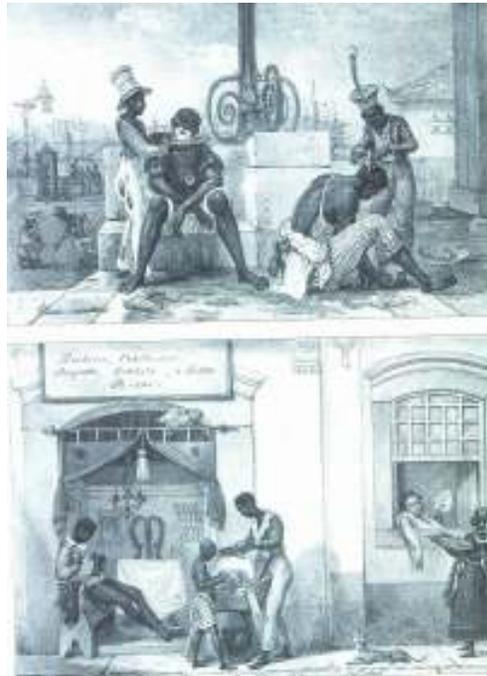


Figura III – *Lès barbiers ambulants*, Litografia, 15,2 x 23,2 CM, 1834-1839. *Boutique des barbier*, Litografia, 16 x 23,2 cm, 1834-1839. Jean Baptiste Debret (del.) e Thierry Frères (lith). In Debret, 1834-1839. Fonte: MOURA (2000, p. 395).

*Jean-Baptiste Debret* tornou-se o maior cronista visual do Brasil do séc. XIX. Sua obra, centrada no Rio de Janeiro, compõe um autêntico painel da vida pública e privada do país. Após enfrentar várias dificuldades financeiras e políticas devido a polêmicas que abalaram a Missão Artística Francesa, como intrigas com políticos e artistas locais, resolve em 1827, partir com um grupo de tropeiros rumo ao Rio Grande do Sul. Ao voltar para a França em 1831, deu início à edição da *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, obra em três volumes, resultado de sua viagem ao interior do Brasil, na qual registrou um país efervescente e em processo de transformação.

A riqueza do trabalho de *Debret* só encontra paralelo na obra de *Johann Moritz Rugendas*, porém, esse não fez parte da Missão Artística Francesa:

As semelhanças não são apenas históricas, mas estéticas: há grande similaridade estilística e conceitual entre o suntuoso registro visual que *Rugendas* e *Debret* legaram

ao Brasil. Eles estiveram na colônia na mesma época, conheceram-se e trocaram idéias e desenhos. Rugendas, filho de artistas, nasceu na Alemanha em 1802, veio para o Brasil com Langsdorff em 1822. Brigou com o barão, desligou-se da expedição, onde foi substituído, porém, ficou no Brasil até 1825, quando encontrou Debret. Seu livro, lançado em francês e alemão, intitulado *Voyage pittoresque dans le Brésil ou Malerisch reise in Brasilien*, saiu entre 1827 e 1835 (BUENO, 2003, p.153).



Figura IV – *Negros novos*, Johann Moritz Rugendas (del.) e Maurin (lith.), 1835. Litografia, 29 x 24,3 cm.  
In Rugendas, 1835, *Portraits et Costumes, Deuxième Division*.  
Fonte: MOURA (2000, p. 450).

*Debret e Rugendas*, registraram muitas cenas do tráfico negreiro, da relação entre senhores e escravos, porém, na primeira Constituição brasileira, de 1824, a única a vigorar durante todo o período monárquico, não há uma única citação da palavra escravo. As pessoas reduzidas ao cativo não pertenciam à massa de cidadãos, portanto, não gozavam de direitos sociais e políticos e não tinham espaço na vida pública.

Num país construído sobre os ombros de trabalhadores escravos, a presença deles no texto constitucional ficava subentendida no artigo que firmava o compromisso do Estado imperial em reconhecer e defender as formas de propriedade privada existentes na sociedade. Desse modo, os escravos tornavam-se apenas mais um tipo de propriedade. Podiam ser comprados e vendidos, alugados, hipotecados, leiloados, herdados. Nos inventários dos proprietários falecidos, os escravos eram classificados como "bens

semoventes”, ao lado de vacas, porcos e outros animais, em contraste com bens imóveis, como casas, fazendas (CHALHOUB, 2006, p.39)

Apesar do fato de os cativos não terem direitos segundo a Constituição de 1824, no cotidiano havia o costume de reconhecer o direito à liberdade ao escravo que conseguisse juntar dinheiro suficiente para indenizar o seu valor ao proprietário. Se a constituição não mencionava a população negra, muitos intelectuais não fizeram o mesmo e durante todo o século XIX era comum publicações que discutiam a presença dos africanos e seus descendentes na recém criada sociedade brasileira. *Memória e considerações sobre a população do Brasil*, escrito em 1867 pelo juiz de direito de Nazaré, na Bahia, Henrique Jorge Rebelo, reflete alguns temas que preocupavam intelectuais nos primeiros anos do Império, tais como: o aumento da população negra e o destino deles no Brasil. Para Rebelo, os africanos deveriam ser deportados para a África, já que não poderiam contribuir intelectualmente para o país: “*O Brasil não quer o aumento e progresso de sua população à custa desses infelizes habitantes da África*”. Rebelo foi o mais extremado dentre os autores que fizeram propostas sobre a criação do povo brasileiro, algo que até meados do século XIX as elites políticas julgavam não existir.

#### **4.3.1 A idéia de raça no século XIX e o negro na imprensa brasileira**

A constituição da idéia de raça no século XIX, baseada na suposta existência de uma diversidade biológica inscrita no corpo, estruturou uma acentuada diferença entre brancos e negros. O termo é originado da palavra *ratio* do latim, usado para designar categoria, espécie, descendência, porém, não possuía o status científico que adquiriu depois. Foi a Biologia, nascida no séc. XIX, a fornecedora da epistemologia capaz de explicar a diversidade humana:

Se o preconceito contra o *outro* é tão velho quanto a própria humanidade, a novidade foi o estabelecimento de uma inferioridade intrínseca, que impediria a possibilidade da conversão, assimilação ou aprendizado. Foi apenas no século XIX, sob a égide da ciência, que noção de raça recebeu o reforço de critérios morfológicos como a cor da pele, o formato do crânio ou o tipo de nariz. Convém lembrar que a ciência crescia em autoridade na mesma medida em que a religião declinava, e foi sob os auspícios desse novo critério da verdade que se chegou a afirmar a desigualdade natural das raças (SCHNEIDER, 2006, p.78).

Schwarcz (2005) afirma que o termo *raça* foi introduzido na literatura mais especializada por *Georges Cuvier*, que inaugurou a idéia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos. Porém, foi o inglês *Francis Galton* (1822-1911), que a partir de 1865, desenvolveu a noção de *eugenia*, procedimento científico destinado a aperfeiçoar artificialmente a qualidade genética de uma população, influenciando o pensamento racista no Brasil. Segundo Schneider, a ascensão do racismo científico logo se faria sentir no país, através do americano *Louis Agassiz* e do francês *Arthur Gobineau*, que escreveram livros sobre o Brasil. Ambos registraram os problemas de uma sociedade cheia de negros e de mestiços, que para eles era ainda pior devido a miscigenação que enfraquecia e criava uma nova categoria racial.

Em *Essai sur l'inegalité des races humaines*, (1853-1855) Gobineau, um diplomata francês que serviu no Rio de Janeiro entre 1869 e 1870, teceu ácidos comentários sobre os efeitos maléficos da mestiçagem, vendo no Brasil o contra-exemplo acabado de suas idéias, radicalmente contrárias à miscigenação. Tomado por profundo pessimismo, Gobineau lamentou a decadência da civilização branca em função da mistura com o sangue inferior e o conseqüente abastardamento das raças “puras”. Horrorizou-se particularmente com os brasileiros, vendo-os como “uma multidão de macacos (SCHNEIDER, 2006, P.82).

É através dos diversos retratos e caricaturas produzidas pela incipiente imprensa brasileira que podemos constatar o “lugar” que o negro ocupou em uma sociedade escravocrata e racista, como na obra do fotógrafo *Militão Augusto de Azevedo* (1837-1905), de 1879, que mostra um homem branco, não identificado, bem vestido e com sapatos à frente de cinco negros, também anônimos, mal vestidos e amedrontados. Nela, o fotógrafo mostra os indivíduos negros como

troféus que valorizam a posição do senhor rico e branco. O artista carioca também ficou famoso por eternizar paisagens urbanas do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos e pelos retratos de família e de personagens públicos. É de sua autoria o retrato de Luiz Gama, conhecido jurista negro e poeta abolicionista, que vemos nos livros didáticos de história.



Figura V – *Não Identificados*, Militão Augusto de Azevedo, 1879. Fotografia, 6,30 x 8,30 cm. In. Acervo do Museu Paulista, USP. Fonte: MOURA (2000, p. 640).

*Marc Ferrez*, outro grande fotógrafo brasileiro do século XIX e início do XX, documentou as transformações vividas pelo Brasil no período. Registrou tanta a paisagem e os costumes do Rio de Janeiro até o trabalho agrícola escravo do interior do país. Nos livros didáticos suas imagens ilustram temas que vão desde a revolta da marinha de 1910, construções de obras públicas à retratos de Machado de Assis ou da Princesa Izabel.

O desenhista italiano *Ângelo Agostini* (1833-1910), além de ter sido um dos primeiros cartunistas do Brasil e o mais importante artista gráfico do Segundo Reinado, foi criador de imagens críticas do racismo brasileiro. Após mudar-se para São Paulo, funda em 1864 o primeiro

jornal ilustrado publicado na cidade, o *Diabo Coxo*, que contou com textos de Luiz Gama. Um ano depois, o jornal deixou de ser publicado, porém, Agostini lança em 1866, o *Cabrião*, que tinha a mesma linha editorial do primeiro: crítica ao clero e à elite escravocrata paulista. Em 1861, após constantes ataques, o periódico é fechado e Agostini volta para o Rio de Janeiro, onde trabalha e funda outras publicações, como a célebre *Revista Illustrada*.

A grande contribuição desses periódicos foi abrir uma campanha em favor da abolição da escravatura através das diversas representações satíricas de D. Pedro II e da elite do período, que não queria abrir mão dos privilégios conquistados no período escravocrata. Além de criar imagens que ridicularizavam as idéias preconceituosas e exóticas relacionadas à população negra presente na sociedade brasileira e os constantes debates sobre a imigração, porém, *Agostini* criticava e ao mesmo tempo afirmava a imagem exótica do negro :

A beleza e faceirice das mulatinhas do carço são festejadas nas caricaturas de Agostini, mas para ele a raça negra é feia, tão feia quanta a raça chinesa, a quem ele compara na caricatura intitulada *Preto e Amarelo*. As propostas da introdução do imigrante chinês para substituir o braço escravo provocaram nas páginas da *Revista Illustrada*, uma campanha contrária a essa iniciativa, de extrema virulência, com artigos de fundo e imagens estereotipadas e depreciativas dos filhos do Celeste Império ( MOURA, 2000, p.32).



Figura VI: *Pobre lavoura! Já não bastava o preto, vaes ter o amarello! Com o auxilio de duas raças tão inteligentes, ella há de progredir de um modo espantoso*, Ângelo Agostini, 1879. Litografia, 9,5 x 16,5 cm. In. Revista Illustrada, Rio de Janeiro, ano 4, n. 175.  
Fonte: MOURA (2000, p. 582).

Segundo alguns intelectuais do período, como *Silvio Romero*, a imigração de povos europeus seria uma das possíveis soluções para a questão racial brasileira. O pintor *Modesto Brocos y Gómez*, na obra *A redenção de Cam*, de 1895 faz a defesa pictórica do branqueamento. O quadro retrata quatro personagens na porta de uma habitação popular da época. No centro do quadro há uma mulata com uma criança branca no colo. Na esquerda um homem branco de meia idade com traços latinos e na direita da imagem uma mulher negra idosa com os braços levantados para o céu. Schwarcz (2005), afirma que o quadro apresenta de forma sintética as conclusões dos teóricos do branqueamento, que acreditavam que no decorrer de um século o país seria branco, como a criança retratada. Portanto, no Brasil do séc. XIX essa questão era fundamental e tomou espaço nos debates públicos, obrigando as pessoas e as instituições tomarem partido contra ou a favor tanto da abolição como da imigração. Para Munanga (2004), é

comum a elite dos países colonizados buscarem no pensamento europeu explicações para os problemas enfrentados em seus países, o que aconteceu no Brasil na tentativa de explicar a situação racial.



Figura VII – *Redenção dos filhos de Cã*, Modesto Brocos, 1895. Óleo s/tela, 199 x 166 cm. In. Acervo MNBA. Fonte: Encarte da exposição Brasileiro, Brasileiros – Museu AfroBrasil, 2004.

Lilia Moritz Schwarcz, na dissertação de mestrado defendida na Unicamp e publicada em 2001, *Retrato em Branco e Negro – Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, confirma a idéia de Munanga:

Assim, nesses periódicos e principalmente na Província de São Paulo, afirmava-se uma verdadeira trilogia. As idéias dos novos “deuses”, Comte, Darwin e Spencer, pareciam ofertar novas e variadas saídas para as diversas questões que, como veremos, assolavam a nação (p. 105).

Schwarcz mostra a partir da catalogação e da análise dos jornais do período que as notícias e imagens sobre os negros traziam diversos discursos racistas e de inferioridade, tais como: a idéia de violência, “motivos frívolos como um “simples gracejo” podiam levar a graves

desavenças e assassinatos” (p. 120), já que o negro era retratado como bárbaro, violento, traiçoeiro enquanto o senhor surgia representado como vítima; o negro como dependente, já que sem o seu senhor ele era indefeso e incapaz de sobreviver; o negro como feiticeiro:

Se algumas notícias caracterizavam o negro a partir de sua violência ou mesmo dependência, em outras a sua grande marca parecia as atitudes e práticas bárbaras. Era representado então enquanto indivíduo supersticioso que se dedicava à bruxaria, segundo os periódicos “pouco legítima” e degradante (p. 125).

O negro também era representado como suicida. Em muitos casos, apesar de não se ter provas sobre a causa da morte, buscava-se construir a resposta a partir das “atitudes da vítima, de seus vícios e maus costumes” (p.129). E segundo Schwarcz os jornais alegavam que os suicídios eram resultado de situações passionais e de desespero. O que mostra outra característica presente nos periódicos do séc. XIX: o negro degenerado e imoral. A autora conclui que várias imagens e representações errôneas sobre os elementos negros vão ser divulgadas cotidianamente nas diversas seções dos jornais, transformando preconceitos em consensos sociais.

Alguns autores procuraram pesquisar cientificamente as diferenças entre os diversos grupos étnicos africanos na tentativa de entender melhor a cultura desses povos. O médico-legista e professor de medicina legal da Universidade da Bahia *Raymundo Nina Rodrigues*, foi um dos únicos intelectuais a defender as manifestações culturais dos africanos no Brasil e o direito dos negros à liberdade. No entanto, concordava com a concepção científica da inferioridade das raças e da necessidade da imigração branca. Pesquisou a presença negra no país entre 1890 e 1905, dando origem ao livro *Os africanos no Brasil*, publicado vinte e oito anos depois, onde procurou detalhar tanto as diferenças étnicas entre os diversos povos africanos, como da contribuição cultural de cada etnia no processo identitário da nação brasileira.

#### 4.4 SÉCULO XX – A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA E UM NOVO IDEÁRIO NACIONAL

A valorização da contribuição da cultura negra no Brasil foi sendo institucionalizada lentamente, principalmente nas manifestações culturais como as festas do interior e o carnaval. Ferreira (2004) lembra que foi a valorização da cultura negra que varreu a Europa nas primeiras décadas do século XX uma das responsáveis pela mudança do olhar em relação ao negro. O sucesso que faziam em Paris a bailarina *Josephine Baker* e os músicos de jazz, e a utilização da temática africana nas pinturas de *Picasso* e *Léger*, são exemplos desse processo.

O reflexo desse interesse pela cultura dos povos africanos e seus descendentes iria se expressar em terras brasileiras através de textos teóricos “modernistas” – como os publicados na revista *Estética*, por exemplo –, através da utilização da temática negra nas artes – como o quadro *A negra*, pintado por Tarsila do Amaral, em 1923, ou painel *Samba e Carnaval* que Di Cavalcanti pintaria, em 1929, para o Teatro João Caetano – ou na literatura, com o livro *Essa negra Fulô*, de Jorge de Lima. A relação entre a “negrofilia” à francesa e a intelectualidade brasileira tem um bom exemplo em Oswald de Andrade que, em uma conferência em Paris, em 1923, chegou a afirmar estar sentindo, naquela cidade, a “presença sugestiva do tambor negro e do canto do índio” (Ferreira, 2004, p. 256/257).

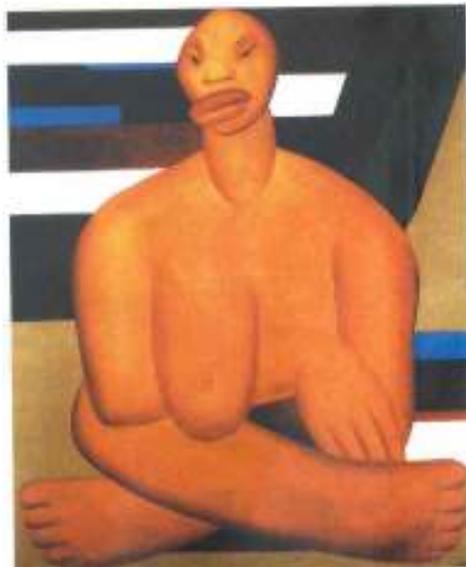


Figura VIII – *A negra*, Tarsila do Amaral, 1923. Óleo s/tela, 100 x 80 cm. In. Coleção Museu de Arte Contemporânea, USP. Fonte: AZEVEDO (2002, p. 45).

Foi somente em 1933 com a publicação de *Casa Grande & Senzala*, de *Gilberto Freyre*, o eixo da discussão é deslocado ao passar do conceito de “raça” ao conceito de cultura, permitindo um maior distanciamento entre o biológico e o cultural:

A grande contribuição de Freyre é ter mostrado que negros, índios e mestiços tiveram contribuições positivas na cultura brasileira: influenciaram profundamente o estilo de vida da classe senhorial em matéria de comida, indumentária e sexo. A mestiçagem, que no pensamento de Nina e de outros causava danos irreparáveis ao Brasil, era vista por ele como uma vantagem imensa. Em outras palavras, ao transformar a mestiçagem num valor positivo e não negativo sob o aspecto de degenerescência, o autor permitiu completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Freyre consolida o mito originário da sociedade brasileira configurada num triângulo cujos vértices são as raças negra, branca e índia (MUNANGA, 2004, p. 88).

A partir dos anos cinqüenta com a *Escola Paulista de Sociologia*, muitos autores destacaram críticas ao trabalho de Freyre, tais como: a falta de rigorosidade científica, pois não sendo um pensador sistemático Freyre não se incomodava com precisões, não se detendo a explicitar os conceitos ou noções com que trabalhava; a idéia de uma pretensa harmonia social, por eliminar as contradições do processo histórico brasileiro e criado o mito de um Brasil exemplarmente miscigenado e socialmente democrático.

No exaustivo trabalho de Pallares-Burke (2005) sobre a formação intelectual e as influências da cultura inglesa vitoriana nas idéias de Freyre, a autora levanta outras críticas, como o desaparecimento dos conflitos internos de Gilberto Freyre em sua obra, já que durante as sucessivas publicações de seus textos ele foi tirando trechos e citações que pudessem comprometê-lo, principalmente as que demonstravam condescendência aos conceitos defendidos por *Benedict Davenport*, *Madison Grant*, *Lothrop Stoddard*, teóricos que conferiram respeitabilidade científica a preconceitos raciais e que batalharam para tornar o modelo de eugenia norte-americano o parâmetro de um movimento mundial.

Pallares-Burke conclui que o caminho trilhado por Freyre para a aceitação das idéias de *Franz Boas*, que iam contra o ambiente racista e eugênico do período por levar em conta os efeitos culturais e ambientais sobre os traços raciais, foi bastante conturbado e sinuoso, já que a crença na inferioridade dos africanos e mestiços foi o maior obstáculo para se chegar à *Casa Grande & Senzala*. No que diz respeito à questão da mestiçagem a tese defendida na Universidade de Columbia em 1922 para a obtenção do título de mestre, intitulada *A vida social do Brasil*, estava muito próxima das opiniões prevalecentes sobre raça e as benesses da eugenia nas questões raciais.

Afirma também que há uma negligência da importância do antropólogo brasileiro *Roquette-Pinto* nas idéias defendidas posteriormente por Gilberto Freyre, pois enquanto esse ainda estava envolvido nas idéias eugenistas durante sua estadia no exterior, no Brasil *Roquette-Pinto* já publicava artigos nos jornais que afirmavam que a eugenia estava longe de ser uma ciência madura, questionando noções difundidas como comprovadas pela ciência. Para ele, os negros e mulatos em vez de ser exemplos de “inferioridade” racial, eram, na verdade, testemunhas de condições sociais sofríveis a exigirem melhoria, opinião que era contrária ao antropólogo *Oliveira Lima*, que em conferência nos E.U.A sobre conflitos raciais disse que “Não há questão racial no Brasil, conflitos e mesmo controvérsias sobre esse assunto são, por assim dizer, desconhecidos... não há raças descontentes no Brasil”. Portanto, a falta de documentação científica para posições dogmáticas e extremadas no que diz respeito às questões raciais foi a grande lição que o jovem Freyre recebeu de *Roquette-Pinto*.

Com a publicação de *Casa Grande & Senzala* a imagem do negro modifica-se porque da lamentação e do defeito ela passa a exaltação e a harmonia. Tanto na obra de *Heitor dos Prazeres* (1898/1966) quanto na de *Djanira* (1914/1979), o negro, e principalmente o mulato, é mostrado como o retrato da identidade brasileira, através de qualidades como a alegria e o despojamento, a

ginga e o ritmo musical, a tolerância religiosa e a predominância da amizade e da solidariedade nas relações cotidianas. Esses dois artistas estão presentes principalmente nos livros didáticos de Arte analisados.



Figura IX: *Dança*, Heitor dos Prazeres, 1965. Óleo sobre tela, 50,2 x 61,3 cm. In Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Fonte: Catálogo da exposição Arte Afro-brasileira – Mostra do Redescobrimento, São Paulo, 2000, p.129.

O novo papel social que o negro assume na arte é refletido na obra de dois grandes artistas brasileiros: *Di Cavalcanti* (1897/1976) e *Cândido Portinari* (1903/1962). Frutos do debate sobre o modernismo no Brasil, mostram a partir de diversas influências estéticas inúmeros temas nacionais. Na década de quarenta a arte de *Di Cavalcanti* conquistou espaço definitivo na pintura brasileira. Nela destaca-se a presença da mulher negra, como podemos ver na obra *Nascimento de Vênus*, que faz referência direta à famosa pintura do pintor renascentista Botticelli. A mulata devido a sua miscigenação torna-se para o pintor o símbolo do Brasil.



Figura X: *Nascimento de Vênus*, Di Cavalcanti, 1940. Óleo s/tela, 54 x 65 cm. In. Coleção Particular.  
Fonte: AZEVEDO ( 2002, p. 18).

Na obra de *Portinari*, a miscigenação também está presente, mais quem ganha destaque é o mulato, que através do corpo sugerindo volume e dos pés e das mãos disformes, transmite a sensação de se relacionar intimamente com a terra, sempre representada em tons muito vermelhos. Na obra do pintor paulista o homem negro e mulato está associado ao trabalho manual e ao vigor físico. Percebemos que desde 1933 com a publicação de *Casa Grande & Senzala*, há uma tentativa de enaltecer qualidades tanto físicas como de caráter do negro. Porém essas características permeiam até hoje o imaginário e as imagens dos negros na sociedade brasileira e, muitas vezes, escondem uma ideologia racista que insiste em não ser revelada.

A extraordinária força de persuasão decorrente das principais ideologias do nosso tempo não é acidental. A persuasão não é possível sem que o seu apelo corresponda às expectativas ou desejos ou, em outras palavras, a necessidade imediatas. Nessas questões, a plausibilidade não advém nem de fatos científicos, como vários cientistas gostariam que acreditássemos, nem de leis históricas, como pretendem os historiadores em seus esforços de descobrir a lei que leva as civilizações ao surgimento e ao declínio. Toda ideologia que se preza é criada, mantida e aperfeiçoada como arma política e não como doutrina teórica (ARENDETT, 1998, p.189).

#### 4.4.1 A PRESENÇA DA TEMÁTICA RELIGIOSA NA IMAGEM DO NEGRO

A partir dos anos cinqüenta, muitos artistas negros ou que utilizam a temática religiosa africana surgem no cenário artístico nacional. Porém, alguns artistas estrangeiros, para não fugir à regra, também desenvolvem trabalhos importantes tendo a cultura afro-brasileira como tema. É o caso de *Pierre Verger*, etnólogo autodidata e fotógrafo, que se dedicou ao estudo da diáspora africana e da cultura de diversas civilizações. Ao chegar no Brasil em 1946, encanta-se pela Bahia e sua cultura mestiça, envolve-se tão profundamente com o culto das religiões africanas, que ao visitar o Benin, torna-se sacerdote do candomblé.



Figura XI: Ritual de iniciação na Bahia, Pierre Verger, 1970. Fotografia s/m. In. Acervo da Fundação Pierre Verger.  
Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 1. nº 6, dezembro/2005, p. 31.

Suas imagens registram o dia-a-dia dos terreiros, os preparativos para os cultos e as cerimônias religiosas. Temas que também são registrados por *Mestre Carybé* (Hector Bernabó), artista argentino que como Verger, chega na Bahia e se apaixona pela cultura afro-brasileira. Desde 1938, registrou em suas telas as cores e a sensualidade dos habitantes de Salvador. Por ter

sido um dos ilustradores mais recorrentes das obras de Jorge Amado, sua obra confunde-se com a do escritor Baiano. Podemos até afirmar que *Carybé* materializa pictoricamente o que Amado sugere através da literatura.

Inspirado pelo geometrismo abstrato em voga a partir dos anos cinquenta, vemos surgir a obra de *Emanoel Araújo* (1940) e de *Rubem Valentim* (1922/1991). Sendo que esse último estiliza suas formas em busca de um rigor formal que abrange tanto as cores, como os objetos emblemáticos dos ritos afro-brasileiros. Universo que também é percorrido por *Mestre Didi* (1917), supremo sacerdote do culto aos Eguns, os antepassados do povo ioruba, de quem descende. Suas esculturas remetem à sacralidade dos objetos do culto aos orixás e têm como suporte nervuras de palmeiras, búzios, contas coloridas e tiras de couro. A figura humana do negro na obra desses artistas é substituída pela presença de signos que remetem à ancestralidade africana.

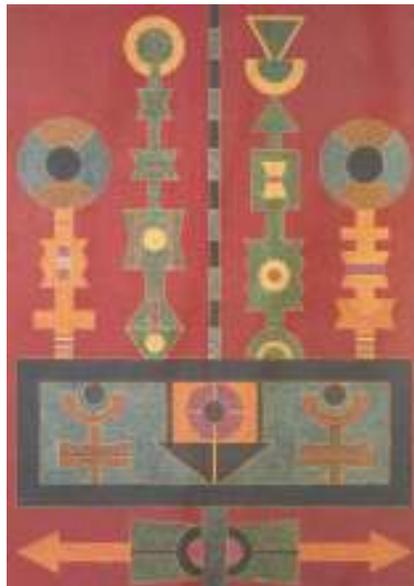


Figura XII – Pintura n. 12 – Roma, Rubem Valentim, 1965. Têmpera ovo s/tela, 100 x 73 cm. In. Coleção Ricard Akagawa.  
Fonte: Catálogo da exposição Arte Afro-brasileira – Mostra do Redescobrimento, São Paulo, 2000, p. 173.



Figura XIII – Òbá Obadena (Rei dos sentinelas), Mestre Didi, sem data. Técnica Mista, 68 x 20 cm. In. Coleção do artista.  
Fonte: Catálogo da exposição Arte Afro-brasileira – Mostra do Redescobrimento, São Paulo, 2000, p. 147.

#### 4.5 A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IMAGEM DO NEGRO NO BRASIL

O otimismo que caracterizava a análise culturalista de Gilberto Freyre foi questionado, como já dissemos, a partir do final da década de 50 e encontrou teóricos que se debruçaram sobre a questão racial no Brasil. Os trabalhos sociológicos de Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Roger Bastide, Fernando Henrique Cardoso entre outros, mostraram que a escravidão brasileira, como qualquer outro sistema hierárquico, continha violência e opressão. O negro passa a ser analisado enquanto minoria que enfrenta obstáculos para se integrar a sociedade. Sendo que muitas das dificuldades foram reflexos da forma de exploração e colonização do Brasil, pois deixou a população negra e pobre longe do acesso aos bens culturais e políticos. O *TEN – Teatro Experimental do Negro*, criado no Rio de Janeiro em 1944 por Abdias Nascimento já trazia as inquietações retomadas pela Escola Paulista de Sociologia. Já que o *TEN* tinha a proposta tanto de instrumentalizar artistas como criar uma literatura dramática na qual o negro e a mulher negra ultrapassassem o nível dos estereótipos ditados pela sociedade branca patriarcal.

Diversos movimentos sociais em defesa da questão étnica, surgidos a partir dos anos sessenta, tinham em comum a idéia de que para os negros se libertarem das imagens racistas e preconceituosas seria necessário eles se apoderarem da fabricação delas. Na sociedade contemporânea esse debate torna-se atual, já que vivemos num período histórico onde os diversos recursos tecnológicos e de comunicação nos tiram o direito à privacidade e a propriedade da nossa imagem. A realidade e a imaginação se confundem? Como identificar nas novas imagens que são fabricadas a todo momento, o que é real? O que não é fabricado? Said disse “Aplicar o que se aprende em um livro à realidade literalmente é arriscar-se à loucura e a ruína “(1990, p102).

Como já dissemos anteriormente, os professores nem sempre estão atentos a manipulação, a parcialidade e ao aspecto simbólico das imagens. Portanto, é necessário antes de “despertar o senso crítico dos alunos”, frase tão pronunciada pelos professores, eles consigam despertar neles mesmos a criticidade almejada. Quando questionados sobre quais imagens utilizavam na sala de aula para trabalharem com a temática negra, poucos professores fugiram das imagens clássicas de Debret, Rugendas ou Portinari. Os que se diferenciaram, citaram o uso de charges e quadrinhos, recurso que é bastante explorado nos livros de Língua Portuguesa. Alguns professores afirmaram utilizar o recurso audiovisual, levando para a sala de aula filmes sobre personalidades negras ou de temática étnico-racial. Não nos detivemos na análise desses filmes, devido a linguagem cinematográfica ter aspectos próprios que não fazem parte dos objetivos dessa investigação.

É importante registrar que não percebemos a preocupação com as fontes das imagens utilizadas nos livros didáticos. É comum muitas imagens aparecem sem crédito algum, como é o caso do livro *Nova História Crítica. São Paulo: Editora Nova Geração, 2005*, de Mário Schmidt, que das 39 imagens catalogadas, 13 não possuem identificação alguma, e outras 10 possuem autores, mas não datas. Muitas obras estão presentes em diversos livros analisados, porém, em

todos elas aparecem sem identificação, como a fotografia de João Cândido, o personagem central da Revolta da Chibata, feita por Augusto Malta em 1910 (VICENTINO, Cláudio. DORIGO, Gianpaolo. *História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2006. BARBEIRO, Herodoto. CANTELE, Bruna Renata. SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. *História: de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2005. MOCELLIN, Renato. CAMARGO, Rosiane. *Passaporte para a História*. São Paulo: Editora do Brasil, 2005. Obra em 4 v. para alunos do Fundamental II).

Concordamos com Kossoy (2006) quando diz que no trabalho histórico a imagem não vale por mil palavras. A gênese e a história dos documentos fotográficos e artísticos, assim como os fragmentos do mundo visível que esses mesmos documentos preservam congelados, requerem, para sua devida compreensão, uma ampla gama de informações advindas de diferentes áreas do conhecimento. As imagens nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram esteticamente congelados num dado momento. Portanto, não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. Cabe aos professores desvendarem os véus que insistem em cobrir olhos desavisados.

## CONCLUSÃO

A partir das reflexões realizadas no decorrer dessa investigação, pudemos constatar que as configurações morais dos professores analisados interferem na representação que eles têm da identidade do negro. As experiências vividas ou percebidas de preconceito incidem na maneira desses professores construírem sua consciência étnico-racial. A idéia de vitimização ou de luta constante dos afro-descendentes contra o preconceito aparece no discurso dos professores negros e revela um posicionamento diferenciado: enquanto os profissionais que revelaram ter sofrido algum tipo de preconceito serviram-se dessa experiência para refletirem sobre a sua condição enquanto negros e da necessidade de avanços na luta contra a diferenciação étnico-racial, os que não passaram por essas situações acreditam que a sociedade brasileira está mais tolerante e que oportuniza direitos independentes da origem étnica. Já a representação do negro que surge na fala de alguns professores que se declararam brancos, marcada pela vitimização e pela necessidade constante de defesa contra o preconceito é fruto não de suas próprias experiências, mas devido a forma que essa experiência chegou a eles.

Vemos que a capacidade dos professores de se pensar como indivíduo e definir as qualificações desta individualidade é amplamente determinada por suas interações e experiências sociais. A percepção que eles possuem deles mesmos depende de estruturas cognitivas, afinidades comuns e outras qualificações inscritas num cenário que surge das interações com os membros de seu grupo de pertença e dos outros grupos sociais. É justamente essa percepção que faz com que diferentes professores façam diferentes tipos de seleção no interior da cultura e comprova que o modo pelo qual a informação é selecionada está ligada às crenças e valores que orientam suas vidas.

Afirma que se perdermos ou não encontrarmos nossa orientação não saberemos quem somos. E essa orientação, uma vez conseguida, definirá a posição a partir da qual responderemos e, portanto, criaremos a nossa identidade.

A partir das suas escolhas, os professores podem legitimar certas crenças enquanto deslegitimam outras. Na sala de aula, preferem incluir algumas formas de conhecimento enquanto excluem outras do currículo, e estas decisões tomadas no cotidiano escolar são políticas. Portanto, os professores devem ficar atentos a dimensão cultural e ideológica dos conteúdos escolares para não reproduzirem um discurso preconceituoso e conservador. Se toda educação supõe uma seleção no interior da cultura, é necessário a utilização de textos diversos que objetivem a cultura a partir de diferentes perspectivas.

A partir da análise dos livros didáticos utilizados pelos professores, concluímos que muitos deles procuram lançar olhares diferenciados sobre as questões culturais e sobre a cultura de matriz africana. Muitos dos livros produzidos e revisados a partir da Lei 10.639/2003 trazem um número maior de temas relacionados a temática negra, porém, não existe a preocupação em aprofundar os temas propostos, como também, em registrar corretamente as fontes das imagens utilizadas. Muitas imagens aparecem descontextualizadas e são utilizadas apenas como reforço do texto escrito, não sendo percebidas como linguagem autônoma.

Há a necessidade urgente de reformular e aprofundar os temas da cultura negra presentes no material didático, porém, percebemos que de nada adianta reformulá-lo se a formação dos professores não for modificada e alterar a sua prática pedagógica. Como já vimos anteriormente, mesmo os professores que afirmaram ter participado de cursos e oficinas sobre a cultura africana e afro-brasileira não utilizaram-se das informações adquiridas para modificar suas práticas. Acreditamos que um dos motivos disso ocorrer é devido ao hábito de muitos professores não questionarem sobre o seu próprio pensamento e sobre as configurações morais que têm

fundamentado suas práticas pedagógicas, o que faz com que fiquem alheios ao seu próprio percurso profissional.

Percebemos que existem contradições entre o discurso e a prática dos professores, e um exemplo dessa constatação é quando questionados sobre o que desejam que os alunos aprendam com o estudo das imagens da cultura africana e afro-brasileira. Os profissionais são unânimes em afirmar que esperam desenvolver a criticidade dos alunos, porém, eles próprios não atentam-se para as imagens que levam para a sala de aula. Muitos professores alegam que utilizam continuamente as mesmas imagens devido a falta de tempo para a pesquisa iconográfica ou em razão da facilidade de trabalharem com um material já conhecido.

Os professores dos componentes curriculares analisados utilizam as imagens com objetivos diferenciados. Os professores de História vêem as imagens como uma construção histórica e ideológica, porém, observamos que no cotidiano escolar elas são usadas apenas como ilustração de temas. Elas são escolhidas mais pelo caráter informativo do que pelas representações que carregam. Para os professores de Arte, as imagens servem como um meio para os alunos adentram no universo da cultura erudita e codificada. Os profissionais entrevistados preocupam-se com as questões estruturais das obras, mas não questionam-se muito sobre os valores culturais presentes nas imagens e nas práticas pedagógicas. Já os professores de Língua Portuguesa/Literatura enfatizam a imagem como mais uma possibilidade de linguagem, entretanto, na sala de aula, a utilizam para reforçar o apelo emocional dos textos literários trabalhados, como ilustrações de temas ou ponto de partida para a escrita. Ou seja, a imagem é sempre usada para reforçar a palavra.

Para encerrarmos é importante enfatizarmos que a Lei 10.639/2003 não propõe mudar um foco etnocêntrico por um africano, mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural e étnica do povo brasileiro. Portanto, ao utilizarem imagens da cultura

africana e afro-brasileira na escola, os professores devem questionarem-se sobre a razão de escolherem tais imagens em detrimento de outras, e o que essa escolha comunica de suas próprias ações morais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 262 p.; il. color.

ARAÚJO, Emanuel. **A mão afro-brasileira: significado da construção artística e histórica.** São Paulo: Tenege, 1988.

ARAÚJO, Paulo Roberto Monteiro. **Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

**Identidades contemporâneas: criação, educação e política.** Porto Alegre: Zouk, 2006.

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

AZEVEDO, Heloisa de Aquino. **Tarsila do Amaral: a primeira-dama da Arte brasileira.** São Paulo: Editora Noovha América, 2002. 18p. il. color. 45p. il. color.

BANTON, M. **A idéia de raça.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Arte-Educação: leitura de subsolo.** 2. ed. Revista. São Paulo: Cortez, 1999.

(Org.) **Arte/Educação contemporâneo: consonâncias internacionais.** São Paulo: Cortez, 2005.

BARCELOS, Luiz Cláudio. **Educação: um quadro de desigualdades raciais.** In: Estudos afro-asiáticos. Rio de Janeiro, nº 23, pp. 37-69, dezembro de 1992.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência.** São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

BRASIL, SEPPPIR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, MEC/SEPPPIR, 2004.

\_\_\_\_\_. BURKE, Peter. (org.). **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

**Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

**O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos: Uma exploração das hibridações culturais**. São Paulo: Studio Nobel: Instituto Cultural Ítalo Brasileiro- Instituto Italiano di Cultura, 1996.

**Antropologia da Comunicação Visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARVALHO, Jorge de Carvalho. **Ações Afirmativas como base para para uma aliança negro-branco-indígena contra a discriminação étnica e racial no Brasil**. In: GOMES, Nilma Lino & MARTINS, Araci Alves. (orgs.). *Afirmando direitos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação- Repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CERTEAU, Michel d. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHALHOUB, Sidney. **Exclusão e Cidadania**. Temas Brasileiros. Revista História Viva, n. 3, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1982.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo. Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. COELHO, Pedro M. Pinto. SARAIVA, José Flávio Sombra (orgs). **Fórum Brasil-África, Cooperação e Comércio**. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CONSORTE, Josildeth Gomes. A questão do negro: velhos e novos desafios. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, 1991.

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: a violência do racismo**. In SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã: o ensino superior da colônia à era Vargas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CUNHA JR, Henrique. Educação, afrodescendente em mestrados e doutorados: alguns comentários e uma tentativa bibliográfica. **Encontro de pesquisa educacional do Nordeste**. Salvador: Bahia, UFBA. 1999.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 2ª edição. 2 volumes. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1964.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

\_\_\_\_\_. FRANÇA, Vera Regina Veiga (org.). **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 50ª edição. São Paulo: Global Editora, 2005

**Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

**Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FROMM, Erich. **O Medo à Liberdade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

FUNDAÇÃO BIENAL. **Catálogo Mostra do Redescobrimento: Arte Afro-brasileira**. São

Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000. 129 p. il. color. 147 p. il. color. 176 p. il. color.

FERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIROUX, Henry A. **Escola crítica e política cultural**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1992.

**Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

**Cruzando as fronteiras do discurso educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GONÇALVES, Luiz A. de O De preto a afro-descendente: da cor da pele a categoria científica.

In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção (orgs.). **De preto a Afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCAR, 2003.p.15-24.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. **O jogo das diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

KINCHELOE, Joel L. **A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KUPER, Adam. **Cultura: A visão dos antropólogos**. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 4ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

LE GOFF, Jacques. **História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

LIMA, Ivan Costa. ROMÃO, Jeruse (orgs). **Educação popular afro-brasileira**. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros – NEN, 1999 (Série O Pensamento Negro em Educação, nº 05).

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MELLO, Guiomar Namó de. **Cidadania e Competividade: Desafios educacionais do terceiro milênio**. São Paulo: Cortez, 2002.

MORIN, Edgar. Articulando os saberes. In: ALVES, N & GARCIA, R. (orgs.) **O sentido da escola**. Rio de Janeiro, DP & A, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**, 3ª edição, São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **A Travessia da Calunga Grande: Três Séculos de Imagens sobre o Negro no Brasil (1637-1899)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 262 p., il. color. 395 p., il. color. 450 p.; il. color. 582 p.; il. 640p.; il.

MUCCHIELLI, Roger. **O questionário na pesquisa psicossocial**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria do Ensino Fundamental, 1999.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Políticas de Ação Afirmativa em benefício da população negra no Brasil – um ponto de vista em defesa das cotas**. In: GOMES, Nilma Lino & MARTINS, Araci Alves. (orgs.). *Afirmando direitos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 47-59.

MUSEU AFROBRASIL. **Catalogo da exposição Brasileiro, Brasileiros**. São Paulo, 2004/2005. il. color.

NEGRÃO, Esmeralda V. **Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos e infanto-juvenis**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cortez, (65) pp. 52-65, 1988.

NOVAES, Eliana Maria. **Professora primária: mestra ou tia**. São Paulo: Cortez: autores Associados, 1984.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: Um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

PINTO, Regina Pahim. A educação do negro: uma revisão bibliográfica. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, n. 62, p. 3-34, 1987.

\_\_\_\_\_. Raça e educação: uma articulação incipiente. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, n.80, p. 41-50, 1992.

PRADO, J. F. de Almeida. **O artista Debret e o Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1989.

PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: Uma introdução à História da África Atlântida**. São Paulo: Editora Campus, 2004.

RIBERIRO, Cristiane Maria. **As pesquisas sobre negro e educação no Brasil: uma análise de suas concepções e propostas**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia e PINTO, Regina Pahim. **Trajetórias escolares de estudantes brancos e negros**. In: MELO, Regina Lúcia Couto de e COELHO, Rita de Cássia Freitas (org.). Educação e discriminação dos negros, Belo Horizonte: IRHJP, 1988.

\_\_\_\_\_. ROMÃO, Jeruse (org.). **História das Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Ano 1. Nº 6, dezembro, 2005. 31p. il. color

SACRISTÁN, J. Gimeno. GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

**Poderes Instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

**Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANTOS, Gislene Aparecida dos Santos. **A invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SAVIANI, Demerval. **Tendências e correntes da educação brasileira.** In: MENDES, Dumerval T. (Coord.) *Filosofia da Educação Brasileira.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

SAHLINS, Marshall. **História e Cultura: apologias a Tucídides.** São Paulo: Jorge Zahar, 2006.

SCHNEIDER, Alberto. **Mistificações da Ciência.** Temas Brasileiros. Revista História Viva, n. 3, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SILVA, JC. **História de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia.** In: Reis JJ (org.). *Escravidão e Invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil.* São Paulo/Brasília: Brasiliense/CNPq, 1988.

SILVA, Maria Aparecida da. **Formação de Educadores para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial.** In: CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.* São Paulo: Summus, 2001.

SIMÕES, Regina Helena S. CARVALHO. Janete Magalhães. **Construção da Identidade do Professor no Brasil.** In: TRINDADE, Vítor. FAZENDA, Ivani. LINHARES, Célia. (Coord.) *Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa Educacional.* Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Andréia Lisboa de. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos.** In: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001

TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self: A construção da identidade moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1997.

**Multiculturalismo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

\_\_\_\_\_. TRINTADE, Azoilda Loretto da; SANTOS Rafael dos (orgs). **Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola.** 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VIANA, Francisco José de Oliveira. **Evolução do povo brasileiro.** 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

**ANEXOS**

**ANEXO A****QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

NOME:

IDADE:

SEXO:

COR:

LOCAL DE NASCIMENTO:

ANO DA GRADUAÇÃO:

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO:

LOCAL:

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL:

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA:

BAIRRO:

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE:

TEMPO DE SERVIÇO:

TURMAS QUE TRABALHA:

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS:

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL?

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO:

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?
- 06) Professores negros? Quanto?
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?
- 03) Professores negros? Quanto?
- 04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?
- 05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Sobre formação paralela ou continuada

- 01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?
- 02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?
- 03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira? Qual?
- 04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?
- 05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?
- 06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Sobre a prática profissional

- 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?
- 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?
- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?
- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?
- 05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?
- 06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?
- 07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?
- 08) Existe preconceito ou discriminação na escola?
- 09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?
- 10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?
- 11) Cite os nomes ou as fontes das imagens referentes ao negro ou a cultura afro-brasileira, que costuma utilizar ou já usou em aulas:

## ANEXO B

ENTREVISTA Nº 01  
27/03/2007

NOME: Janaína da Silva Augusto  
IDADE: 33 SEXO: Feminino COR: Branca  
LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo/SP  
ANO DA GRADUAÇÃO: 1998  
INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: FMU  
LOCAL: São Paulo  
TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 09 anos  
NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Escola Estadual Beatriz de Quadros Leme  
BAIRRO: Parque Fernanda  
COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: História  
TEMPO DE SERVIÇO NA ESCOLA: 03 anos  
TURMAS QUE TRABALHA: 6ª Série/ Ensino Médio (Supletivo)  
QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 2100  
PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não

## O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Pergunta difícil... Acho que ser negro representa acima de tudo uma etnia da composição do povo brasileiro, do processo étnico brasileiro. Ser negro significa ter, ou melhor, ser uma raça original como ser branco, ser índio, como ser europeu ou qualquer outro povo que se formou.

## QUERO SABER SOBRE AS CARACTERÍSTICAS. COMO VOCÊ IDENTIFICA UMA PESSOA NEGRA

...A característica para diferenciar um negro é a cor.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO:

É um grupo pequeno. A escola é composta por 30 professores e desse número 04 são negros.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

Na verdade nós temos uma professora negra que é diretora de uma outra escola. Até o ano passado tínhamos uma vice-diretora e uma coordenadora negra, mas elas não fazem mais parte do corpo docente da escola.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?

Nós temos uma boa composição disso. É mesclado. Nós temos 10 pessoas responsáveis tanto pela cozinha como pela limpeza, e desse número 05 são pardas e brancas e cinco são negras.

#### No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

09) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar?

Grande parte da minha vivência escolar foi baseada no método tradicional. Mesmo porque no tempo que eu estava no fundamental I, nós não tínhamos uma outra tendência de prática pedagógica que não fosse a tradicional. Então, eu estudei no método tradicional durante boa parte da minha vida.

10) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

O ensino fundamental eu fiz em uma instituição que é semi privada, que é o SESI. E o ensino médio na escola pública.

11) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Eu sou suspeita pra falar, porque eu sempre gostei de história. E tive excelentes professores de história na minha vivência escolar.

12) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

No ensino médio eu participei do grêmio estudantil.

13) Na sua escola tinha alunos negros?

Sempre teve. No SESI era um menor número, mas sempre existiram.

14) Professores negros?

Eu acredito que no Ensino Médio mais que no Fundamental. Pra falar a verdade, eu não lembro de professores negros no Fundamental. No Ensino Médio eu lembro de uma professora de química, mas tinham outros.

15) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem?

Eu acho que mais presente no Ensino Fundamental. Criança tem esse espírito maldoso, da picuinha e tudo mais. Então eu lembro de algumas brincadeiras de escárnio com alunos negros, mas eu sou uma pessoa totalmente destituída desse tipo de preconceito, porque eu sou de origem negra. Lembro que existiam essas brincadeiras, mas eu nunca participei. Já no Ensino Médio eu não me lembro de ter vivenciado uma coisa assim.

Você lembra como as pessoas da escola resolviam isso?

É engraçado porque nunca teve uma ação efetiva sobre esse tipo de manifestação de preconceito. Mesmo porque essa questão do movimento negro, da consciência negra, da etnia, não era tão presente como é hoje. Então eu nunca vi uma situação de punição contra o preconceito, nunca presenciei.

16) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Eu acho que até hoje isso está envolvido com a questão histórica. A gente presencia e estuda a cultura negra quando estamos falando de movimentos escravistas no Brasil.

Mas eu quero saber de você enquanto estudante e não professora.

Não me lembro de ter estudado isso na escola.

Durante a sua formação universitária

06) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Eu participava do diretório acadêmico.

07) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros?

Tinha. Na minha sala de aula tinha 02.

Num número de?

De 30 alunos.

08) Professores negros?

Nenhum.

09) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Teve, mas dentro de História do Brasil.

- 10) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos?  
Por quê?

Acho que não. Ele garantiu a formação básica. Mas para a minha vida profissional eu tive que pesquisar muito mais, aprender muito mais que a graduação permitiu. Minha profissão é aprender.

### Sobre formação paralela ou continuada

- 07) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira?  
Quando?

Ainda não, mas por falta de tempo. Porque tenho muita vontade de realizar.

- 08) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Eu conheço a lei que dá esse tipo de diretriz. E que direciona como vincular aos componentes curriculares a história africana.

Mas você leu esse documento?

Já li.

E como teve acesso ao documento?

Na verdade, eu não me lembro. Acho que foi em alguma orientação pedagógica.

- 09) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira? Várias vezes. No Museu da África no Ibirapuera. Algumas outras exposições sobre a história da África.

- 10) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Eu já participei de alguns rituais de Umbanda. Acho que tem um sentido religioso muito forte, muito presente, extremamente interessante culturalmente porque é um resgate da cultura africana na sua origem, na sua essência. Acho maravilhoso esse sincretismo religioso que a gente tem, associando a cultura afro com a cultura brasileira. Já assiste diversos documentários na TV e no cinema. Eu gosto muito.

- 11) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Na verdade o que eu trabalho na sala de aula sobre a cultura afro é ligado à religião. O que eu levo para os alunos são as obras do começo do século XVI e XVII, da colonização, que retratam a vida cotidiana dos africanos escravos no Brasil. E trabalho também, com cultura iconográfica, de imagens que fazem parte da cultura afro brasileira.

Mas você se ancora nas idéias de quais autores?

Não lembro de nenhum específico.

12) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Eu acho que esse debate sobre as cotas é bastante polêmico. Eu enquanto professora de história e conhecedora de todo o sofrimento e pesar que os negros passaram aqui dentro do Brasil, acho que temos uma dívida histórica. Eu acho que grande parte da proliferação da miséria, da pobreza e da segregação dessa etnia dentro do Brasil é vítima de um processo histórico. E acho que no início do processo de colonização, durante o processo de escravidão a gente não deu oportunidade para que essa etnia pudesse se desenvolver socialmente e economicamente. Então eu acho que a gente tem uma dívida histórica com essa etnia, então, nesse sentido eu acho válido as cotas. Ao mesmo tempo, temos um outro lado. Na verdade, precisaríamos criar aqui no Brasil, políticas públicas eficientes para eliminar essa questão da diferenciação, não só entre brancos e negros, mas, entre pobres e ricos. Eu acho que a questão das cotas não só para negros ou para pessoas que não tiveram acesso a uma educação eficiente deveria ser suprida na base escolar. E não servir como paliativo para esse problema tão intrínseco na cultura brasileira.

Sobre a prática profissional

11) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Na escola pública, eu não utilizo livro didático, por duas questões: pelo preço, já que os alunos não têm acesso a isso; e o que o estado disponibiliza é totalmente deficiente. Então, eu mesma produzo esse material e daí vamos construindo esse material juntos.

12) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

13) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

Eu acho que a minha prática é bastante construtivista e longe do que eu vivi durante meu tempo de aluna no ensino fundamental. Giz e a lousa a gente tem que utilizar, mesmo porque o material na escola pública é deficiente. Além da leitura iconográfica, eu uso leitura de músicas, eles fazem leitura de imagens com vídeo, fazem a construção do conhecimento com materiais que eles mesmo produzem e fica bastante interessante, sempre trago notícias do momento e peço para eles também trazerem informações de outras fontes, como os jornais do bairro. Procuro estimular a participação dos alunos e repensar continuamente a minha prática.

14) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Eu tenho um arquivo pessoal que sempre utilizo que faz um retrato iconográfico histórico sobre diversos assuntos. E é esse material que eu utilizo para fazer as leituras com eles.

15) Utiliza sempre as mesmas imagens?

Por enquanto sim, mas vou atualizando dentro do possível.

16) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Na verdade é despertar a consciência crítica, fazer que o meu aluno compreenda que ele é fruto de um passado histórico. Esse passado histórico faz parte da vida dele. E o objetivo além de compor esse retrato histórico, é despertar a consciência para a cidadania e para o papel dele como cidadão no mundo. Principalmente a reflexão crítica.

- 17) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Eu trabalho dentro da história, a história integrada. Ela aborda tanto a história do Brasil como a Geral dentro do mesmo período histórico. E ela propõe que se trabalhe cronologicamente, relacionando os fatos ao Brasil e ao Mundo de hoje para que possamos estabelecer a postura crítica.

- 18) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Grande parte dos meus alunos é negra. Então eu nunca presenciei esse tipo de atitude na escola. É que eu trabalho dentro da periferia e essa questão da consciência negra e do respeito étnico está muito presente, e é muito focada na periferia.

- 19) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Eu acho que quando temos a proposta de formar cidadãos conscientes e críticos e esse tipo de cidadão não abre espaço para situações de discriminações e desrespeito de nenhuma forma, étnico, racial, sexual. Eu acho que a abordagem preconceituosa não faz parte dessa formação crítica que preza a valorização da cidadania. Então eu acho que as minhas aulas partem do respeito ao ser humano como for, de onde for.

- 20) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Eu acho que a questão da origem não é muito retrata pelos processos históricos nos livros didáticos. Então a gente conhece muito pouco a história da África, por isso eu procuro dar dentro das minhas aulas uma abordagem essencial da história da África. Incluindo a cultura afro-brasileira, a contribuição cultural negra que até hoje é muito presente e todo o processo da escravidão africana, de todo o sofrimento causado pelo europeu que foi conivente em várias instâncias sociais. Acho que tudo isso deve ser reforçado nas aulas de história.

Quais historiadores negros ou africanos você conhece?

Não me lembro.

Imagens utilizadas em sala:

Extração de Diamantes em Curralinhos, MG. Litografia de Maier.

Imagens de Debret.

Imagem de Zumbi.

ENTREVISTA Nº 02  
02/04/2007

NOME: Dulcilei da Conceição Lima Gomes

IDADE: 28                      SEXO:              Femino              COR: Negra

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo

ANO DA GRADUAÇÃO: 2003

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: USP

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 03 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Centro de Ensino São José

BAIRRO: Jardim Bonfiglioli

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: História

TEMPO DE SERVIÇO: 03 anos

TURMAS QUE TRABALHA: 8ª série/Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 500

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não

### O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Na minha concepção se negro se encerra em alguma coisa muito fechada. Já me traz na cabeça uma série de estereótipos. Por exemplo, a questão de ser pobre, pouco instruído, da discriminação, do preconceito. Enfim, ser negro pra mim está muito relacionado a essa série de estereótipos de preconceito. Mas se formos pensar em uma outra forma de definir, como a de ser afrodescendente, daí esse conceito muda um pouco, a minha visão fica mais ampla. Por que aí estaríamos falando de muitas outras coisas, como as questões culturais, da história desse grupo, da língua, da arte, da religião e de outras informações.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO:

Cerca de 20%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

30%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?

80%.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar?

O ensino era bem fechado, bem tradicional. Na escola pública nós tínhamos uma coisa que era bem assim: bastante conteúdo, informações na lousa, repetições. Raramente usávamos livros já que os textos eram mimeografados. O contato com o professor não era muito grande, era mínimo. Somente na sala de aula e para tirar dúvidas.

02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Eu estudei em duas escolas diferentes. No fundamental uma escola do Itaim Paulista e no Ensino Médio numa escola um pouco mais central, que era o Colégio Carlos Gomes, também no Itaim Paulista.

03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Eu gostava muito de História, Literatura e Artes. Na Literatura eu gostava muito de ler e das associações com a história, da disciplina de História porque eu gostava de saber sobre os fatos, como as coisas funcionavam e de Artes gostava porque era mais livre e eu podia desenhar, pintar.

04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

Sim. Participei do Grêmio Escolar durante dois anos. Foi uma experiência bem estimulante porque fizemos diversas sugestões para a escola, inclusive criamos uma feira cultural, que depois se tornou tradicional na escola.

05) Na sua escola tinha alunos negros?

Muito, acredito que a maioria dos alunos era negra.

06)Professores negros?

Poucos. Só me lembro de uma, a professora de Artes do Ensino Médio.

07)Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem?

Eu percebi varias vezes, principalmente de colegas. Eu me desentendi seriamente com uma colega por causa disso.

Como a escola resolvia essas situações?

Nunca vi e nunca reparei ação da escola nesse sentido. Nas situações onde eu estava envolvida, resolvia com os meus próprios métodos e a escola não foi envolvida nesse processo.

Como era o seu método?

Ah! Conversava, tentava explicar ou então me afastava.

08)Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Em nenhum momento, seja no Fundamental ou no Ensino Médio. Pra não dizer que nada, foi falado sobre a escravidão.

#### Durante a sua formação universitária

01)Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Não.

02)Na instituição em que você estudou tinha alunos negros?

Tinha sim. Não era uma porcentagem tão grande, mas comparada a outras instituições públicas ou a outras áreas, era um número significativo. Geralmente o número de afrodescendentes nas chamadas “licenciaturas”, ou humanas, é maior que nas outras áreas.

03)Professores negros?

Só um professor, o de História Contemporânea, que inclusive, dá aula de Historia da África.

04)Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Tive uma disciplina, a de História da África.

05)Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Eu acredito que tenha cumprido sim, porque entre um dos objetivos era o de apresentar um panorama geral da História, sua função e objetivo, como pesquisar e de que forma buscar. Acho tranquilamente que cumpriu com os objetivos.

#### Sobre formação paralela ou continuada

01)Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Realizei um curso na USP, no segundo semestre de 2006, sobre a Cultura Afro-brasileira.

02)Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?  
Conheço. Inclusive, recebi o manual na escola que trabalho.

03)Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?  
Já. Numa exposição no Sesi e numa no Museu Afro Brasil.

04)Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?  
Fui no Candomblé, por curiosidade, para saber como funcionava. Devido a uma participação em um simpósio fiquei com muita vontade de conhecer a religião e gostei muito. Inclusive, tenho vontade de conhecer outras casas.

05)Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?  
Existem vários materiais, inclusive muitos novos devido a Lei 10.639. Muita coisa me foi apresentada na faculdade, no curso de África. E sempre recebo coisas novas. Tenho material do Wilson Batista, do Kabenguele Munanga e de vários outros pesquisadores.

06)Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).  
É um assunto cabeludo. Embora eu saiba que não é uma solução definitiva, nem a mais apropriada, acho que é um paliativo necessário no momento, até que a gente consiga passar para uma outra fase, onde os problemas tenham soluções definitivas. Mas no momento acho importante, e se faz necessário para que se comece a tratar o assunto com mais responsabilidade e que se possa incluir outros atores sociais.

### Sobre a prática profissional

01)Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?  
Utilizo livro didático. Sou eu que escolho e a minha escolha é pautada no conteúdo do livro, percebendo como ele aborda os assuntos, se estão acompanhando as novas pesquisas, se a linguagem é acessível e atraente para os alunos, se utiliza recursos variados, como imagens, textos literários, informações atualizadas.

02)Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?  
As imagens são trabalhadas de maneira analítica. Discutimos o que está sendo mostrado pela imagem, de que forma é mostrado. Tento mostrar para os alunos que a imagem não é dona da verdade, que não pode ser vista como uma verdade absoluta porque ela é uma construção, é parcial e tem uma intenção. Então, acho que é importante os alunos perceberem qual é a intenção de cada imagem, isso pra mim é ser crítico.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

O meu recurso mais freqüente é o filme.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Primeiro eu preciso pensar na questão que eu quero abordar. Se eu quero mostrar costumes, cultura, política, vida social e o que quero que os alunos percebam nas imagens. Depois eu passo por um momento de criticá-la, de questionar o que eu acredito que ela esteja informando e tentar perceber quais as informações que me fazem chegar a tais conclusões.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens?

Não tenho um repertório fechado de imagens. Gosto muito de trabalhar com algumas charges que eu tenho, mas sempre estou procurando imagens novas, tanto para diversificar como para que eu tenha uma visão mais ampla.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Principalmente a de questionar a imagem, visto que é justamente isso a maior dificuldade dos alunos. Eles vêm as imagens, tais como fotos de jornais ou do livro didático como o símbolo da verdade.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Não. Eles podem ser trabalhados de forma sincrônica. Porém, os alunos têm dificuldade de pensar a história de uma forma não linear, eles têm dificuldade de relacionar os fatos históricos, é difícil eles relacionarem temas antigos a novas construções contemporâneas. Eles pedem uma história extremamente linear, eu tento fazer com que eles consigam fugir um pouco disso.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Já sofri discriminação nessa escola. Em várias situações.

E como a instituição resolveu essa situação?

Eu avisei a escola, a coordenação, mas eles falaram que eu é que tinha que resolver isso com os alunos, caso a coisa se agravasse eles iriam intervir. Mas isso não chegou a acontecer.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Eu não sei se elas colaboram para acabar com essas ações, porque pra mim, a coisa é bem mais complicada e arraigada. A tentativa é sempre a de mostrar que essa forma negativa que a gente tem de ver o indivíduo negro está relacionada a “N” situações que estão além da vista desses alunos. Não é uma situação que começou a acontecer agora e que essa forma de encarar é uma construção social/política, como é também essa tentativa de resgatar a identidade do afrodescendente.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Na História da África, os grandes impérios, tudo que foi desenvolvido em estudos, tecnologia, de cultura, da contribuição da África, não só para o Brasil, mas para a humanidade. As contribuições da matemática, da arquitetura, da metalurgia da literatura e da língua. E no caso brasileiro, eu gosto muito de falar com eles sobre o momento posterior da escravidão. Discutir o momento em que o negro se encontra livre e não tem oportunidades de se integrar na sociedade. É justamente, o período que o negro some da história brasileira. Quando trato da escravidão, tento desconstruir os estereótipos do escravo preguiçoso, de que não resistia à escravidão, de que não tinha organização.

Você conhece pesquisadores negros africanos ou brasileiros?

Diversos. Como o Kabenguele, o Appiah, o José Rufino dos Santos e outros que não lembro agora.

Imagens utilizadas na sala de aula:

Charges do site [www.ceert.org.br](http://www.ceert.org.br)

**LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO COM OS ALUNOS:**

VICENTINO, Cláudio. DORIGO, Gianpaolo. História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil. São Paulo:

Scipione, 2006

ENTREVISTA Nº 03  
19/04/2007

NOME: Dirce Colaço Geraldi

IDADE: 61 anos

SEXO: feminino

COR: branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Santos – São Paulo

ANO DA GRADUAÇÃO: Primeira em 1972 e a Segunda em 2002

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

LOCAL: Santos

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 41 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Colégio Notre Dame

BAIRRO: Sumaré

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: História

TEMPO DE SERVIÇO: 06 anos

TURMAS QUE TRABALHA: 1°, 2° e 3° ano do Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 400 alunos

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL?

Atualmente, não, apenas faço parte do Conselho no meu prédio...

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

Ser negro é ter que mostrar que é capaz intelectualmente, profissionalmente, socialmente, sempre; é ter que lutar pelo espaço que deveria ser natural e decorrente de acordo com a sua capacitação é ter sempre a etnia como barreira para a sua inserção intelectual, profissional, social...

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO: 0%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

Na Instituição que trabalho? 0%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? Acho que são 05 funcionários, como não sei o total do quadro, não posso calcular, mas deve ficar em 30%.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?

Eu estudei no período da ditadura, então as estratégias dos professores eram voltadas a vencer o volume de conteúdo, sem espaço para muitas reflexões, relações ou questionamentos. A relação professor-aluno era hierárquica, o professor tinha um tablado mais alto onde ficava a lousa e sua mesa, reforçando ainda mais essa distância, raramente descia do seu “púlpito” e se algum deles rompesse essa relação era visto pela Instituição como uma ameaça aos padrões educacionais.

02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

O primário fiz em escola pública (estadual) em Santos. O ginásio fiz em escola subvencionada (SENAC) em Santos. Já o curso normal fiz em escola católica particular, também em Santos. A 1ª graduação fiz em universidade particular em Santos. A 2ª graduação fiz em faculdade particular em São Paulo, a UNIBAN.

03) Qual componente curricular você mais gostava.

Português, Geografia e História. Por quê? Por que através deles eu podia sonhar, amar, viajar, sair dos limites tão estreitos (era como eu percebia o meu espaço naqueles períodos).

04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

A partir do ginásio sempre fiz parte do grêmio estudantil, do grupo de teatro e do coral (na época: orfeão). Na faculdade nosso grêmio foi fechado, período da Ditadura Militar, meu último envolvimento... Depois só em grupos fechados, como escola, bairro...

05) Na sua escola tinha alunos negros?

Na escola pública tinha alguns, na época ela era muito seletiva, pois na minha cidade não tinham muitas escolas particulares, elas eram poucas e voltadas para a elite. Nas escolas particulares, 04 anos de ginásio e 03 da escola Normal, só tive 02 colegas negros. Na faculdade de História (particular) sala com 40 alunos, só tive um colega.

06) Professores negros?

Tive apenas um professor negro, no Conservatório Musical, ele dava Harmonia.

07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem?

Nunca presenciei.

08)Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Música, folclore e a história da escravidão.

#### Durante a sua formação universitária

01)Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Acho que já respondi na outra questão, quando estava na faculdade no tempo da ditadura.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Já respondi.

03)Professores negros?  
Eu acabei respondendo tudo antes, sem saber!

04)Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?  
Sim, História da África e Folclore.

05)Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos?  
Acho que sim...apesar do contexto histórico em que se vivia na época, ter dificultado discussões, reflexões inerentes a um curso de História e que não puderam ser feitas naquele momento, mas que nos instrumentalizou para que pudessemos fazer depois ....e sempre.

#### Sobre formação paralela ou continuada

01)Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Não.

02)Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?  
Sim. Com colegas no meu curso de Pedagogia.

Mas você se formou em 1992. As diretrizes são de 2003.  
Então confundi. Deve ter visto na escola que trabalho, porque ver eu já vi.

03)Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?  
Sim, na Oca. Ou melhor, Ibirapuera.

04)Já foi em algum rito religioso de origem africana?  
Sim. No terreiro de Mãe Menininha do Gantois em Salvador, na Bahia, em 1970, quando ainda era estudante de História.

O que achou?

No princípio um pouco assustada, mas depois deslumbrante. Adorei!

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros?

Sim. Casa grande e senzala do Gilberto Freyre, Café, suor e lágrimas do Luiz Galdino, as obras de Jorge Amado...

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Uma preocupação com as dificuldades de inserção dos afro-descendentes, mas me preocupa que essas medidas isoladamente venham reforçar o preconceito, já que causam, mais discriminação.

### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Sim. Eu escolho.

A partir do quê?

Conteúdo. Informações relevantes.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Analisando e refletindo o que elas estão informando.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

Textos, notícias da mídia, filmes.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

De acordo com o conteúdo ou a extrapolação que é feita sobre o assunto.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Não. Como disse, depende da turma, do grau de absorção, do tema.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Que possam fazer a crítica além da imagem, ver o apelo subliminar, a carga que o autor quis dar a ela.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Sim eu acho, mas nem sempre isso é possível por causa de algumas implicações das instituições que se está a serviço e na verdade o que se vê é o uso do anacronismo, o que é uma pena.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Sim, embora velado.

Como é isso?

Ah! Você sabe que a pessoa está sendo racista, mas ela disfarça. Ou você percebe no discurso.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Procuro que elas ao menos levem os alunos a perceberem a hipocrisia de que “não há preconceito contra os afros-descendentes no Brasil”.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Primeiro a sua história: formação, cultura, riquezas..., depois a apropriação ou expropriação recente desse continente que resultou nos problemas enfrentados até hoje pelos africanos, dentro e fora do seu continente.

Imagens utilizadas em sala de aula:

As do livro didático, paradidáticos, filmes e a mídia escrita.

LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO COM OS ALUNOS:

ARRUDA, José Jobson de. PILETTI, Nelson. Toda a História: História Geral e História do Brasil. São Paulo:

Editora Ática, 2005.

ENTREVISTA Nº 04  
22/04/2007

NOME: Fernando Barbado Lacava

IDADE: 34 SEXO: Masculino COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Osasco

ANO DA GRADUAÇÃO: 2001

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: UNIFIEO

LOCAL: Osasco

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 05 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: E.E. Prof. José Liberatti

BAIRRO: Centro/Osasco

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: História

TEMPO DE SERVIÇO: 05 anos

TURMAS QUE TRABALHA: 8º série e Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 600

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Os fundadores de todas as nações mundiais. Guerreiros e valentes.

E fisicamente? Como identifica quem é negro?

Através da cor e da aparência física.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:  
QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO: 25%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM  
FUNÇÕES DE CHEFIA? 25%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 50%.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Foram as formas mais tradicionais e conservadoras para o período. Os professores passavam lição e nós copiávamos, fazíamos tarefas na sala. A relação entre os professores e os alunos era normal, com certo afastamento por causa da condição hierárquica e do tradicionalismo de professor ser professor e aluno ser aluno.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Estudei em escola pública. Na E.E. Prof. José Maria Rodrigues Leite. Localizada em Osasco.
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Olha, é meio complicado pensar neste componente, mas como sempre gostei de discussões sociais, fico com a disciplina que tenho por habilitação que é História e a que defendo sempre, que é Educação Moral e Cívica. Ela faz muita falta na escola de hoje.  
Por quê?  
Falta esclarecimento e postura crítica na escola. E essa matéria fazia isso.
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Não, mas sempre respeitei os conceitos que eles defendem. De lutar por um ideal.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, aproximadamente cerca de 40%.
- 06) Professores negros? Quanto?  
Não tive professores negros. E não lembro de nenhum lá.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Que me lembre não. Acredito muito que várias razões para isso acontecer foram impostas pela necessidade de se criar argumentos em valorizar a etnia negra por causa de sua própria ascensão cultural. Era um período onde os movimentos começavam a pipocar. E ninguém queria dar mancada.  
  
Dar mancada de qual tipo?  
Agindo com preconceito.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Única e exclusivamente a questão da abolição da escravatura.

Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Cerca de 5%.
- 03) Professores negros? Quanto?  
Sim, tinha um, mas não tive aula com ele.
- 04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?  
Sim. História da África.
- 05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos?  
Por quê?  
Sim, porque foram explorados todos os recursos para as aulas, desde vídeo à textos muito direcionados ao tema.  
Vocês realizavam muitas leituras?  
Para falar a verdade não li muito no curso, só xerox e resumos, mas deu para aprender os conceitos importantes.

Sobre formação paralela ou continuada

- 01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira?  
Quando?  
Não.
- 02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?  
Não conheço.
- 03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?  
Qual?  
Não.
- 04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?  
Não tenho interesse.
- 05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?  
Não.

Não têm ou você não conhece?

Se tiver, não conheço.

- 06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Extremamente preconceituosa. Capacidade não se faz por cor de pele. Isso só vai provocar mais preconceito. Não acho correto esse tipo de política.

### Sobre a prática profissional

- 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Sim. Mas não fui eu que escolhi. Foi a direção da escola.

- 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Tento interpretar as imagens junto com os alunos, direcionando o entendimento das ilustrações, explicando o que eles não conseguem entender.

- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais freqüência para abordar os assuntos das aulas?

Lousa, leitura e interpretação é tudo. Peço para eles lerem e me explicarem o que entenderam, caso esteja errado, eu os ajudo a entender.

- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Infelizmente temos muitas ilustrações que só colocam os negros como escravos, mas tento referenciá-los como heróis.

Como assim?

Eu mostro o outro lado, que o negro não só apanhou, ele foi e é herói. Só herói para viver num país tão preconceituoso como o Brasil.

- 05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Não, pois é importante mostrar diversas visões. Uma imagem, por ter sido feita por alguém, já traz uma interpretação.

- 06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Que podemos aprender muito mesmo que sejam através de imagens.

Acha o aprendizado com imagens menos importante?

Comparado ao texto sim. Gosto de trabalhar a imagem como um reforço para o texto e os temas.

- 07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Periodização do conteúdo sempre, pois a cronologia faz parte dos estudos humanos.

Acredito que fatos paralelos ao tema principal, podem proporcionar alguma alternativa para a minimização dos problemas. Mais tem que estar desenhado num período histórico.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Se for uma pergunta sobre se há preconceito na escola, a resposta é sim, há. Mas se for para eu responder se já vi, ainda não vi não.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Olha, como disse, eu penso muito na capacidade das pessoas, pois ninguém se faz capaz pela cor, e sim pelo poder de decidir e realizar. Então acho que isso tem que vir de casa, se os pais ensinarem os seus filhos a tratarem todos iguais, isso não vai acontecer. Você acha que adianta eu ficar repetindo mil vezes: Não tenha preconceito. Se quando eles chegam em casa, os pais não estão nem aí pra isso. Não vai resolver, nada!

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Acredito que o importante é a forma com a qual o negros foram trazidos para cá, justamente porque foi uma imposição e não uma necessidade mútua, entre explorador e explorado.

Imagens utilizadas em sala de aula:

Nelson Mandela, Milton Santos.

LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO COM OS ALUNOS:

BARBEIRO, Herodóto. CANTELE, Bruna Renata. SCHNEEBERGER, Carlos Alberto.  
História: de olho no mundo do trabalho. São Paulo: Scipione, 2005.

ENTREVISTA Nº 05  
30/04/2007

NOME: Margarete C. Cardoso

IDADE: 38 SEXO: Feminino COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Mogi das Cruzes – SP

ANO DA GRADUAÇÃO: 2006

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Centro Universitário Santanna

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 06 meses

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: E. E. Galdino P. Franco

BAIRRO: Brás Cubas/Mogi das Cruzes

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: História

TEMPO DE SERVIÇO: 06 meses

TURMAS QUE TRABALHA: 7ª e 8ª séries

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 1.200

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não.

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

É ter características físicas da raça negra e compartilhar dos valores da cultura negra. Se aceitar como negro.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO: cerca de 20%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA? 5%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 50%

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar?  
Sinceramente não me lembro se havia alguma metodologia específica. Era tudo bem tradicional. Giz, lousa e autoridade do professor.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Sempre em escolas públicas: EE Rubens Mercadante de Lima, EE Sebastião de Castro e EESG Francisco Ferreira Lopes. Todas em Mogi das Cruzes-SP.
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Os componentes de humanas. (Português, História, Geografia, Literatura, Artes).
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Sim. Sempre participei.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros?  
Uns 30%.
- 06) Professores negros?  
Somente na faculdade tive uma professora negra.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem?  
Naquele tempo não.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Apenas as questões da escravidão no Brasil e questões ligadas a cultura religiosa e cotidiano (isso no ensino público há muitos anos atrás).

Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Sim, em diversas situações dentro da universidade.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros?  
Sim, um número grande.
- 03) Professores negros?  
Sim.
- 04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Nada específico, apenas as abordagens que perpassam a História do Brasil.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Na minha opinião, curso algum cumpri todos os objetivos. Acredito na busca de cada aluno fora da comunidade acadêmica da qual faça parte, só assim, pode-se chegar a objetivos mais concretos. As grades curriculares de modo geral não contemplam, e nem poderiam contemplar em sua totalidade, os objetivos e necessidades do corpo discente.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Sim, um curso rápido no Museu Afro-Brasileiro.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?  
Tomei conhecimento a partir de material de divulgação do INEP.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?  
Sim, no CCBB – sobre Arte Africana, o acervo do Museu Afro-Brasileiro, entre outras coisas.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?  
Fui a diversas Festas de Cosme e Damião quando era criança e dentro do próprio catolicismo as tradições de Folia de Reis, Moçambique e Congada, as quais acompanham desde criança também. Eu gostei muito.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?  
Sim. Tenho usado alguns textos de livros temáticos, inclusive um livro da editora Ática que trata somente da questão Afro-brasileira.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Na minha opinião, é um mal necessário, digo isso em relação a toda e qualquer ação afirmativa. É triste saber que algumas minorias (ou maiorias) não obtenham o respeito e igualdade, princípio básico (ou que deveria ser) em qualquer sociedade.

### Sobre a prática profissional

- 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?  
 Utilizo, mas infelizmente a escola já tinha um material adotado, mas eu não me prendo apenas a este e procuro utilizar outros como já disse anteriormente.
- 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?  
 Quando é possível trabalho a leitura no sentido de desconstrução de mitos.  
 Fazer com que os alunos compreendam que as imagens são manipuladas.
- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?  
 Vídeo e Imagens (pinturas em tamanho ampliado).
- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?  
 Como tenho pouco tempo, ainda não pude selecionar muita coisa, na realidade inseri no meu conteúdo programático (planejamento entregue) as questões culturais da minha cidade, entre elas as manifestações religiosas de origem afro.
- 05) Utiliza sempre as mesmas imagens?  
 Já respondi na anterior.
- 06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?  
 Que percebam coisas que por vezes num texto, lhes passe despercebido, afinal as diferentes cognições nos levam a estimular todos os sentidos (ou quase todos) durante a aprendizagem.
- 07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?  
 Bem, parto do meu planejamento (o qual deve, ou ao menos tento) estar em consonância com os temas vistos anteriormente, para que ache uma melhor concatenação de idéias.
- 08) Existe preconceito ou discriminação na escola?  
 Sim, entre os próprios alunos, já presenciei situações em que eles próprios chamam um colega de “negrinho” de forma pejorativa, ou ainda quando um deles diz: - “a Sra. está falando assim só porque sou negro”, o “bulling” é comum é uma prática comum entre eles, e não se restringe à questão da cor da pele.
- 09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?  
 Eu tenho procurado trabalhar a importância de todas as etnias na formação do nosso povo, além de alertá-los constantemente quando presencio uma situação jocosa ou constrangedora entre eles, tentando trabalhar a auto-estima.
- 10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?  
 Penso que os dois sejam importantes, a origem, o destino e a fusão das culturas.

Imagens utilizadas em sala de aula:

Imagens de Debret, dos artistas da Missão Artística Francesa, e imagens que retratam a África hoje.

**LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO COM OS ALUNOS:**

MOCELLIN, Renato. CAMARGO, Rosiane. Passaporte para a História. São Paulo: Editora do Brasil, 2005. Obra em 4 v. para alunos do Fundamental II

ENTREVISTA Nº 0606/05/2007

NOME: Tarcisio Antonio do Nascimento

IDADE: 51                      SEXO: Masculino                      COR: Negra

LOCAL DE NASCIMENTO: Senador Firmino/MG

ANO DA GRADUAÇÃO: 1980

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: UNIFAI

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 25 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: EMEI Tiradentes

BAIRRO: Guaianazes

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: História

TURMAS QUE TRABALHA: 5ª à 8ª série

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 1800

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não participo.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

É assumir todos os recalques sociais, ser forte, persistente, saber que é e que foi discriminado, ter força, não deixar abater pelo desânimo.

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO: 10%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA? Nenhuma.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 90%.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?

Fundamentalista, distante, obedecendo a hierarquia escolar. Era uma coisa horrorosa.

02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Pública. Escola Estadual Pe Jacinto Trombert em Senador Firmino, Minas Gerais.

03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

História e literatura. Por que através delas poderia começar a entender a minha trajetória histórica e dos meus ancestrais.

04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

Não.

05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?

Sim. 30%.

06) Professores negros? Quanto?

Não tinha.

07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?

Sim, mas a escola nunca teve a preocupação de enfrentar o assunto.

08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Nenhum.

Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Sim, com o diretório acadêmico.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?

Sim, 20%.

03) Professores negros? Quanto?

Não tive.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Não.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Não, pois não houve a preocupação de investigar os povos e cultura do povo negro.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Sim. Pela prefeitura de São Paulo, no ano passado. E estudei o assunto no mestrado.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?

Sim, a professora autora e relatora Dra Petronilha foi a minha orientadora de mestrado. Ela foi a primeira mulher negra a ocupar o conselho federal de educação.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira? Qual?  
Já fui em diversas exposições em São Carlos, Brasília, Salvador, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre. Todas sobre as culturas africanas.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Sim, Candomblés em Salvador, São Luis e porto Alegre. Achei muito interessante.

Você comenta dessa experiência para os alunos?

Não. Acho que é muito pessoal. Se alguém comentar que já foi eu dou o maior apoio e incentivo a falar, mas não me sinto à vontade para contar da minha experiência. Os alunos confundem as coisas, além de tudo, não importa o que eu acho, eles precisam conhecer a partir das suas necessidades.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim. Várias, como Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, FHC, Roger Bastide.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Sou favorável totalmente. É uma reparação histórico e fundamental para o acesso à cidadania dos negros.

Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Não uso.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Não uso.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

Pesquisas, artigos, jornais.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Não costumo usar imagens.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Não uso imagens porque elas são discriminatórias, sexistas e inferiorizam o negro ou mostram muitos estereótipos.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Prefiro não usar.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Não acho importante. Os temas não precisam ser trabalhados em ordem cronológica.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Sim, em todas as esferas.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

São bastante esclarecedoras porque resgatam os ancestrais e a importância da cultura.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Os reinos africanos, antes da invasão ibérica.

Imagens que utiliza na sala de aula:

Nada em especial.

ENTREVISTA N.º 07  
07/05/2007

NOME: Alencar Silva Coelho

IDADE: 53                      SEXO: Masculino                      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Guaxupé/MG

ANO DA GRADUAÇÃO: 1982

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: USP

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 25

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Colégio Franciscano Stella Maris

BAIRRO: Pinheiros

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: História

TEMPO DE SERVIÇO: 20 anos

TURMAS QUE TRABALHA: Fundamental II e Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 250 alunos

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não.

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Estar identificado historicamente e culturalmente com a sua "raça".

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO: 10%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM  
FUNÇÕES DE CHEFIA? Nenhuma.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES  
DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? Não sei, porque o serviço é terceirizado.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Predominantemente expositiva, com o auxílio da lousa. Não havia relação professor/aluno. Levantávamos quando o professor entrava, sentávamos, ouvíamos, anotávamos a aula e levantávamos quando o professor saía.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Pública. Instituto de educação Cel. Cristiano O. de Oliveira, em São João da Boa Vista-SP.
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Port. Geog. Hist. e Artes. Eu via sentido nas disciplinas de História e Geografia e tinha facilidade em Português e Artes. Jamais entendi porque resolver equação ou fazer tabela periódica.
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Grêmio escolar sim, mas não era nada politizado. Eram festas, bailes, etc. Movimento estudantil só na faculdade.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Tanto no primário quanto no ginásio tive um colega.
- 06) Professores negros? Quanto?  
Não. Nos anos sessenta ser professor era coisa da elite. Ganhavam nessa época como juiz de direito.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Não. Afora aquele embutido no discurso, como “coisa de negro”, etc. Mas se ouvia em toda parte, inclusive, em casa.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Só lembro que a “boazinha” da Princesa Isabel libertou os escravos.

#### Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Sim. Movimento estudantil, sindicato. Fui conselheiro da APEOSP.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, mas não me lembro, só sei que eram poucos.
- 03) Professores negros? Quanto?

Um de origem negra. Assim mesmo bem branquinho.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Sim. Tive um semestre de Ásia e África.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

O currículo da faculdade de história está montado no sentido de abranger a história do mundo ocidental. Não se estuda história da França, mas a Revolução Francesa, não se estuda história da Inglaterra, mas as Revoluções Inglesas, que são fatos que dizem respeito a história do ocidente. Nesse sentido, não se tem uma formação de toda a história da humanidade. Nem seria possível, apenas história do Brasil é vista no conjunto. A Faculdade de História da USP não pensa em nenhum momento que está formando em sua maioria, professores. Para isso, eles têm a faculdade de educação, que por sua vez, não pensa em história, a não ser pela matéria “Prática de Ensino em História”. Portanto, vejo uma lacuna nessa parte, quanto a formação em história, estudei durante a ditadura militar, havia um certo esvaziamento de professores, mas descobri posteriormente que tinha uma formação bem superior a de colegas de outras faculdades.

#### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Não.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?  
Como teve acesso?

Sim, na escola que trabalho.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?  
Qual?

Sim, em museus dos EUA e Europa. Mas eram exposições sobre a arte africana nos acervos dos museus. Conheço também o Museu AfroBrasil, as esculturas de orixás de Iberê Camargo.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Sim, Candomblé. Achei bonito e participei diversas vezes.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Literárias e artísticas não lembro, mas históricas e sociológicas sim, como Escravidão e Abolição no Brasil, de C. F. Cardoso, Da senzala à Colônia de E. V. Costa, Ser escravo no Brasil de K. Mattoso. Casa Grande & Senzala, na época de faculdade era um clássico, porém, com críticas.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

A princípio achei justificável (Compensar os séculos de escravidão), hoje acho um equívoco enorme, racista. Na Europa existem universidades de alta qualidade e gratuitas. O indivíduo só tem que mostrar a sua competência intelectual para cursar. O Estado garante oportunidade igual para todos, chega-se na universidade quem quer e se preparou. O Estado Brasileiro, de maneira equivocada, gasta mais recursos com o 3º Grau e nós sabemos “as quantas anda” a escola básica. Ademais o que fazer com os brancos pobres, como os índios. Dar cotas para todos? Finalmente a faculdade não é o caminho escolhido por todos, mesmo aqueles que tem condições, é uma opção e é um setor da sociedade que quer trabalhar com o conhecimento. Exemplo: Somos 8 irmãos. Eu fiz 3 faculdades, minha irmã fez 2, outros dois se formaram, os outros restantes 2 terminaram o ensino médio e outros dois apenas o fundamental, mas todos tiveram as mesmas condições.

### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Sim, sou eu.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Contextualizado-as e criticando-as.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

De maneira multimídia.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Seleciono de acordo com o conteúdo e a disponibilidade física.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Não. Depende da turma, do tempo e das sugestões que tenho em mãos.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

A imagem fornece informações que são mais fáceis de serem compreendidas, pode ser impactante, provocar curiosidade, comoção. Os alunos podem aprender muito com imagens, no caso da história, o adolescente nem sempre imagina quando lê, mas a imagem pode ajudá-lo nisso, desenvolver a imaginação historicamente correta. Porém, o professor tem que “alfabetizar” o aluno para a leitura de imagens.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

No fundamental eu utilizo o currículo básico, gasto mais ou menos o tempo com que considero mais importante. Em alguns casos, os alunos determinam, como por exemplo, a

pré-história, o Egito, que eles adoram, porém a Grécia ou Roma eu determino, já que eles não gostam tanto. No Ensino Médio, preparo para o vestibular.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

A escola trabalha para que não haja preconceito, mas a classe média, inclusive os professores, têm os seus. Mas as manifestações não são permitidas.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Trabalho bastante isso em História e Ética. Mostro que não existem “raças” ou pessoas superiores, trabalho com a diversidade cultural, como sou formado também em direito, mostro o poder da lei.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Escravidão, imperialismo e suas conseqüências. A influência dos povos africanos na formação do Brasil.

Imagens que utiliza na sala de aula:

Não uso nada em especial. Eu utilizo as dos livros didáticos e em minha biblioteca.

LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO COM OS ALUNOS:

SCHMIDT, Mário. Nova História Crítica. São Paulo: Editora Nova Geração, 2005.

ENTREVISTA Nº 08  
28/06/2007

NOME: Gisela Colaço Geraldi

IDADE: 26                      SEXO: FEMININO                      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: SÃO PAULO/SP

ANO DA GRADUAÇÃO: 2005

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Unicamp

LOCAL: CAMPINAS/ SP

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 2 ANOS E MEIO

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Colégio Notre Dame

BAIRRO: Sumaré/SP

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: História/Temas contemporâneos.

TEMPO DE SERVIÇO: 2 ANOS E MEIO

TURMAS QUE TRABALHA: ENSINO MÉDIO

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 85 NO E.M.

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Ser negro é se identificar e declarar-se afro-descendente. Esta identidade se sobrepõe à cor da pele ou aos traços tidos como característicos dos negros. Identificar-se como afro-descendente leva em conta também às referências culturais e sociais da população negra e não-negra, além da relação dos indivíduos com as freqüentes afirmações e negações da afro-descendência.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:  
QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO: 2  
QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM  
FUNÇÕES DE CHEFIA? 0%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? Não sei o número exato, mas os negros que trabalham na instituição desenvolvem majoritariamente as funções de limpeza e auxílio geral.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01)Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?

A escola em que estudei seguia o modelo construtivista, de experimentação. Lá, tinha muitas aulas e palestras desenvolvidas por alunos da graduação, aproximando o universo da universidade ao da escola. Os estagiários tinham afinidade com os alunos e isso tornava os conteúdos mais próximos porque eles eram um pouco mais velhos que nós. Isso deixava as aulas bastante dinâmicas, porque a presença dos estagiários animava tanto os alunos quanto os professores, que sempre que possível, trabalhavam com conteúdos que tinham relação direta com os assuntos em pauta na sociedade. A relação entre os professores e alunos eram bem próximas, agradáveis, e isso facilitava a aprendizagem, era nítida a preocupação dos professores em despertar a curiosidade e o senso crítico dos alunos.

02)Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Nas duas. Até o 6º ano em escola particular, Colégio Rio Branco e Logos respectivamente, e do 7º ano até o final do Ensino Médio, em escola pública, Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP.

03)Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Português, História, Artes, Teatro e Filosofia.

04)Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

Sim, do grêmio escolar.

05)Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?

Na escola particular, não me lembro. Mas no colégio público havia muitas crianças negras, mas ainda assim, bem menos que alunos brancos.

06)Professores negros? Quanto?

Sim, apenas um.

07)Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?

Não me lembro de situações discriminatórias nas escolas.

08)Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

História da colonização africana, do imperialismo e da descolonização. Mas esses temas estavam sempre atrelados à história e à cronologia dos fatos europeus.

### Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Sim, do movimento estudantil.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?

Sim, aproximadamente uns 5% dos alunos em graduação no instituto de filosofia e ciências humanas da Unicamp eram negros.

03) Professores negros? Quanto?

Sim, 1 professor.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Sim, faz parte do novo currículo de história ter disciplinas referentes à história da África.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Sim, para uma visão e formação geral de um historiador, competentes na área de educador e pesquisador, a faculdade forneceu ferramentas de excelência – bibliotecas, centros, arquivos e orientadores capacitados.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?

Sim, um tópico fornecido na Unicamp pela professora Maria Cristina Cortez Wissembach sobre História da África: Itinerários Estrangeiros Na África Ocidental (do século XV aos inícios do XIX). No meu currículo de formação do curso de História relativo ao ano de 2000 não tinha o curso de História da África como obrigatório.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?

Sim, conheço através das discussões acadêmicas de inclusão dessa disciplina no currículo pleno de graduação em história.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira? Qual?

Sim, fui na exposição do Ibirapuera intitulada de África e Africanias: Espíritos e Universos Cruzados, de José Guimarães no Museu Afro-Brasil em 2006 e na exposição da Fiesp em 2005.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Fui a um terreiro de candomblé em Campinas (Barão Geraldo), do Pai Mário. O fato de ser bem diferente de qualquer expressão religiosa que estou acostumada, achei bastante teatral e em

alguns momentos, até exagerado. Mas a energia e alegria dos irmãos que freqüentam aquele terreiro tornaram essa experiência muito marcante. Retornei outras vezes para fazer trabalhos, consultas e passes.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

O número é extenso e essa discussão perpassa a obra de quase todos os intelectuais do século XIX e XX. Atualmente existe uma produção muito grande e crítica tanto dentro da academia como nos movimentos sociais.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Necessárias na atualidade até mesmo porque foram criadas em um contexto emergencial. Deve-se planejar também o fim dessas políticas, para que elas não virem a única maneira de se incluir grupos étnicos. Acredito que políticas afirmativas devem ser acompanhadas de outras políticas sociais e inclusivas: educação, saúde, lazer, etc.

#### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Não.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Não uso livro didático.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais freqüência para abordar os assuntos das aulas?

Recursos de multimídia, filmes, revistas e jornais.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Tento buscar imagens produzidas em diferentes épocas e por diferentes autores. No Brasil temos acesso às imagens de viajantes europeus nos séculos XVIII e XIX que nos mostraram muito do cotidiano dos escravos nas cidades, nos trabalhos, etc. O século XX produziu muitas imagens da África com conotações de ajuda e denúncias. Tento refletir o quanto o olhar europeu é reproduzido nessas imagens e o quanto elas reduzem a cultura africana e afro-descendente, tornando-os apenas vítimas.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Não, pois como disse acima, quando a minha disciplina aborda o tema África, tenho à disposição grande número de documentação e fontes históricas com imagens de negros.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Meus esforços na educação é que esse olhar vá para além dos discursos prontos e das imagens dramáticas. A idéia é que eles entendam os processos históricos que levaram a ONU a criar

campanhas de salvação da África, o governo brasileiro a criar cotas para a inclusão de negros em universidades, etc. Busco passar para eles que a exclusão não se dá apenas na política, nos espaços institucionais de organização e reivindicação: ela ocorre na forma de encarar, reagir e avaliar práticas cotidianas, formas de lazer, modos de vida, símbolos, valores e crenças.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Acho importante o estudo dos movimentos históricos que acontecem em diversos lugares, ao mesmo tempo e que tem repercussões, principalmente quando o intuito da disciplina é também formar alunos cientes que o tempo e a história são construções humanas, contadas por homens e com várias versões. A possibilidade de fazer relações e comparações diacronicamente é o que se espera das aulas.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Provavelmente, afinal o colégio tem poucos alunos negros, o que torna a convivência muitas vezes conflituosa. A escola acaba reproduzindo o reflexo da marginalização dos negros em ambientes de elite, corroborando ainda mais para a distância social e cultural dos nossos alunos.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Em primeiro lugar, quebrar com todas as referências médicas e científicas produzidas ao longo do século XVIII e XIX e que ainda perduram hoje sobre a superioridade branca. Entender, que esse discurso que naturaliza as diferenças é construído e portanto, modificável. Em segundo lugar, trazer essa realidade que muitos alunos desconhece da marginalização, preconceito que muitos negros sofrem e fazê-los pensar sobre a responsabilidade na construção desse processo histórico.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Sem dúvida o processo que une os continentes: a colonização da África, o tráfico negreiro, o imperialismo e os desdobramentos da abolição e das independências dos países africanos.

Imagens utilizadas em sala de aula:

Imagens: Debret, Humboldt e Bonpland, viajantes europeus do século XIX que deixaram registrados em figurinhas e pinturas o cotidiano de cidades e da população urbana.

ENTREVISTA Nº 09  
12/04/2007

NOME: Ercy Yatsuda

IDADE: 57 anos                      SEXO: Feminino                      COR: Amarela

LOCAL DE NASCIMENTO: Igarapava, Estado de São Paulo.

ANO DA GRADUAÇÃO: 1976

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Faculdade de Belas Artes de São Paulo

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 33 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Colégio Renascença

BAIRRO: Santa Cecília

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Desenho Geométrico / Arte TEMPO

DE SERVIÇO: 25 anos.

TURMAS QUE TRABALHA: 8<sup>OS</sup> e 9<sup>OS</sup> Anos.

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 900 alunos

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não. Sou apenas simpatizante.

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Ser negro para mim é ter as seguintes características físicas: a pele escura, nariz dilatado, cabelo crespo.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO:

5%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

0%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?

10%

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar?

Lousa, giz e muita leitura, o que, aliás, foi fundamental para o nosso desenvolvimento intelectual. Os professores eram rígidos eu gostava muito disso.

02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Escola pública. Colégio e Escola Normal Estadual de Igarapava. Na cidade de Igarapava, Est. De São Paulo.

03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Desenho e Ciências Físicas e Biológicas, porque ambos os professores eram rigorosos, exigentes e capacitados.

04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

Lá não existia nada; e quando poderia começar a existir, veio o golpe de 64.

05) Na sua escola tinha alunos negros?

Muitos. Uns 40%.

06) Professores negros?

Sim. 20%.

07) Você percebia situações de discriminação na escola?

Não, porque no interior, em cidade muito pequena, nós fomos criados todos juntos; nunca soube o que era preconceito; essa palavra eu só conheci aqui em São Paulo, por volta de 1970, ano em que aqui cheguei.

De que tipo e vindas de quem?

Ah! Lembrei-me de um fato: na cidade onde eu estudava, Igarapava, havia uma família e nela, dois filhos: um mulato mais claro e outro, mulato mais escuro. O mais claro podia frequentar um clube que existia na época e, o mais escuro não podia!!! Agora que lembrei que estudei na cidade de Aramina até completar o primário (atual 4º ano do E.F.II). Depois, estudei em Igarapava que fica a 9 km de Aramina.

08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Religião, culinária... “coisas” africanas que vinham para o Brasil. Religião nas aulas de história e culinária, nas aulas de Trabalhos manuais.

Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Não.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros?

Sim.

03) Professores negros?

Só lembro de um.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Sim. Em História da Arte, vimos artistas plásticos brasileiros, como Aleijadinho, os do Barroco, Portinari.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Não muito, mas com a continuação – porque tudo começou quando eu ainda era pequena, dentro de casa - eu aprendi a “me virar”, a procurar, a pesquisar, portanto até hoje eu estou "procurando" o aprender.

O que faltou no seu curso?

Não digo que faltou, pois tudo na vida deve ter continuação, deve ser complementado, reciclado, desenvolvido, aprofundado...

Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira?

Quando?

Não.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sim. De uns anos para cá há a obrigatoriedade de se incluir o ensino da história e cultura afro-brasileira nos currículos do E.F. e do E.M. Mas eu nunca li ou vi o documento, sei pela mídia e pelos colegas de trabalho.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Sim. No Ibirapuera, no ano passado.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Sim. No Candomblé. Achei de uma riqueza ímpar. Mas foi para uma pesquisa. Sou católica e trabalho em uma escola judaica. Mas fiz um trabalho na pós-graduação sobre religião, então, fomos em dois tipos de terreiros: um deles considerado rico e outro, pobre, ambos localizados na região leste de São Paulo. Para um trabalho de sociologia.

O que concluiu?

Que os pobres tem menos vergonha do que os ricos, ou melhor, possuem mais orgulho de estarem ali do que os ricos.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim. História da Arte no Brasil, do Zanini, Arte no Brasil, da Abril Cultural; na verdade não há como falar da Arte no Brasil, sem falar da influência dos negros, como por exemplo, Aleijadinho e Di Cavalcanti.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Não concordo. Meu pensamento é a nivelção social; quando houver isso, por justiça, não haverá o porquê das cotas para os negros. Ter cotas para negros é instigar mais preconceito.

### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Não uso livros didáticos.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Não uso. Uso imagens da internet, na lousa smart. Trocando com os alunos as informações de análises, tanto na formal como na interpretativa.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

Lousa smart.

Como funciona essa lousa?

É uma lousa que funciona como um computador, aliás, é um computador. Você, por exemplo, pega uma imagem da internet, insere um dado que você já tem de um pen drive, de um disquete, da própria internet, e, com o dedo, leva os dizeres ou outras imagens para onde você quiser, sobre a imagem ou ao lado, muda a cor da escrita quando bem entender, pois basta dar um toque com o dedo sobre a cor que se quer... Se quer transformar a sua letra em tipos de letras que têm no computador, é só escolher o tipo de letra e tocar na tela, e assim por diante... Enfim, é uma lousa que simplifica, é interativa, há “n” recursos nela.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Via internet, na lousa smart. Porém, os temas africanos ou Afro-brasileiros propriamente ditos são temas dos 6os. e 7os anos, com outra professora. E para falar a verdade nunca me interessou muito abordar esse assunto.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens?

Não.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Que conheçam um pouco da história da arte, que passem a se interessar por museus, por exposições, através de imagens e teorias dentro da linha do tempo.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Antigamente era baseada na linha do tempo; hoje, é temática. Paralelamente é inserida no tempo, e o estudo a qual movimento artístico pertenceu, qual a origem e características desse movimento, quais os principais artistas, em quais países se propagou. Gosto de trabalhar as duas juntas.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

A coexistência é muito trabalhada na escola, portanto não há.

Mas vocês já fizeram algum trabalho que abordasse a cultura africana ou afro-brasileira? Especificamente, não.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Desenvolvemos trabalhos interdisciplinares de coexistência.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

A cultura negra e suas contribuições em todas as áreas, características da arte e folclore.

Imagens que trabalha na sala de aula:

Aleijadinho, Saci, do Monteiro Lobato, Portinari.

Livro didático referência: PROENÇA, Graça. Descobrimo a História da Arte. São Paulo: Ática, 2005.

ENTREVISTA Nº 10  
02/05/2007

NOME: Maria da Paz O. D'Orázio

IDADE: 49                      SEXO: Feminino                      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo

ANO DA GRADUAÇÃO: 1981

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Faculdade Belas Artes São Paulo

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 20 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: E.E. Rui Bloem

BAIRRO: Mirandópolis

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Arte

TEMPO DE SERVIÇO: 20 anos

TURMAS QUE TRABALHA: Ensino Médio/ Fundamental II/ Ensino de Jovens e Adultos.

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 1500.

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Um ser humano como outro qualquer, que ao longo da história teve a infelicidade de sofrer todas as formas de discriminação, desigualdades, desrespeito aos direitos humanos e outras práticas de intolerância.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO: No meu período há apenas um. No geral deve ser 15%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA? Na escolas que atualmente trabalho não há nenhuma.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 50%.

### No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Como já faz bastante tempo que cursei o ensino fundamental e médio, a metodologia era totalmente tradicional e a relação era distante.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Estudei no SESI, em algumas públicas e Ensino médio em escola privada em Santo André-São Paulo.
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
História e Literatura. Tinha curiosidade e gostava de conhecer a História de uma maneira geral e Literatura porque gosto muito de ler. Os livros sempre me atraíram.
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Apenas do grêmio escolar, mas não era muito atuante.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Com certeza tinha, mas em quantidade bem menor que a de brancos. Cerca de 15 à 20%.
- 06) Professores negros? Quanto?  
Me lembro especialmente de uma; a de História. Durante o restante do meu percurso escolar tive só mais uma professora negra.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Normalmente era de aluno para aluno. Algum tipo de agressão verbal, brincadeiras. Que eu me lembre a escola às vezes nem tomava conhecimento. Não lembro de nenhuma ação efetiva da direção.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Normalmente relativas ao folclore, que é riquíssimo e das danças e música. Além da contribuição do povo negro na formação da História do Brasil e da cultura. Como as comidas, o ritmo musical e a fala.

### Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Alguns poucos, não sei precisar quantos.

03) Professores negros? Quanto?

Uma professora.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Não especificamente, mas novamente na disciplina de Folclore, Música e na Literatura através de Castro Alves.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Creio que sim. Ele deu as informações necessárias para a prática escolar.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?

Tive algumas oficinas ótimas sobre a cultura africana, na diretoria Centro Sul, inclusive com uma convidada Africana que nos mostrou vários aspectos da sua cultura – No ano de 2005.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Como teve acesso?

Conheço a lei 10.639/2003 que instituiu a temática no currículo oficial. Tive acesso através das oficinas que visavam preparar professores nas áreas de Educação Artística, Literatura e História.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Qual?

Já visitei algumas vezes o Museu Afro Brasileiro – Ibirapuera.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Já fui e já vi a Lavagem da Escadaria do Bonfim na Bahia e oferendas para Iemanjá. É uma coisa muito forte e até bonita, mas não faz parte da minha cultura religiosa.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim. Navio Negreiro-Castro Alves, o pintor Arthur Timóteo da Costa, algumas obras de Portinari, várias manifestações e influências artísticas e em uma das oficinas tive oportunidade de conhecer um jornal chamado A VOZ DA RAÇA, de 1937 – IMPRENSA NEGRA – Estudo crítico de Clóvis Moura muito interessante publicado na época. Que revelava um Brasil desconhecido.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Na minha opinião os negros e afro-descendentes não deveriam necessitar dessas cotas, pois são pessoas tão capazes como qualquer outra, me parece uma outra forma de discriminação ter que garantir essa capacidade através de cotas. Porém, infelizmente sei também que o racismo e outras práticas de intolerância ainda existem entre nós e algumas políticas precisam existir para destruir a estrutura racista.

### Sobre a prática profissional

- 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?  
Não utilizo.
- 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?  
Como já disse, não uso.
- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais freqüência para abordar os assuntos das aulas?  
Vídeos e pranchas de Arte.
- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?  
De nenhuma maneira especial, apenas inserida no conteúdo.
- 05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?  
Não necessariamente, vai depender de como foi a sua utilização em aulas anteriores, se é compatível ao conteúdo e se está de acordo com a atividade desejada.
- 06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?  
Uma compreensão visual da teoria. Ilustrar o que foi dito.
- 07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?  
A escola define os conteúdos no plano pedagógico, eu apenas escolho as abordagens. Acho que deve ser diacrônico porque é mais fácil para o aluno compreender a evolução da história.
- 08) Existe preconceito ou discriminação na escola?  
Ainda existe. Principalmente entre alunos.
- 09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?  
Nas aulas não sei, mas tento mostrar através do exemplo e de condutas corretas.
- 10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

A cultura negra brasileira e o negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

Imagens que utiliza na sala de aula:

Lasar Segall utilizou-se de várias imagens de negros, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, o artista NAIF Crisaldo Morais, mostra em algumas de suas obras a religiosidade da cultura negra, entre outros, e sempre que possível eu as utilizo nas minhas aulas.

Livro didático referência:

HADDAD, Denise Akel. MORBIN, Dulce Gonçalves. A Arte de Fazer Arte. Obra em 4 volumes – 2 edição. São Paulo: Saraiva, 2004.

PROENÇA, Graça. Descobrindo a História da Arte. São Paulo: Ática, 2005.

ENTREVISTA Nº 11  
03/05/2007

NOME: Claudia dos Santos Codognato  
IDADE: 36                      SEXO: Feminino                      COR: Branca  
LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo  
ANO DA GRADUAÇÃO: 1990  
INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Faculdade de Belas Artes de SP  
LOCAL: São Paulo  
TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 18 anos  
NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: EMEF Castro Alves  
BAIRRO: Jardim Elisa Maria  
COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Arte  
TEMPO DE SERVIÇO: 18 anos  
TURMAS QUE TRABALHA: 5ª à 8ª séries  
QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 600.  
PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não.

**O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?**

Uma pessoa igual a todos a princípio, mas que por conta de alguns conceitos e preconceitos sofrem algum tipo de discriminação.

**A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:**

**QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA**

**INSTITUIÇÃO:** Porcentagem não sei, mas tenho colegas muito queridos, uns dez, acho, pois não fico atento nisto como base para nada.

**QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM**

**FUNÇÕES DE CHEFIA?** Conheço vários diretores de escola que são negros. Mas na minha escola não tem.

**QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES**

**DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?** Infelizmente é bem maior esta porcentagem. Acho que 80%.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?

Aulas expositivas. Relacionamento bem informal. Os professores falavam e nós perguntávamos quando tínhamos dúvida, era muito bom.

02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Pública, EETAL, em São Paulo.

03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

História, Português e Arte, devido aos conteúdos e aos professores.

04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

Não.

05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?

Sim, muitos e grandes amigos meus. Acho que 40%.

06) Professores negros? Quanto?

Me lembro de dois e ótimos professores.

07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?

Percebia que alguns de meus colegas negros eram mais carentes, mas não me lembro de algo discriminatório, pois na verdade estávamos todos no mesmo barco.

08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Nada. Nunca estudei na escola esses temas.

Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Não.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?

Poucos. Muito menos que na escola básica.

03) Professores negros? Quanto?

Não tive professores negros na faculdade.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Nada, nem em História da Arte.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Em alguns pontos sim, em outros deixou a desejar, mas corri atrás do que achava importante.

#### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira?

Quando?

Não. Somente vi trabalhos de colegas na escola que fizeram capacitação.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?

Não conheço.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Qual?

Sim, se não me engano Centro Cultural do Banco do Brasil.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Não, mas respeito toda forma de manifestação religiosa.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referenciadas nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim, mas terei que pesquisar... Ou melhor, conheço mas não me lembro no momento.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Acho meio polêmica, mas enquanto o ensino público não estiver de acordo com as exigências para um vestibular concorrido ou enquanto o vestibular tiver este formato, acho justo, mas deveria haver uma maneira de cercar também jovens de baixa renda independente da cor.

#### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Não utilizo.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Já respondi.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

Gravuras e reproduções que eu mesmo adquiro. Exercícios para treinamento, cópias de quadros, releituras, discussões de textos.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

As que tiverem ao meu alcance ou que eu tenha como material pessoal.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Tenho um bom repertório de gravuras, mas em algum momento serão repetitivas. Por enquanto só me utilizo delas.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Outras realidades, culturas, momentos. Vejam coisas novas.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Sim. Acho o mais correto.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Trabalho em uma escola bem periférica e todos são discriminados por sua classe social, aparência e outros, pela sociedade e não na escola. Mas dentro da escola nunca vi discriminação por cor ou qualquer outro tipo de diferença.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Se percebo algo ou se surge alguma notícia, discutimos com os alunos, que relatam seus problemas como serem parados por policiais, olhados de lado quando entram em alguma loja etc, tudo é conversado, debatido, mas é pouco pelo que sofrem.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Não possuo conhecimentos profundos sobre o assunto, mas uso em sala suas pinturas, máscaras, esculturas, muitas lendas do folclore e mitos.

Imagens que utiliza na sala de aula:

Não sei. Nunca trabalhei especificamente sobre esse assunto.

Livro didático referência:

BRIOSCHI, Gabriela. Arte hoje. Obra em 4 volumes. São Paulo: FTD, 2003.

ENTREVISTA N. 12  
06/05/2007

NOME: Sérgio Luiz da Cunha

IDADE: 36                      SEXO: Masculino                      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Camanducaia/MG

ANO DA GRADUAÇÃO: 1993

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Faculdade Mozarteum de São Paulo

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 18 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: E. E. Luiz Simonato

BAIRRO: Jd. Luciana - Franco da Rocha/SP

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Arte

TEMPO DE SERVIÇO: 18 anos

TURMAS QUE TRABALHA: 8ª séries, Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 1.400

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Sim, ONG – CDH Brasil

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

É ser gente, ser humano como qualquer um outro. A única diferença são as características físicas, como cabelo, nariz, cor da pele.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO: 10%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA? 0%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 20%.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Éramos apenas ouvintes, o professor detinha o saber, as aulas eram expositivas, sem relação com o dia a dia. A relação com o professor era fria e distante.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Sempre estudei em escola pública. Da 1ª série a 8ª série estudei na Escola Estadual Alfredo Weiszflog e fiz o magistério na E. E. Walther Weiszflog, ambas em Caieiras.
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Gostava das aulas da área de humans, pois sempre tive dificuldades nas exatas.
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Sempre estive envolvido em atividades extra-classe, no meu tempo havia o centro cívico e sempre participava de eventos e manifestações.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, mas muito poucos.
- 06) Professores negros? Quanto?  
Só tive uma professora negra na primeira série, depois um de Língua Portuguesa no magistério e uma professora no final desse curso.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Nunca percebi discriminação racial, mas havia muito a discriminação por gênero, que a escola tratava como se não fosse problema dela.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Só estudei sobre a vinda dos escravos para o trabalho, e também o poema Navio Negreiro de Castro Alves, mas foram atividades isoladas e no sistema da “decoreba”.

### Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, na minha classe tinham dois, e mais alguns nas outras salas, mas não sei precisar quantos.
- 03) Professores negros? Quanto?

Nenhum.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Não.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Não. Os conteúdos eram tratados de forma superficial e expositiva, não havia prática de atelier, e o professor é que detinha o saber.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?

Sim, na Estação Ciência, na Superintendência de Educação de Francisco Morato, e também no Museu Afro-Brasil.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Como teve acesso?

Não conheço, sei que há a lei, mas não li o documento.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Qual?

Sim, tenho visitado com frequência o Museu AfroBrasil.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Sim, Candomblé e Umbanda, no início fiquei com medo, mas achei muito rico, cheio de conhecimento e tradição.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim, como dou aulas de arte, há nos últimos anos, muitos materiais, textos, artigos, imagens e artistas. Como os catálogos do Museu AfroBrasil e a obra de Portinari, Di Cavalcanti e muitos outros.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Não tenho uma opinião muito formada sobre esse assunto, mas fico me questionando: Será que é necessário cotas? Elas não reafirmam o preconceito?

### Sobre a prática profissional

- 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?  
Não utilizo.
- 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?  
Não uso.
- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?  
Trabalho muito com imagens (retroprojeter, power point, reproduções) e também com música (audição).
- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?  
Não tenho um projeto específico de trabalho com a cultura afro-brasileira, portanto não seleciono. A única coisa que tenho trabalhado com frequência são as máscaras africanas.
- 05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?  
Geralmente sim, porque como a escola não tem recursos, são as que já tenho em transparência.
- 06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?  
Que tenham um olhar mais apurado, sensível e crítico. Que esses exercícios de olhar, apreciar as imagens reflitam em sua leitura de mundo.
- 07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?  
Faço um diagnóstico inicial da classe e vou relacionando temas de interesse dos alunos e a partir disso vou trabalhando os conteúdos de arte, não acredito que haja necessidade de trabalho diacrônico.
- 08) Existe preconceito ou discriminação na escola?  
Sim, quanto as questões raciais, de gênero, etc...
- 09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?  
Sempre abro debates a esse respeito e me coloco como agente que também sofre preconceito devido a questão do gênero, nunca deixo passar em branco.
- 10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?  
Acho que assim como a cultura européia, os alunos devem ter acesso e conhecimento de toda a cultura afro.

Imagens utilizadas em sala de aula:

Mestre Didi, Barroco Brasileiro, material da Mostra Brasil+500, materiais didáticos do Museu AfroBrasil.

Livro didático referência:

PROENÇA, Graça. Descobrimo a História da Arte. São Paulo: Ática, 2005.

PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Ática. Edição. Ano.

ENTREVISTA Nº 13  
15/05/2007

NOME: Eduardo Costa

IDADE: 40                      SEXO: Masculino                      COR: Negra

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo

ANO DA GRADUAÇÃO: Estou cursando o 2º ano de letras.

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Uniban.

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 03 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Centro de Ensino São José- Unidade II

BAIRRO: Jardim Bonfiglioli

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Arte.

TEMPO DE SERVIÇO: 03 anos

TURMAS QUE TRABALHA: Fundamental II

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 400.

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não participo.

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

É ser descendente de povos da África e que possuem características físicas próprias.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO: 10%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA? 10%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 50% são negros e 50% são afro-descendentes.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 1) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
As estratégias eram as mais comuns, porém os professores eram bastante competentes. Havia um interesse em orientar e avaliar os alunos. E a relação era muito boa, de amizade.
- 2) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Escola pública, a Escola estadual César Martinez, na zona Sul.
- 3) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Educação artística e língua portuguesa. Gostava de desenhar e escrever.
- 4) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Não gosto de levantar bandeiras.
- 5) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Sim. Uns 40%.
- 6) Professores negros? Quanto?  
Não tinha nenhum.
- 7) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Nunca vi situações de discriminação na escola.  
E com você?  
Nada demais. Brincadeiras inocentes. Preconceito sofri fora da escola.
- 8) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Aqueles que são estudados até hoje, como a escravidão e o tráfico negreiro, vistos sempre pela ótica das normas tradicionais: Acoite, tronco, e muito sofrimento.

#### Durante a sua formação universitária

- 1) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 2) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Muitos, uns 40%.
- 3) Professores negros? Quanto?  
Uns 20%.
- 4) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Não.

- 5) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos?  
Por quê?

Eu ainda não terminei o curso, ele tem duração de três anos apenas. O tempo é relativamente curto para outras abordagens.

### Sobre formação paralela ou continuada

- 1) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira?  
Quando?

Não.

- 2) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?

Vi na mídia e na Internet. Mas não li tudo.

- 3) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?  
Qual?

Sim. No Museu Afrobrasileiro, numa exposição na galeria do Conjunto Nacional, e outra no Espaço cultural Nossa caixa.

- 4) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Sim. No Candomblé. Não achei nada demais.

- 5) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim. Castro Alves, Machado de Assis, Aleijadinho.

- 6) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Não concordo com nenhuma delas em se tratando de um país como o Brasil que possui características miscigenadas. Todas as leis devem ver as pessoas como iguais e não com privilégios.

### Sobre a prática profissional

- 1) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Não utilizo.

- 2) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Não uso muito, mas deve ser de acordo com o contexto, ou a idéia que se quer trabalhar.

- 3) Exceção o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?  
Imagens e músicas. Imagens que busco ou que tenho.
- 4) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?  
Também de acordo com o contexto e a necessidade de imagens. Mas nunca trabalhei especificamente com esse tema.
- 5) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?  
Depende da ocasião como já expliquei.
- 6) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?  
Ampliar o campo cognitivo sobre o assunto, trazer um recurso diferente, provocar o senso crítico.
- 7) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?  
Sim, sempre. Utilizo os critérios da escola para separar os conteúdos.
- 8) Existe preconceito ou discriminação na escola?  
Até onde percebo, não.
- 9) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?  
Sempre trazendo à tona qualquer comentário de conotação racista ou preconceituosa. Não deixo passar nada.  
Então, já presenciou algo.  
Já, mas foram coisas tão pequenas que nem merecem ser ditas.
- 10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?  
O lado que não é contado nos livros didáticos, ou seja, quem eram e como viviam os negros antes de cruzarem o oceano. E como eram feitas as negociações, muitas feitas pelos próprios negros de tribos rivais, coisa que poucos falam.

Imagens utilizadas em sala de aula:

Personalidades políticas nacionais e internacionais, artistas e cidadãos comuns.

ENTREVISTA Nº 14  
26/05/2007

NOME: Gláucia Rodrigues Inácio

IDADE: 33                      SEXO: feminino                      COR: Negra

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo

ANO DA GRADUAÇÃO: 2003

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Universidade São Francisco

LOCAL: Itatiba - SP

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 12 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Escola Estadual República do Panamá

BAIRRO: Polvilho – Cajamar - SP

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Arte

TEMPO DE SERVIÇO: 10 anos

TURMAS QUE TRABALHA: EJA – Arte (5ª a 8ª séries)

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 428

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? não

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Um ser humano como qualquer outro, sem distinção. Excetuando os traços físicos.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO: 10%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES  
DE CHEFIA? 0%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES  
DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 5%

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
O professor falava e os alunos ouviam, a relação professor aluno era boa.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Pública, EE Suzana Dias em Cajamar – SP
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Arte, eram aulas mais participativas e dinâmicas.
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Não.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, cerca de 30%.
- 06) Professores negros? Quanto?  
Sim, tive dois professores negros.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Sim, racial, xingamentos, que era vinda dos alunos. A escola não resolvia, ou melhor, não intervia.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Não lembro. Acho que só foi os escravos.

#### Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, 30%.
- 03) Professores negros? Quanto?  
Não tive professores negros na faculdade.
- 04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?  
Não.
- 05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Em parte, poderia ser mais voltado à prática da sala de aula. Mas gostei do curso.

### Sobre formação paralela ou continuada

- 01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Não.
- 02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?  
Não conheço.
- 03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira? Qual?  
Sim, no Museu Afro Brasil.
- 04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?  
Não. Nunca fui.
- 05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?  
Não tenho conhecimento.
- 06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).  
Discordo, pois dá a impressão que o negro é incapaz de conseguir por próprios méritos de conhecimento atingir seus objetivos.

### Sobre a prática profissional

- 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?  
Não. Utilizo como referência alguns, mas os alunos não possuem livro de Arte.
- 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?  
Através de leitura, análise, debate.
- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?  
Vídeo, DVDs, transparências, músicas...
- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?  
Não seleciono porque não trabalho o tema.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Não utilizo imagens africanas. Nos outros assuntos mostro as do livro ou o material que tem na escola.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Ler outros textos. Ver que a imagem também traz conteúdo e informação.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Sigo os PCNs, acho que o ensino deve partir daquilo que o aluno conhece.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Não percebo nada de anormal.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Através de conversas e sensibilização.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Não sei dizer. Talvez o folclore.

Imagens utilizadas em sala de aula:

Não utilizo.

Livro didático referência:

HADDAD, Denise Akel. MORBIN, Dulce Gonçalves. A Arte de Fazer Arte. Obra em 4 volumes – 2 edição. São Paulo: Saraiva, 2004.

PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Ática. Edição. 2004.

ENTREVISTA Nº 15  
26/05/2007

NOME: Cibele Regina de Carvalho

IDADE: 30 anos      SEXO: Feminino      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo

ANO DA GRADUAÇÃO: 1999

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Faculdade de Filosofia e Letras de Tatuí -SP

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 10 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: EE Professora Lygia de Azevedo  
Souza e Sá

BAIRRO: São Judas

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Arte

TEMPO DE SERVIÇO: 10 anos

TURMAS QUE TRABALHA: 5ª, 6ª, 1º E 2º anos do Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 1.000 alunos.

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não.

**O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?**

Nunca pensei sobre isso, e sinceramente, acho uma pergunta meio estranha, mas já que você a fez, me lembrei de uma conversa com uma colega professora há um tempo atrás. Nunca pensei em como é ser negro, para mim seria como ser qualquer pessoa, eu você

Tanto faz a cor... Aí estávamos conversando sobre preconceito na escola e uma professora me disse: É porque você nunca passou por, se nós duas formos ao shopping juntas você verá, primeiro o vendedor vem atender você, porque nem pensa que eu estando com você compraria algo em seu lugar. Outra história que ela me falou e eu fiquei chocada é que nunca um vendedor tinha calçado os sapatos nos pés dela, sempre trouxeram a caixa e deixaram que ela os vestisse. Não tem importância nenhuma alguém calçar meus sapatos ou não pra mim, não dou a mínima, mas deixar de calçá-los por causa da cor da minha pele me faria, imagino, sentir-me muito mal.

**A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:**

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO:

Na ponta do lápis não sei, mas deve ser uns 30%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

Considerando que a escola tem três pessoas nessas condições e uma delas é afro-descendente, então deve ser cerca de 33%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?

São pouquíssimos funcionários na escola, mas eu diria que deve ser 50%.

#### No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar?

As aulas eram monótonas e na maioria das vezes, bem tradicionais: textos na lousa, cópia, leitura, exercícios e memorização. Se o aluno fosse bom em decorar, ótimo! Sorte que sempre fui, então estava feito. Os professores ficavam na “deles”, não davam muita “trela” pra aluno.

02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Fiz todo o curso de Educação Básica em Escola Estadual, em Itapeva, interior de São Paulo.

03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Não era apaixonada por nada em especial, mas gostava de matemática, acho que porque eram as aulas que mais me desafiavam e de Arte, é claro.

04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

Nunca participei. E nunca tive vontade de participar.

05) Na sua escola tinha alunos negros?

Poucos. Em Itapeva, cidade onde cresci, não há muitos negros. Acho que a proporção é menor que em São Paulo, por exemplo. Mas tinha sim, em quase todas as classes que estudei. Faz tempo! Você está me fazendo fazer um “puta” exercício de memória!

06) Professores negros?

Sinceramente, não me lembro.

07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem?

Sim, mas em vários sentidos, não só contra negros. Pobres sempre são discriminados, independente da cor da pele. Mas não lembro nada em especial.

08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Que eu me lembre, nada específico, talvez algo sobre capoeira e culinária, alguns ritos... Mas não me lembro de nada em especial.

### Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Não.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros?

Tinha. Cerca de 20%.

03) Professores negros?

Poucos. Ou melhor, um.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Que eu me lembre: folclore. Sobre outros assuntos da cultura afro não teve nada.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Não. Meu curso de graduação deixou bastante a desejar, o conteúdo não era nenhum um pouco aprofundado, mas na época, eu nem tinha como fazer essa avaliação. Por que achava tudo ótimo. Só hoje é que reavalio e vejo que foi ruim.

### Sobre formação paralela ou continuada

- 01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Nunca realizei.
- 02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?  
Sei que existem, mas nunca li, nem vi.
- 03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?  
Já fui em exposições onde o tema era abordado, mas especificamente sobre ele, não. Não conheço o museu afro-brasileiro no Ibirapuera, acredita? Um dia eu vou!
- 04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?  
Não, não tenho interesse em ir a cultos, seja lá qual for a origem, mas talvez seja uma experiência interessante mesmo.
- 05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referenciadas nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?  
Nada específico, pode me indicar algum material bom?  
Posso! No final da entrevista poderemos conversar sobre isso.
- 06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).  
Aff, que pergunta difícil. Infelizmente, diante da desigualdade social gritante em nosso país, no momento, sou a favor do sistema de cotas – mas até o nome é horrível – inclusive para estudantes oriundos da rede pública, independente da cor ou raça. Mas todos sabemos que isso não seria o ideal, que o ideal seria que todos tivessem as mesmas chances. Quem sabe um dia?

### Sobre a prática profissional

- 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?  
Em algumas salas eu uso. Eu os escolho, mas é só para professor, os alunos não têm.
- 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?  
Algumas imagens eu utilizo como referência, quando são reproduções de obras de arte. Geralmente, os grandes clássicos ou arte moderna. Mas em transparência ou reproduções grandes.
- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?  
Pranchas de reprodução de obras de arte e filmes.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Nunca trabalhei arte africana ou afro-brasileira, então não posso responder essa pergunta.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens?

A mesma resposta da anterior. Os clássicos sim, justamente por serem clássicos. Todos devem conhecer.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Quero que os alunos aprendam a ver e apreciar as imagens de maneira menos estereotipada e mais reflexiva.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Não acho fundamental que se siga uma linha do tempo. Depende de cada série, de cada professor e cada turma, o importante é contextualizar. Eu prefiro, sempre, contextualizar e aguçar o senso crítico.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Em toda escola existe, é como na sociedade. E quem disser que não existe, ou está mentindo ou é cego. Discrimina-se o pobre, o negro, a bonitinha, o homossexual, o “nerd”. Os adolescentes, mas não só eles, não perdoam mesmo...

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Hum, que perguntinha.... sinceramente, acho importante o professor sempre procurar fazer o aluno pensar. Todo ser humano pensa, é claro, mas digo refletir. Refletir sobre arte, sobre o sistema, sobre a história, se eu estiver conseguindo fazer meus alunos pensarem sobre isso tudo já estará ótimo. Quem pensa e reflete não perde tempo com discriminações, certo? Por exemplo, sei que é fundamental e muito importante trabalhos como o seu, que querem refletir sobre a questão do negro na educação. Mas eu sou sonhadora, acho... Não deveríamos, em pleno século XXI, falar em questão do negro, do homossexual, do nordestino.... Isso já deveria ter sido superado faz tempo, mas tenho certeza que você concorda comigo. Por isso mesmo o seu trabalho, né? Parabéns pela iniciativa.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Vou sair pela tangente: você deve saber muito melhor que eu...

A questão não é saber quem sabe menos ou mais, e sim, a sua opinião. Quais temas acha importante? Ou então, o que gostaria de saber sobre o assunto?

Talvez um pouco mais sobre como eles viviam no período da escravidão, as contribuições culturais e de como era a arte deles, se ela ainda é igual. Essas coisas!

Livro didático referência:

PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Ática. Edição. 2003.

BRIOSCHI, Gabriela. Arte hoje. Obra em 4 volumes. São Paulo: FTD, 2003.

ENTREVISTA Nº 16  
03/06/2007

NOME: Dário Luiz Martins

IDADE: 31 SEXO: Masculino COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo/SP

ANO DA GRADUAÇÃO: 1996

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Universidade de Mogi das Cruzes

LOCAL: Mogi das Cruzes

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 06 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Liceu Camilo Castelo Branco

BAIRRO: Itaquera

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Arte e Profissionalizante em  
Publicidade

TEMPO DE SERVIÇO: 03 anos

TURMAS QUE TRABALHA: Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 600

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não.

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Ser negro é estar em constante luta para provar que é capaz, que é igual. É sofrer preconceito e muitas vezes se calar. É batalhar o dobro das pessoas brancas para chegar a algum lugar, para obter respeito.

Mas como você identifica uma pessoa negra?

Pela cor, pele, traços físicos.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:  
QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO:

Uns 10%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

Nenhuma.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?

Quase todos, 80%.

### No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01)Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar?

Educação centrada no professor, os alunos não podiam opinar sobre qualquer aspecto do ensino, até porque não possuíam conhecimento e habilidades para tanto.

02)Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Pública, E.E. Profª Ernestina Del Buono Trama, em Guaianazes, São Paulo.

03)Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Psicologia. A professora sempre retratava fatos do dia-a-dia e fazia a conexão com os conteúdos aplicados.

04)Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

Não.

05)Na sua escola tinha alunos negros?

Sim, cerca de 60%.

06)Professores negros?

Poucos, não lembro a quantidade.

07)Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem?

Sim, principalmente dos colegas que caçoavam da situação de pobreza dos alunos negros; também de alguns professores que davam menor atenção aos alunos negros e pobres.

08)Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Apenas a história dos livros, escravidão, África (tribos, cultura...).

### Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Não.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros?

Sim, uns 30%.

03) Professores negros?

Não.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Não. Mas depois, na licenciatura, sim. Eu fiz a graduação e só depois de quatro anos é que fiz licenciatura para dar aula de arte, aí no curso teve uma disciplina sobre Cultura Afro, mas a professora não sabia nada, ficamos só lendo o caderno da lei do governo.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Não, na graduação tive uma disciplina que era denominada “Cultura Brasileira”, onde o professor proliferou a idéia de preconceito racial através de seu discurso; não despertou o questionamento de questões importantes relacionadas ao preconceito e discriminação, a imagem que a mídia faz do negro, etc; no Brasil estudado, tudo era perfeito: mulheres, carnaval, futebol... e tudo estava em seu devido lugar.

#### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira?

Quando?

Sim, no curso de Formação de Professores, tivemos uma disciplina sobre cultura africana e afro-brasileira.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sim.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Sim. No Museu AfroBrasil.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Nunca fui. Mas acho pelo que vi em documentários é muito interessante.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim. Tem livros como “O cinema brasileiro e o negro”, de João Carlos Rodrigues; “Cor, profissão e mobilidade, o negro e o rádio de São Paulo” de João Baptista Borges; “O que é negritude?” De Zila Bernard, entre outros.

Com relação à comunicação, mídia, marketing e propaganda, vários artigos recentes publicados nas revistas do ramo. Na Arte vários artistas desde o século passado. A arte brasileira teve muita influencia negra.

06)Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

A política de cotas é positiva, pois dá oportunidade de igualdade àqueles que mais necessitam. Mas deve ser mais bem explicada na mídia e na escola para que todos compreendam e não achem que é preconceituosa.

### Sobre a prática profissional

01)Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Não.

02)Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Não trabalho com livros didáticos.

03)Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais freqüência para abordar os assuntos das aulas?

Computador, projetor multimídia, rádio e televisão/DVD.

04)Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Seleciono as imagens que trarão à tona discussões e reflexão sobre o tema que quero abordar. Geralmente da mídia ou da história da arte, depende do tema e da época. Às vezes, pego uma obra artística e uma jornalística para ver as diferenças e o tratamento.

05)Utiliza sempre as mesmas imagens?

Não. Mudo bastante.

06)O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Pretendo despertar nos alunos a conscientização e o senso crítico.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Par abordar os temas, levo em consideração a informação que a turma já possui, para tanto é necessário fazer avaliações diagnósticas, onde os objetivos pedagógicos façam sentido. Procuro abordar temas atuais, e desenvolvo o trabalho de acordo com a maturidade dos alunos.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Sim. Entre os alunos, entre professores e alunos, porque na sala de professores rola de tudo, e sempre surgem brincadeiras em relação aos alunos. O mesmo do lado deles. Mas grave mesmo, nunca vi.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Toda ação discriminatória que identifico, seja de qualquer natureza, busco temas que provoquem discussão e debate para que os alunos percebam que a ignorância é a principal causa desse mal.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

O conhecimento da cultura africana e afro-brasileira; suas influências sociais; os paradigmas; o preconceito; a discriminação; a imagem do negro na mídia; a participação do negro na cultura brasileira, na música, nas artes, na ciência; religião.

Já abordou ou conhece algum artista ou intelectual africano? E que possa utilizar nas suas aulas?

Não.

Imagens que trabalha na sala de aula:

Propagandas do Mcdonald's; Sabonetes Dove; Obras do Portinari; Imagens de jornais.

Livro didático referência:

PROENÇA, Graça. Descobrindo a História da Arte. São Paulo: Ática, 2005.

ENTREVISTA Nº 17  
28/03/2007

NOME: Nídia de Camargo Ribeiro

IDADE: 51                      SEXO: Feminino      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Niterói/RJ

ANO DA GRADUAÇÃO: 1975

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: UNISA - Universidade Santo Amaro

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 25 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: EMEF Euclides de Oliveira Figueiredo

BAIRRO: Vila São Francisco

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Língua Portuguesa

TEMPO DE SERVIÇO NESSA ESCOLA: 01 ano

TURMAS QUE TRABALHA: 5ª/6ª/8ª séries

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 1.200

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não

### O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

O que é ser negro pra mim? Bom... Eu acho que todos nós os brasileiros... Ser negro não é só a cor. Pra mim é ter um antepassado negro. Se for só pelos traços... Bem, a minha mãe era italiana, mas o meu pai era negro. Então, eu tenho no sangue... E, a pigmentação... A minha irmã, por exemplo, ela tem um cabelo mais enrolado, quando ela toma sol ela fica bronzeada rapidamente. Mas, eu puxei mais pelo lado da minha mãe. Eu acho que é ter algumas características, como a pele, o cabelo. É isso?

Você é branca, ou é negra?

Eu sou branca.

E a sua irmã?

Ah! Ela é morena, mas é branca.

É que você disse, que ser negro é ter um antepassado negro.

Mas, nós não temos características negras. Minha irmã até tem algumas, mas ela não é negra.

(Pausa) Ta muito difícil!

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO :

Tem professores negros. Uns 10%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

Nenhuma. Ou melhor, zero.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?

Daí tem mais, uns 50%.

#### No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01)Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar?

Na verdade você não podia perguntar nada para o professor, questionar. O professor estava acima de tudo, inquestionável. Inclusive, eu tenho pavor da língua inglesa. Eu fiz inglês. Mas a professora não permitia que você pergunta nada. E chamada oral todo dia. O aluno não podia conversar com o professor. Não é como o relacionamento que temos hoje. Tinha que respeitá-lo e só ouvir.

02)Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Eu estudei em escola pública. No Costa Amanso, que era considerada uma das grandes escolas da Vila Olímpia, quem estudava lá era a classe média alta. Até tinha alunos que eram buscados por chofer. Quem não tinha condições, quase não conseguia entrar nessa escola. Era considerada de bom nível. Os laboratórios eram excelentes, era uma escola estadual, mas, quem estudava era a elite.

03)Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Eu adorava história. A professora de história viajava muito, então eu me lembro que ela passava slides mostrando as viagens que ela fez pelo mundo todo. Ela sempre tinha alguma foto pra fazer relação com algum assunto que estávamos vendo. Fazia uma relação com o passado, e mostrando como está atualmente. E isso me marcou... Não sei porque não fiz história.

04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Participava. Nós fazíamos muita coisa na época com o grêmio.

05) Na sua escola tinha alunos negros?  
Tinha, mas pouquíssimos.

06) Professores negros?  
Não me lembro de nenhum professor negro.

07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem?

Tinha sim. Eu tinha amizade com uma menina que era negra, mas as outras meninas não a tratavam muito bem. E eu presenciei uma discriminação que me marca até hoje... Um dia eu levei essa menina pra casa, eu morava com a minha avô, porque os meus pais moravam no Rio, e a minha avô não gostou. Ela era italiana, então ela disse que eu não devia... me perguntou por que eu trouxe uma negrinha... E eu fiquei magoada porque tinha muita amizade com essa menina. Isso é uma coisa que eu não esqueço.

08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Eu não me lembro de ter estudado algo disso, e se estudei não lembro.

### Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Durante a faculdade não, porque já estava trabalhando. E na minha sala o pessoal não era muito ligado, não se manifestavam nem contra os aumentos da mensalidade. Eles eram apáticos, então eu acabei não lutando por nada nessa época.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros?  
Tinha sim. Não me lembro de porcentagem, mas tinha uns dois ou três.

03) Professores negros?  
Nenhum.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?  
Não. Vi um pouquinho quando fiz um curso de literatura infantil na USP, e a professora mostrou alguma coisa.

O quê?

Umás histórias... Folclore. Mas na faculdade não vi nada.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Olha, eu tive bons professores... Eram todos da USP. Mas, quando comecei a dar aula, eu vi que tinha feito um curso pra trabalhar com alunos, mas eu não me sentia preparada. Eu bati muito no começo, tive que retomar muita coisa.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando? Fiz o ano passado numa escola da prefeitura. Tivemos aula com o orientador que fez mestrado nessa área na USP. Então a gente estudou textos, discutimos e depois fizemos um trabalho com os alunos.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sei que nós fomos obrigados a estudar porque tem agora uma lei... Todas as escolas públicas ou particulares devem estudar a cultura afro. Saiu no Diário Oficial, acho que foi no ano retrasado.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Fui ao Museu Afro. Primeiro uma visita só com educadores e depois levamos os alunos.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Não, nunca fui.

Como acha que é?

Ah, não sei! Pelas coisas que leio... Acho que as pessoas confundem um pouco... Porque tem uma questão mais... Da dança, capoeira. Apresentação de capoeira eu já fui, mas, religioso que as pessoas comentam que recebem guias, nunca fui e também não acredito.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referenciadas nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Em literatura? (pensa) Tem... Tem alguns textos que você acaba fazendo... Por exemplo, Macunaíma, a gente faz uma relação com a cultura, o folclore, que faz uma miscelânea do branco com o negro, índio. Acho que é um bom exemplo.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Eu até já discuti isso com os alunos. Na verdade quando você coloca cotas, você está discriminando. Um exemplo: a minha filha, ficou revoltada porque uma pessoa negra vai entrar na faculdade porque tem essa cota. Não é bem isso, se ela conseguiu entrar foi pela capacidade, por que é capaz, mas as pessoas enxergam de outra forma. Aham que a pessoa negra está ali porque tem essa cota. Não sei se seria esse o jeito certo. Deveria ter uma cota para as pessoas mais pobres, aí entrariam os negros, os brancos, sem discriminação.

### Sobre a prática profissional

#### 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

O livro didático quando eu cheguei já estava ali. Não o escolhi, mas eu também não fico muito presa ao livro didático, gosto de trabalhar com outros textos. Trabalho com a professora da sala de leitura, então a professora trabalha muito com livros do folclore, paradidáticos. Então, a gente trabalha em conjunto.

#### 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Eu costumo trabalhar assim, o que é linguagem verbal e o que é linguagem não verbal. Então, quando aparece uma imagem eu peço para eles entenderem o que essa imagem está passando. Outro dia mesmo, tinha uma imagem de uma família de um quadro, acho que era do Portinari, e nós fomos fazendo a interpretação. Teve um aluno que perguntou: A senhora disse que nós iríamos fazer uma interpretação de texto, mas, só estamos analisando a imagem. Mas depois eles foram percebendo através daquela imagem que a família era numerosa, que era do campo porque um estava com uma enxada, estavam segurando um pedaço de pau. E foram analisando o texto, a imagem, e eles foram percebendo que as perguntas que eu fazia para a imagem seriam as mesmas se fosse para um texto. Então, eu sempre procuro trabalhar, imagens, charges. Quando o texto tem imagem, eu trabalho primeiro a imagem depois o texto. Teve uma imagem de um casal no banco, com o mar no fundo, eles já entendem que era um casal de namorados, e depois, o poema falava desse assunto. Fizeram a ligação que o tema era o mesmo.

#### 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

Eu gosto de levar jornais e revistas para a sala de aula. Nós não temos muitos recursos. Essa escola até que tem uma sala de vídeo, então, programamos filmes de vez em quando. Fazemos um trabalho com história, geografia, livros paradidáticos. Procuramos sempre trabalhar com paradidáticos.

#### 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Eu posso te falar sobre o trabalho que fizemos no ano passado. A nossa intenção era de valorizar. Pegamos imagens de pessoas que valorizam a sua estética negra, tipo aquele cabelo que não é alisado, é enrolado, mas bem cuidado. Mesmo as negras mais velhas, gordas... pra eles valorizarem a raça, a cor, os seus traços. Não ter vergonha do tipo de nariz. Fizemos um trabalho assim, de valorizar a imagem. Não querer mudar tanto. De querer alisar, ficar parecido com o branco, mas, valorizar como ele é.

#### 05) Utiliza sempre as mesmas imagens?

É a escola que tem. Na prefeitura sempre tem algum material que o próprio NAI manda para os professores.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Eu quero que ele perceba que a imagem é importante. Que através da imagem você pode analisar. Que a imagem dá a primeira impressão pro texto. Que o texto pode aprofundar, entrar em detalhe. Eu acho que a imagem consegue passar uma mensagem mais rapidamente que o texto. E isso, às vezes, é importante. Como na propaganda, que serve para fazer o público consumir.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Não, não acho. Eu uso textos do Fernando Pessoa na 5ª série, pra falar dos heterônimos, e eles ficam encantados sem saber de uma pessoa que escrevia como se fosse outra. Então, sempre que aparece um texto de algum autor, eu falo um pouco da sua época. Eu não acho que tem que ser linear. Inclusive, não acho apropriado no 1º ano do Ensino Médio começar com o Trovadorismo, Arcadismo. É difícil pra eles. Eu preferia trabalhar no 1º ano com o contemporâneo, com o Modernismo e depois quando chegar no 3º falar do que é mais chato.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Infelizmente, já. Eu tenho uma aluna da 5ª série que é negra, além disso é obesa e a sala é de crianças branquinhas, porque a escola está bem localizada e tem alunos com condições. Então, eles a discriminam. Nós já passamos pra coordenadora e tem uma pessoa do apoio pedagógico que vai conversar com a aluna e depois falar com a sala.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Outro dia eu peguei um texto da Lua. O regime da Lua. Porque nas salas estava tendo o problema de chamarem alguns alunos de gordos, então eu peguei esse texto que falava que a Lua estava se achando muito gorda, então, ela via as estrelas e queria ficar magrinha como elas. Daí virou Lua minguante, e no decorrer do texto a Lua vai percebendo que se ela ficasse minguante, as pessoas não poderiam mais sair à noite porque não teria claridade. E o texto vai mostrando a importância da Lua Cheia. Eu relatei esse texto com as pessoas, e os alunos foram percebendo que todos eram importantes. Acho que assim funciona, porque você chegar e falar para o aluno que ele não pode discriminar, e blábláblá... Não adianta. É como uma sementinha que todo dia você tem que estar regando. Não é só uma atividade, é em toda oportunidade.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Eu acho que a origem da língua portuguesa. Que o nosso vocabulário é riquíssimo e que tem influência dos africanos, a alimentação, o folclore. Tem muita coisa que podemos aproveitar e que veio de lá.

Quais autores negros, ou descendentes você conhece?

Temos o Machado de Assis, apesar de eles não acharem, mas ele é negro. O Lima Barreto, o José de Alencar acho que tem alguma coisa. Mas, o mais marcante é o Machado de Assis porque todos achavam que ele era branco. Mais nessa época dos mais antigos, eles não sabiam que eles eram negros, a foto era quase branca. Inclusive, no Museu Afro eles comentam isso.

Quais autores africanos você conhece?

Sinceramente, não lembro. Eu sei que já li, porque na prefeitura a gente leu vários textos, mas não sei não.

Imagens que trabalha na sala de aula:

Nenhuma em especial.

Livro didático utilizado com os alunos:

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Editora Atual, 2006. 3º edição. 4 volumes.

ENTREVISTA Nº 1813/04/2007

NOME: Fernanda Meireles

IDADE: 28                      SEXO: Feminino                      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Assis / SP

ANO DA GRADUAÇÃO: 2000

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: UNESP – Universidade Estadual Paulista

LOCAL: Assis / SP

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 07 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: E. E. Antônio Raposo Tavares

BAIRRO: Centro/Osasco

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Língua Portuguesa/Literatura

TEMPO DE SERVIÇO: 02 anos

TURMAS QUE TRABALHA: 7ª séries (Ensino Fundamental) e 3ª séries (Ensino Médio).

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 1.200

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não.

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

É ser como qualquer outra pessoa, não há nada de especial ou de diferente. Só muda a cor e algumas características físicas. Mas pra mim, isso não é significativo porque todos somos iguais.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO:

10%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA?

Não há. Portanto, é 0%.

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL?

50%.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01)Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar?

Tradicionalista. Aula expositiva, exercícios no caderno e algumas produções de cartazes. Os professores eram legais, mais não havia muita relação entre os alunos e os professores.

02)Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Estudei somente em escola pública: E. E. Dom Antônio José dos Santos e E. E. Prof. Ernani Rodrigues, em Assis.

03)Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Língua Portuguesa, porque sempre fui apaixonada por literatura.

04)Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

Não. Nunca me liguei muito nisso.

05)Na sua escola tinha alunos negros?

Sim. Quase a metade dos alunos eram negros.

06)Professores negros?

Sim. Uns 20%.

07)Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem?

Nunca percebi situações discriminatórias. Acho que nas escolas que estudei nunca aconteceram esse tipo de situação.

08)Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Tráfico negreiro, Abolição dos escravos, Questões sobre preconceito e racismo.

### Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Não.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros?

Sim. Um número menor que no ensino fundamental, mas tinha sim. Cerca de 20%.

03) Professores negros?

Tive dois professores negros.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Sim, Literaturas Africanas.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Sim, cumpriu todos os objetivos propostos. Todos os temas foram abordados de forma abrangente e com significativo espaço para reflexões e discussões.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?

Sim, na Universidade em 2000.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sim. Tive acesso numa escola particular que leciono.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Sim. No Banco do Brasil, a uns dois anos atrás.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Não. Nunca tive muita curiosidade e nunca fui convidada. Além disso sou católica e não acredito nessas coisas.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim. Cito o poema *Navio Negreiro*, escrito por um dos maiores escritores da literatura brasileira, o poeta Castro Alves, o poeta dos escravos, do povo, da liberdade. Também tem Machado de Assis, Lima Barreto e vários outros.

06)Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Não concordo. Acho que esta tentativa de “ajudar” é ainda mais excludente. As reformas deveriam acontecer no ensino básico fundamental e médio, para que as oportunidades pudessem se igualar. Hoje em dia, todos têm as mesmas oportunidades, portanto, devem competir a partir das mesmas condições.

### Sobre a prática profissional

01)Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Sim, o livro didático é escolhido pelo grupo de professores da área. A partir das recomendações do MEC.

02)Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Discutindo-as e contextualizando-as. Fazendo com que o aluno seja crítico com a imagem e ver que ela está inserida num texto ou numa idéia.

03)Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais freqüência para abordar os assuntos das aulas?

Filmes, jornais e revistas.

04)Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Seleciono imagens condizentes com os temas a serem estudados. O principal é o assunto do texto, depois a imagem que irá ilustrar esse tema.

05)Utiliza sempre as mesmas imagens?

Não, procuro diversificar para que os alunos possam ter referências que envolvam as diferentes épocas e acontecimentos sobre os temas estudados.

06)O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

As imagens são ótimas fontes de fixação e, principalmente, de reflexão sobre os temas. Mas o principal é ilustrar os textos ou assuntos trabalhados.

07)Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Levo em consideração o grau de abstração de cada série, assim como a importância do fato diante do tema a ser estudado. Portanto, pode ser linear ou não, irá depender da série e da proposta.

08)Existe preconceito ou discriminação na escola?

Não que eu tenha percebido.

09)O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Procuro sempre contextualizar o tema e expor de maneira clara e direta os assuntos que envolvem ações discriminatórias, sempre dou exemplos de discriminação evidentes e presentes no dia-a-dia, para que os alunos possam compreender a gravidade do problema. Mostro que não só os negros devem ser respeitados, mas todas as pessoas, independente da cor, raça, preferência sexual.

10)Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Creio eu que todos os pontos de referência para o estudo da história da África ou cultura afro-brasileira são importantes, porém, destaco a questão do trabalho escravo, do tráfico negreiro e da Abolição dos escravos no Brasil.

Conhece escritores africanos?

Na universidade, como já disse, tivemos aula sobre a literatura africana, até li um livro de um escritor angolano, mas agora, não me recordo o nome dele.

Imagens que trabalha na sala:

Não lembra de nenhuma no momento.

Livro didático utilizado com os alunos:

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Editora Atual, 2006. 3º edição. 4 volumes.

ENTREVISTA Nº 1925/04/2007

NOME: Renata Fernandes Gomes Olaia

IDADE: 31                      SEXO: feminino                      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo - SP

ANO DA GRADUAÇÃO: 1999

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Faculdades Padre Anchieta

LOCAL: Jundiaí - SP

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 09 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: EMEF Prof. Antonio Carlos Carvalho

BAIRRO: Jordanésia – Cajamar - SP

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Língua Portuguesa

TEMPO DE SERVIÇO: 09 anos

TURMAS QUE TRABALHA: 5ª e 6ª séries

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 478

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

É ser gente. Não diferencio branco de negro.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO: 5%QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM  
FUNÇÕES DE CHEFIA? 0%QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES  
DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 15%No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01)Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Tradicional, mas era boa.
- 02)Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Pública, EE Walter Ribas de Andrade em Cajamar – SP.
- 03)Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Língua Portuguesa, era a que mais tinha leitura.
- 04)Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Não.
- 05)Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, 20%.
- 06)Professores negros? Quanto?  
Sim, 02 professores.
- 07)Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Não percebia nenhuma situação de discriminação.
- 08)Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Não me lembro.

#### Durante a sua formação universitária

- 01)Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não. Nunca tive.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, alguns, não consigo precisar quantos.
- 03)Professores negros? Quanto?  
Sim, 01.
- 04)Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?  
Não.
- 05)Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Em parte, pois é necessário continuar estudando.

### Sobre formação paralela ou continuada

- 01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Sim, palestra sobre cultura afro.
- 02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?  
Não conheço.
- 03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira? Qual?  
Não.
- 04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?  
Sim, centro de Candomblé. Gostei bastante.
- 05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?  
Deve haver, mas não tenho conhecimento.
- 06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).  
Sou contra, pois, a distribuição deve ser em cima de renda e não da cor.

### Sobre a prática profissional

- 01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?  
Não sou eu que escolho, uso o que a direção ou coordenação sugere.
- 02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?  
O livro serve como apoio, as imagens são utilizadas para análises, leituras etc.
- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?  
Vídeos, gravador, retro etc.
- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Pela qualidade e o que elas tem a nos dizer.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Não, pois é necessário ampliar o repertório dos alunos.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

As diversas possibilidades de leituras.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Sigo os PCNs.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Não percebo.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

A partir das conversas e reflexões, mudando valores e atitudes.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

A importância de sua contribuição para a formação do Brasil.

Imagens que trabalha na sala de aula:

Livros de arte, internet, jornais e revistas.

ENTREVISTA Nº 2004/05/2007

NOME: Marli Lopes de Oliveira Tavares

IDADE: 45                      SEXO: Feminino                      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Valentim Gentil - SP

ANO DA GRADUAÇÃO: 1998

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Faculdade Teresa Martin

LOCAL: São Paulo - SP

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 16 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: EMEF Prof. Antonio Carlos de Carvalho

BAIRRO: Jordanésia – Cajamar - SP

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Língua Portuguesa

TEMPO DE SERVIÇO: 01 ano

TURMAS QUE TRABALHA: 5ª a 7ª série

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 578

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Sim, Comissão de Professores, APEOESP

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

É uma etnia diferente. Que tem características hereditárias dos seus ancestrais e uma história permeada por exclusões.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA INSTITUIÇÃO: 5%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE CHEFIA? 0%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 15%

### No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01)Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Aulas expositivas, a relação professor aluno era normal, sem conflito.
- 02)Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Pública, EE Suzana Dias em Cajamar – SP.
- 03)Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Geografia, porque a área já me fascinava nessa época.
- 04)Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Não.
- 05)Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, 30%.
- 06)Professores negros? Quanto?  
Sim. Tive dois professores negros.
- 07)Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Sim, minha professora não aceitava ser negra. Ela não era muito simpática com alguns alunos, os mais bagunceiros, daí eles desenhavam ela com o cabelo desgrenhado ou xingavam ela de macaca, essas coisas. Ela xingava, mandava para a direção, mas eles não resolviam nada.
- 08)Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Somente a abolição dos escravos e o tráfico negreiro.

### Durante a sua formação universitária

- 01)Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, 20%.
- 03)Professores negros? Quanto?  
Não tive professores negros durante a faculdade.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?  
Sim, história da África.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?  
Em parte, o aprendizado é uma busca constante. Mas acredito que ele instigou o senso crítico e a necessidade de estar sempre estudando e pesquisando.

#### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?  
Sim, em 2005, Educando Para a Diferença e Igualdade Racial.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso?  
Sim, por meio de consulta dos documentos, no próprio curso.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira? Qual?  
Sim, no Museu Afro Brasil.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?  
Sim, numa apresentação de candomblé, é a própria representação da cultura afro-brasileira.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?  
Sim, Milton Santos, Debret, Portinari, Castro Alves, Machado de Assis.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).  
São necessárias, para amenizar o preconceito, sendo uma forma de reparo a discriminação e humilhação da cultura negra no Brasil. Vejo que é uma chance para que as pessoas negras e seus descendentes tenham uma oportunidade sistemática de mudança social.

#### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?  
Sim, o grupo de professores.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Através de leitura, análise, reflexão, debates, seminários.

- 03) Exceção do livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?  
Vídeo, retroprojetor, estudo do meio.
- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?  
Pela qualidade e idoneidade de quem produz.
- 05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?  
Não, para aprofundar conhecimentos, ver diferentes pontos de vista.
- 06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?  
Diferentes formas de leituras. Já que a imagem é texto e como qualquer outro texto ela está permeada pela história e pela ideologia.
- 07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?  
A partir dos conhecimentos prévios dos alunos e os PCNs.
- 08) Existe preconceito ou discriminação na escola?  
Num menor número, mas ainda existe.
- 09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?  
Por meio de reflexões da diversidade cultural, já que a escola é um espaço aberto a estas discussões.
- 10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?  
A origem do povo brasileiro e sua contribuição a essa formação.

Imagens que trabalha na sala de aula:

Debret, Portinari, Milton Santos.

Livro didático utilizado com os alunos:

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Editora Atual, 2006. 3ª edição. 4 volumes.

ENTREVISTA Nº 2103/06/2007

NOME: Cristiane Silva Gomes

IDADE: 28 anos

SEXO: Feminino

COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo

ANO DA GRADUAÇÃO: 2000

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Unesp

LOCAL: Assis/SP

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 06 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: E. E. Beatriz de Quadros Leme

BAIRRO: Parque Fernanda

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Língua Portuguesa

TEMPO DE SERVIÇO: 03 anos

TURMAS QUE TRABALHA: Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS:

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não.

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Ter a cor da pele escura.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO: 30%QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM  
FUNÇÕES DE CHEFIA? 5%QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES  
DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 50%No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Na grande maioria das vezes as aulas eram expositivas, com giz e lousa. E a relação era normal, tradicional.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Escola Pública, a Zulmira Cavalheiro Faustino, na zona sul de São Paulo.
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Gostava sobretudo de português e história, pois os professores estabeleciam relação entre as duas disciplinas, além de serem bem informados e alegres.
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Não.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Não me lembro a quantidade exata, mas havia muitos, principalmente no noturno.
- 06) Professores negros? Quanto?  
Tinha 12 professores e desse número havia 4 negros. Isso no Ensino Médio, já no fundamental não me lembro direito.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Algumas vezes discriminação entre os próprios alunos, mas não lembro de casos que chegavam à direção da escola.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Nenhum. Realmente, não lembro de nada.

#### Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, cerca de 15%.
- 03) Professores negros? Quanto?  
Nenhum.
- 04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Tive aulas de Literatura Africana.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Sim, pois o curso abordou várias culturas e tinha professores muito gabaritados e interessados em desenvolver o potencial dos alunos. Participei de pesquisas e pude entrar em contato com muitas informações interessantes e importantes para a minha carreira.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando? Não.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Como teve acesso? Não.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira? Qual? Não.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou? Não.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referenciadas nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais? Sim. Há escritores como Lima Barreto e diversos artistas como os modernistas brasileiros.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).  
Na verdade acredito que esse sistema de cotas só acentua a discriminação racial, pois brancos ou negros, todos devem ser tratados igualmente. Além disso, parece existir uma arbitrariedade nessa seleção, como foi aquele caso da UNB. Acho que a solução deveria ser cotas para os pobres, independente de serem negros ou brancos.

### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe? Os livros didáticos são escolhidos pelo grupo de professores da escola.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

As imagens são fundamentais para ilustrar as características estilistas das obras e para facilitar o entendimento para os alunos.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

Além do livro didático, utilizo textos de jornais e revistas.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Na verdade, eu não uso essas imagens porque não costumo abordar esse temas, prefiro abordar assuntos mais universais.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Já falei antes.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

As imagens refletem a cultura e ao modo de pensar de uma época. Então, trabalho a história e a cultura junto com a literatura.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Para uma melhor compreensão por parte dos alunos acredito que o diacronismo é a melhor maneira. Assim, sempre que os temas são selecionados, retorna-se aos anteriores.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Acredito que sim, pois são muitas pessoas com valores e idéias diferentes.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

A partir de obras literárias procuro fazer os alunos refletirem sobre o comportamento das personagens e discutir conceitos de cidadania e respeito as diferenças.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Acredito que falar em cultura dos povos leva a vários assuntos importantes dentro do contexto sócio-econômico e político.

**Imagens que utiliza em sala de aula:**

Obras dos modernistas como Cândido Portinari e Anita Malfatti.

**Livro didático utilizado com os alunos:**

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Editora Atual, 2006. 3º edição. 4 volumes.

ENTREVISTA Nº 2224/06/2007

NOME: Suzana Carpigiani de Lara

IDADE: 42                      SEXO: Feminino                      COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo/SP

ANO DA GRADUAÇÃO: 1986

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Universidade Mackenzie

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 21 ANOS

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Colégio Notre Dame

BAIRRO: Sumaré

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Língua Portuguesa

TEMPO DE SERVIÇO: 4 ANOS

TURMAS QUE TRABALHA: 6<sup>o</sup> A 9<sup>o</sup> ANO

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 400

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

É um ser humano como outro qualquer que passa por muitos preconceitos no meu país.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO: 5%QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM  
FUNÇÕES DE CHEFIA? 0%QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES  
DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 5%No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Metodologia tradicional, não havia muitas preocupações com estratégias ou métodos, quem estava na escola “tinha que estudar e ponto final”. Em 1 das 2 escolas em que estudei, a relação era muito saudável, os professores tentavam ser amigáveis.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
O Fundamental em escola pública, Brasília Machado em São Paulo – Pinheiros e o Médio no Objetivo da Paulista, São Paulo.
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Eu sempre gostei muito de línguas, Português e Inglês, talvez porque tivesse facilidade, gostava muito de ler e tinha o incentivo da minha família para estudar outras línguas.
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
No Fundamental participei uma época, mas depois não mais.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
No Brasília Machado tinha muitos, mas não era a metade, talvez 40% dos alunos.
- 06) Professores negros? Quanto?  
Tive alguns. Não recorro a quantidade exata.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Não me lembro de nada.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
Lembro de temas relacionados à formação da nossa língua e aspectos folclóricos.

#### Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Não lembro quantos havia na instituição mas, na minha sala não tinha.
- 03) Professores negros? Quanto?  
Durante os quatro anos de curso só tive dois.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Não.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Sim, porque me formei uma profissional capacitada para desempenhar minhas funções.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?

Não.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Como teve acesso?

Sim, tive acesso desde a época em que começou a se falar no Dia da Consciência Negra.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Qual?

Não.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Não.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim, existem alguns livros paradidáticos que abordam este assunto.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Acho que é justo quando analiso que nosso país é muito preconceituoso e não oferece as mesmas oportunidades para todos, como deveria ser.

### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Utilizo, eu o escolho juntamente com uma equipe de profissionais.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Geralmente trabalho da forma como é indicada pelo próprio livro.

- 03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?  
Jornal, pesquisa em internet.
- 04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?  
Utilizo o que o livro propõe.
- 05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?  
Sim, porque já estão inseridas em um contexto.
- 06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?  
Quero que eles aprendam a decodificar e analisar qualquer tipo de mensagem que lhes seja proposto.
- 07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?  
Como já citei, sigo o que é proposto no livro, pois quando o escolhemos, levamos em conta também os temas que são propostos. Acho fundamental quando ocorre a interdisciplinariedade, pois o próprio aluno consegue estabelecer relações.
- 08) Existe preconceito ou discriminação na escola?  
Sim, pois o ser humano está cada vez mais cruel.
- 09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?  
Procuro sempre trabalhar através de textos ou em rodas de leitores, sobre assuntos discriminatórios e polêmicos, pois é falando sobre o assunto que podemos mostrar ao outro o que me incomoda e o que acredito ser o mais justo.
- 10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?  
Acho que primeiro de tudo o estudante de classe média e alta precisa aprender que o africano não foi só escravo e que teve e tem uma participação fundamental no nosso país.

Imagens que trabalha na sala de aula:

Um dos livros que adotamos é o Casa-Grande & Senzala em quadrinhos do Gilberto Freire.

Livro didático utilizado com os alunos:

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Editora Atual, 2006. 3º edição. 4 volumes.

ENTREVISTA Nº 2327/06/2007

NOME: Cecília Santana Ono

IDADE: 44 anos

SEXO: Feminino

COR: Branca

LOCAL DE NASCIMENTO: Itaperecica/MG

ANO DA GRADUAÇÃO: 1989

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: UNIP

LOCAL: São Paulo/SP

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 17 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Escola São Vicente de Paulo

BAIRRO: Parque Fernanda

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Língua Portuguesa

TEMPO DE SERVIÇO: 08 anos

TURMAS QUE TRABALHA: Fundamental II e Ensino Médio

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS:

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? Não.

O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Ter a pele negra e traços africanos.

A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA  
INSTITUIÇÃO: 20%QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM  
FUNÇÕES DE CHEFIA? 30%QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES  
DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? 20%

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

- 01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?  
Método tradicional, mas com relacionamento democrático. Não era autoritário. Realizávamos exercícios, líamos em voz alta e realizávamos provas escritas.
- 02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?  
Escola Pública. Passei por várias.
- 03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?  
Ciências, porque falava de coisas concretas. E Português porque eu queria falar “bonito”, comparava a linguagem familiar com a ensinada na escola. Não queria falar como o resto da minha família.
- 04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?  
Sim, participei do grêmio escolar.
- 05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?  
Tinha bastante aluno, mas não sei a quantidade exata, talvez 50 ou 40%.
- 06) Professores negros? Quanto?  
Nunca tive professores negros.
- 07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?  
Sempre percebi. Desde criança fui contra todo tipo de humilhação, por isso me lembro de ouvir os professores pregando a igualdade, mas não me lembro de punição nesses casos. Os alunos falavam e xingavam outros alunos, mas ficava por isso mesmo.
- 08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?  
A dança, a comida e a música.

Durante a sua formação universitária

- 01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?  
Não.
- 02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?  
Sim, cerca de 15%.
- 03) Professores negros? Quanto?  
Não tive.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Não.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Não. Porque aprendi mesmo foi trabalhando e estudando para poder ensinar. Só quando entrei no mercado de trabalho é que percebi que a faculdade preparou mal.

#### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?

Não.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Como teve acesso?

Não.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Qual?

Não.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Não.

05) Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referências nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Sim. Principalmente os livros do Movimento Realista e Naturalista, além dos livros do início do Modernismo.

06) Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Penso que tudo que se faz para melhorar as condições de vida de alguém ou de um grupo deve ser valorizado. A escravidão foi uma coisa vergonhosa que nunca será reparada.

Portanto, acredito que as cotas podem ajudar os negros a entrarem nas faculdades e poder batalhar por uma vida melhor.

#### Sobre a prática profissional

01) Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

O livro é escolhido em consenso pelos professores da escola.

02) Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Procurando relacioná-la ao texto, contexto e os objetivos dos exercícios. Só uso imagens quando o livro sugere ou facilita a compreensão dos textos.

03) Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais frequência para abordar os assuntos das aulas?

Gosto de usar cartaz, música e rádio.

04) Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Nunca utilizei imagens para abordar esse tema. Às vezes trabalho com o tema do racismo, mas nunca usei imagens.

05) Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Quase sempre. Já faz um tempo que utilizo o mesmo livro didático.

06) O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

As imagens são marcantes e a memória as guarda bem. Então, se o aluno vê uma imagem relacionada a um texto, quando peço para ele lembrar do texto ou da aula é só mostrar a imagem já trabalhada.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

Os livros didáticos já trazem um “esqueleto” que precisa ser seguido para não comprometer a sequência do que deve ser dado nas séries seguintes. Mas muitas coisas são antecipadas ou adiadas, dependendo da maturidade das turmas e de acordos entre os professores. Tanto dentro da minha disciplina quanto nos projetos, nada é feito individualmente, é sempre em consenso.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Claro que sim. A escola é uma amostra do que é a sociedade. Trabalho com pré-adolescentes e adolescentes. Eles são cruéis com os gordos, com os dentuços, com qualquer coisa que chame atenção: um nariz grande, uma orelha mais saliente, quem usa óculos. Quanto a cor de pele, acho que não é tanto.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Talvez a minha matéria seja a que mais propicie momentos para tais reflexões, pois trabalhamos com diversos tipos de textos e este assunto é abordado por muitos deles. Juntando situações que surgem com os textos, penso que consigo diminuir tais comportamentos. Minhas ações também são coerentes com o que falo para eles.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Todos os que facilitem a compreensão da nossa cultura. Todos os assuntos são importantes, não dá para escolher alguns e excluir outros.

Imagens que utiliza em sala de aula:

Nunca usei.

ENTREVISTA Nº 2427/06/2007

NOME: Rose de Lima Barbosa

IDADE: 44 SEXO: Feminino COR: Parda

LOCAL DE NASCIMENTO: Rio de Janeiro

ANO DA GRADUAÇÃO: 1984

INSTITUIÇÃO DA FORMAÇÃO: Universidade de São Paulo

LOCAL: São Paulo

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 23 anos

NOME DA ESCOLA QUE TRABALHA: Colégio Notre Dame

BAIRRO: Sumaré

COMPONENTE CURRICULAR QUE DESENVOLVE: Literatura e Filosofia

TEMPO DE SERVIÇO: 07 anos

TURMAS QUE TRABALHA: 6º ano EF II ao 3º ano EM

QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS: 400(?)

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO SOCIAL/POLÍTICO? QUAL? No momento não.

### O QUE É SER NEGRO PARA VOCÊ?

Num país miscigenado como o Brasil significa, além da questão de fenótipo ou genótipo, uma questão histórico-social.

### A PARTIR DO CONCEITO QUE VOCÊ TEM SOBRE O NEGRO, RESPONDA:

#### QUAL A PORCENTAGEM DE PROFESSORES NEGROS QUE TRABALHAM NA

INSTITUIÇÃO: não sei o total para fazer a relação percentual, porém muitos dos que eu classificaria como tal, talvez não se classifiquem.

#### QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM

FUNÇÕES DE CHEFIA? Uma pessoa em cinco, então é 20%

QUAL A PORCENTAGEM DE PESSOAS NEGRAS QUE DESENVOLVEM FUNÇÕES DE LIMPEZA OU DE AUXÍLIO GERAL? Praticamente 100%, de acordo com o conceito dado.

No tempo de estudante do Fundamental II e Ensino Médio

01) Qual foi a metodologia e as estratégias utilizadas pelos professores no seu percurso escolar? E como era a relação professor-aluno?

Digamos que, para a época, houve uma transição entre metodologias tradicionais com alguns professores tentando inovar sua didática. A relação entre ambos era muito boa.

02) Você estudou em escola privada ou pública? Qual? Onde?

Estudei em escola pública, 1ª à 4ª série Grupo Escolar Ginásio do Ipiranga (Ipiranga), 5ª à 8ª série E.E. P. G Maria Peccioli Giannasi (era de madeira, fica no Bairro da Figueira Grande), E.E.S.G. Alberto Comte (Largo 13 de maio)

03) Qual componente curricular você mais gostava. Por quê?

Gostava mais de Física, Matemática, Geografia e Literatura. Tinha facilidade de ler e compreender estes componentes, assim como eles me desvendavam muitas curiosidades sobre o mundo material e emocional.

04) Você participava do grêmio escolar, associações, movimento estudantil?

O Ginásio fiz parte, por dois anos, do Grêmio e, no Colegial, da UNE.

05) Na sua escola tinha alunos negros? Quanto?

Na escola em que fiz o Ginásio sim, muitos (escola na periferia de São Paulo), no Colegial não muitos (não lembro quantos)

06) Professores negros? Quanto?

Nenhum, em ambos os cursos.

07) Você percebia situações de discriminação na escola? De que tipo e vindas de quem? E como a escola resolvia?

Não as percebia.

08) Quais temas da cultura afro-brasileira ou africana você estudou na escola?

Me recordo vagamente de ter estudado o continente africano nas aulas de geografia e de ter informações sobre o tema a partir do meu envolvimento com a UNE, no colegial.

### Durante a sua formação universitária

01) Teve ligação com movimentos estudantis, sociais ou políticos?

Sim: UNE, Comunidades Eclesiais de Base, Sindicatos.

02) Na instituição em que você estudou tinha alunos negros? Quanto?

Sim. Digamos que, na minha turma, em torno de 10%.

03) Professores negros? Quanto?

Sim, porém poucos. Não sei precisar quantos.

04) Na sua graduação houve alguma disciplina que abordava a história da África ou da cultura afro-brasileira?

Sim, apesar de superficialmente, Antropologia.

05) Você considera que o seu curso de formação cumpriu os objetivos propostos? Por quê?

Sim, pois me possibilitou o aprendizado e a prática do pensamento dialético. Me possibilitou referências estruturais para poder analisar a sociedade na qual vivo e outras, ampliou meu repertório emocional e intelectual sobre o mundo, além da convivência com pessoas de ideologias e práticas muito diferentes das minhas.

### Sobre formação paralela ou continuada

01) Realizou algum curso ou oficina sobre a cultura africana ou afro-brasileira? Quando?

Não muitos oficialmente, meu conhecimento se dá por procura própria. Particpei do projeto África-Brasil, realizado pelo SESC.

02) Você conhece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Como teve acesso?

Sim, pela internet.

03) Já foi em alguma exposição temática sobre a África ou Cultura Afro-brasileira?

Qual?

Brasil 500 anos, Museu afro-brasileiro, exposições no Sesc, SESI.

04) Já foi em algum rito religioso de origem africana? Qual? O que achou?

Sim. Umbanda. Achei bastante envolvente, porém com muita influência da espiritualidade cristã.

05)Na sua disciplina existem obras literárias, artísticas ou sociológicas referencias nos temas africanos ou afro-brasileiros? Quais?

Existem, porém as uso muito pouco, pois esta temática ainda não é discutida em minha escola. Por exemplo: Mitologia dos Orixás (Cia das Letras), e a contribuição de diversos escritores negros ou que trataram da temática negra, principalmente os do final do século XIX e início do XX.

06)Qual a sua opinião sobre as políticas afirmativas? (cotas para negros e afro-descendentes nas diversas instâncias públicas).

Penso que são medidas paliativas para a inclusão da maioria da população nos níveis de qualidade de vida que todos deveriam ter. São necessárias reformas econômicas e educacionais estruturais para realmente incluir a maior parte da população desclassificada social, econômica e politicamente.

### Sobre a prática profissional

01)Você utiliza livro didático? É você que o escolhe?

Sim. Eu escolho.

02)Como trabalha com as imagens reproduzidas no livro didático?

Os livros de filosofia que adoto não trazem muitas imagens, o que é uma pena. Quando tenho oportunidade para usá-las procuro fazer com que o aluno observe e elenque os dados visuais como formas, cores e outros elementos e tente relacioná-los a algo que ele conheça ou ao conteúdo que estamos trabalhando. Já os livros de Literatura trazem muitas informações, porém as vezes a imagem é só reforço visual, não traz informações novas ou críticas.

03)Excetuando o livro e a lousa, qual recurso utiliza com mais freqüência para abordar os assuntos das aulas?

Livros paradidáticos, jornais, revistas, filmes.

04)Como você seleciona as imagens sobre temas africanos ou afro-brasileiros para ilustrar as aulas?

Não uso, até por que não sei aonde e como selecionar (no caso da internet).

05)Utiliza sempre as mesmas imagens? Por quê?

Não. Não uso.

06)O que você quer que os alunos compreendam ou percebam quando utiliza as imagens como recurso pedagógico?

Quando as uso pretendo que percebam que o pensamento pode ser expresso de diversas formas, e que algumas, diferentes da expressão escrita ou oral, são mais eficazes em serem comunicantes de significados em determinados momentos.

07) Quais critérios utiliza para selecionar os temas para cada série? Acha importante os períodos ou movimentos históricos serem desenvolvidos diacronicamente?

É interessante conhecer a evolução dos fenômenos através do tempo, até para perceber que a cultura que produzimos e da qual também somos produto é viva, tem movimento, porém nada impede que façamos recortes nesta produção cultural para atender a fins didáticos (seja na linguagem filosófica, artística etc.). Os temas no Ensino Fundamental estão relacionados às questões e interesse suscitados pelos alunos nas aulas. Parto de um tema gerador que pode ser o próprio livro didático, ou um fato emergente, ou uma história. Os temas no EM estão vinculados aos conteúdos da disciplina de História (tentamos, pelo menos), porém quando aparecem temas emergentes, paramos e os estudamos.

08) Existe preconceito ou discriminação na escola?

Sim.

09) O que as suas aulas colaboram para diminuir ou acabar com essas ações discriminatórias?

Não sei se colaboram efetivamente, pois algumas idéias chegam a sala muito sedimentadas devido à família, mídia etc. Procuro, porém, sempre colocar em xeque as afirmações dos alunos com dados e referências históricas, além de questionar as razões pelas quais acreditam no que acreditam.

10) Quais são os assuntos mais importantes, e que os alunos devem conhecer, da história da África ou cultura afro-brasileira?

Sinceramente, penso que foco dado à produção intelectual europeia deveria ser revisto em todos os conteúdos. Essa produção deveria ser mais uma a ser estudada e não a única, em todos os seus aspectos: históricos, geográficos, religiosos, linguísticos, artísticos, filosóficos, tecnológicos etc. Assim, penso que todos estes enfoques deveriam ser estudados também sobre a cultura ameríndia, afro-brasileira, africana etc.

Imagens que utiliza em sala de aula:

As do livro didático, filmes com essa temática.

Livro didático que trabalha com os alunos:

DE NICOLA, José. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2005.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)